

AS  
TRES ROMAS.

DIARIO  
D'UMA VIAJEM À ITALIA.

PELO ABBADE GAUME,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro-da ordem  
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião  
Catholica de Roma, etc.

*Nec unquam (civitas) nec  
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade  
maior nem mais sancta.  
TIT. LIV. *Hist. lib. I.*

TOMO SEXTO.



PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO,  
*Rua das Hortas n.º 82.*

—  
1859.





*Bibliothèque Saint Libère*

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.



**AS**

**TRES ROMAS.**

**VI.**



## TRES ROMAS.



9 de Março.

Santa Francisca, Romana. — Oratorios nocturnos. — O  
Caravita. — Escolas da noite.

Pela manhã, o povo se dirigia em multidão para a igreja de *Tor dei Specchi*: celebrava-se n'ella com grande pompa a festa de Santa Francisca, Romana. Eu mesmo tive a felicidade de offerecer os augustos mysterios n'aquelles lugares cheios de piedosas recordações e no meio da commuidade, digna herdeira da Santa. Nascida em Roma, em 1384, d'uma illustre familia, Francisca desposou, ainda moça, Lorenzo Ponzani, igualmente distincto pela nobreza, pela fortuna e pelas virtudes. Esta união recordou a de Santo Eleazar com Santa Delphina. Enviuvando, Francisca resolveu consagrar-se inteiramente a Deus e aos pobres. No mundo tinham-a visto, unindo a mortificação à esmola, fazer com os mendigos um negocio d'um egoismo sublime. Em troca do bom pão que lhes dava, queria que elles lhe cedessem as côdeas desseccadas em suas algibeiras; e em tanto que o pobre comia o alimento delicado da opulencia, a nobre matrona contentava-se com o grosseiro alimento da miseria. A sua iateira abnegação de si propria se traduziu por uma palavra que existe na commuidade, onde conserva o mesmo sentido. Em todas as outras partes a re-

ligiosa chama *profissão* ao acto solemne da sua consagração ao serviço de Deus; aqui designam-a pela palavra *oblação*. Não achais aqui um matiz de idéas que o espirito admira e uma exquisita delicadeza de sentimentos que penetra o coração? A religiosa apparece-vos, não só como uma pessoa que pronuncia compromissos mais ou menos extensos; mas como uma humilde victima que se leva ella propria ao altar, *affero*, e que se immola definitivamente e para sempre.

A capella e todas as sallas do convento estavam cheias de damas da mais alta condição; porque as oblatas de Santa Francisca se recrutam em geral nas classes elevadas da sociedade. Ao sahirmos d'uma magnifica saudação do SS. Sacramento, continuamos o nosso estudo da charidade romana.

Se vos succedeu percorrerdes, ao cahir do dia, os *bulevares* de Londres ou de Paris, vistes, de distancia em distancia, edificios esplendidamente allumiados, e uma multidão de artistas e d'obreiros, de homens, mulheres e crianças, entrar de envolta n'aquelles vastos aposentos.

E' a hora do espectaculo: o povo dirige-se lá, e lá passa parte da noite; e, em troca do seu dinheiro, aprende a mofar da religião, da virtude e dos bons costumes; irritam-se as suas paixões, inflamnam-se os seus desejos, enfraquece-se a sua vida moral, e muita vez o dever se lhe torna um fardo demasiadamente pesado. Em todo o caso, nunca sahe de lá nem mais probo, nem mais resignado, nem mais laborioso; e comtudo gastou parte do seu salario e da subsistencia da sua familia. Em Roma encontrais tambem theatros, mas as peças são rigorosamente



censuradas; e depois, ao lado daquelles logares de divertimento profano, tem a intelligente charidade abertos asylos onde o homem do povo e até mesmo o cidadão opulento podem encontrar gozos que augmentam a sua vida moral, reanimam a sua coragem, consolam os seus pezares, e sustentam a sua fraqueza, sem arruinarem nem a sua fortuna nem as suas economias: quero fallar dos oratorios nocturnos.

Dá-se este nome a egrejas ou capellas, mais ou menos amplas, que se abrem todas as noites ao publico. Cantos religiosos, musica, uma instrucção, oraçoens, e outros exercicios de piedade, se succedem até hora muito adiantada da noite. Encontram-se oratorios nocturnos em todos os bairros de Roma, e em todas as partes é numerosa a assistencia. Tendes um em Santa Maria *del Pianto*, ao pé da praça *Giulia*, que é dirigido pelos membros da archiconfraria da doutrina christan. O cardeal Antonelli, cuja memoria ha de ser sempre abençoada entre os catholicos, estabeleceu quatro nos bairros mais afastados de Roma. Foi em 1795 que elles se abriram sob a direcção d'um illustre sacerdote, D. José Marconi. O primeiro é *ai Monti*, o segundo, na praça *Barberini*, o terceiro, no *Trastevere*, e o quarto junto da praça *Navone*, na igreja *della Pace*.

Todavia a extensão da cidade e o empenho do povo os tornavam, insufficientes. Alem disso toda a cidade Leonina, bem como os arredores do Vaticano, estavam privados desta util instituição. O abbade, conde Fioravanti, fallecido com o correr do tempo bispo de Rieti, encheu esta lacuna. Segundo o modelo dos precedentes,

estabeleceu um oratorio nocturno na igreja de Santo Anjo ai *Corridori*. Restavam os populosos bairros do *Ponte Quattro Capì*. Graças ao zelo do conego Carboni, cura de Santo Anjo in *Peschiera*, foram elles em breve favorecidos com o mesmo beneficio. O seu oratorio è em Santa Maria in *Vincis*. Collocado sob a protecção de S. Francisco Xavier e aggregado ao *Caravita*, reúne constantemente numerosa multidão de fieis e zelosos apostolos. Existem ainda varios outros oratorios nocturnos, dos quães não fallo a fim de evitar delongas. Contento-me em fazer conhecer o do *Caravita*, o mais antigo e celebre de todos. A sua historia, alem disso, é a historia de todos os outros: em todas as partes o mesmo fim, a mesma ordem e os mesmos meios.

Em 1606, vivia em Roma um moço noviço da Companhia de Jesus, chamado Nicolau Promontorio. Segundo o costume, ia todos os domingos, de combinação com os seus collegas, prègar ás praças publicas. A sua eloquencia e piedade attrahiam em volta do seu *palco* grande numero de ouvintes que elle depois conduzia ao tribunal da reconciliação. No ultimo domingo do mêz viam-se todos juntos aproximar-se da sagrada Meza, na igreja mais vizinha da praça onde se fizera a instrucção. Em breve os reuniram aos dias de festa n'uma capella do collegio Romano. Era d'alli que os mais fervorosos partiam para irem fazer a missão urbana; levando na frente o piedoso noviço fundador desta obra.

O padre Caravita succedeu ao padre Promontorio no duplo emprego de director da missão e presidente do oratorio. Inteiramente votado ao bom exito destas nascentes instituicoens, obteve

esmolas bastante consideraveis para mandar edificar a magnifica capella que ainda tem o seu nome. Está situada no centro de Roma, não longe da egreja de Santo Ignacio. Tres padroeiros lhe foram dados: a SS. Trindade, Santa Maria *della Pietà*, e o grande apostolo dos tempos modernos, S. Francisco Xavier: nunca vocabulo algum exprimiu melhor o fim e os meios d'uma obra desta especie.

O oratorio abre-se todos os dias ás vinte e quatro horas d'Italia, isto é ao cahir da noite. Eis os exercicios que alli se fazem para os homens sómente. Começa-se por algumas oraçoens seguidas d'uma instrucção pronunciada pelo director: vem depois o sublime canto da *Salve Regina*. Apenas elle está acabado quando se expõe o SS. Sacramento, e na presença de toda a multidão prostrada, se faz o *fervorino* para excitar á contrição. Sobrè todos os assistentes assim preparados cahe a benção daquelle que olha com amor os coraçõens contrictos e humilhados. A' terça feira, quinta e sabbado, exercicios de penitencia corporal substituem o sermão. Durante toda a sessão vêdes numerosos confessores assentados nos seus tribunaes, e cujo util ministerio se prolonga algumas vezes muito pela noite adiante.

No fim dos exercicios, alguns membros do oratorio começam a recitação do rosario. Continuam-n'a em varios côros nas ruas; a multidão junta a sua voz à delles, e os piedosos cortejos vão acabar os louvores da Mãe de misericordia e de graça ao pé da Madonna do *Archetto* ou da praça *Madama*.

O Caravita não se abre sómente na noite de cada dia. Na manhan de todos os dias de festa

de preceito, recebe os homens sómente que se querem alli confessar. Faz-se em voz alta meditação por espaço de meia hora: canta-se o officio da SS. Virgem, e ouve-se uma instrucção seguida do santo sacrificio da Missa. No primeiro domingo de cada mez tem logar a preparação para a morte, a recitação do officio de Defunctos e a communhão geral.

Desde a noite de Natal até ao primeiro de janeiro, fazem alli os homens o seu retiro. Em certas epochas, a entrada do Caravita é exclusivamente reservada a duas vastas associaçoens de mulheres. A primeira, fundada em 1707, approvada e enriquecida com indulgencias pelo Papa Clemente XI, compõe-se da flor da sociedade romana: chama se a Congregação das *Damas*. Os membros desta nobre assemblea vão ao oratorio uma vez por mez para o retiro da Boa Morte; fazem alli, durante a semana da Paixão, os exercicios espirituaes de oito dias; e um *triduum* em preparação para a festa da Assumpção. Dirigem se alli tambem para assistirem ao serviço solemne que lá se celebra quando morre alguma das associadas; entregam á priora o offerta destinada à celebração das missas pela alma da defuncta, e vão alternativamente levar esmolos ao hospital da Consolação, ou estímulos e instrucçoens piedosas ás mulheres condemnadas. Posto que em dias differentes, a segunda congregação, chamada das *Semi-Damas*, *Semi-Dame*, goza das mesmas graças e dos mesmos exercicios que a primeira. Só os membros desta associação reservam os seus charidosos cuidados para o hospicio de S. Thiago dos *Incuraveis*.

Vê-se que as reunioens do Caravita e em

geral de todos os oratorios nocturnos , não teem só por objecto a perfeição daquelles que os frequentam ; mas que tendem a conservar e a levar a vida moral áquelles que estão afastados della. Assim as quatro congregaçoes de homens , das quaes é por assim dizer centro a illustre capella , se empregam com maravilhoso ardor no bem das classes laboriosas ordinariamente tam desprezadas nas grandes cidades. Compostos de sacerdotes e leigos , vão fazer em todos os bairros de Roma e até mesmo na aldêa , instrucçoens poplares aos segadores , aos ceifeiros , e aos caleceiros , penetrando para isso nos bêccos , nos alpendres , nas cocheiras , finalmente em todas as partes onde se acham reunidos os seus ouviotes. Convidam-os a irem ao Caravita , onde os esperam charidosos confessores ; e só Deus conhece os mysterios de rehabilitação que se realizam n'aquellas almas muitissimas vezes e por muitissimo tempo deprezadas. Varias vezes testemunhas deste espectaculo , incomparavelmente mais interessante que a vista do Colyseu ou do arco de Jano , nós só sabiamos bendizer e admirar. Dedicção do zelo , poder da fé , mostrando-se Roma assim nas partes como no todo das suas obras mãe de seus filhos e modelo de todas as egrejas : eis ahi o que sobresahe em traços luminosos dessas instituçoens , quasi ignoradas da Europa e invisiveis ao viajante mudano.

Não é isto tudo ; o desejo de instrucção , que atormenta o nosso seculo , faz-se sentir na Italia como em França. Com aquella superior intelligencia que nunca lhe faltou , Roma o auxilia , e o faz servir ao progresso moral dos seus habitantes. Já sabemos o que ella faz pela instrucção

da infancia ; a idade madura é tambem objecto da sua sollicitude. No começo de 1842, contava Roma já oito escholas nocturnas, frequentadas por um milhar de adultos. Uma eschola custa 160 escudos por anno. Vê-se por aqui a economia tam prezada em nossos dias da instituição romana. E' devida á charidade dos excellentes mestres que, sem outra recompensa que o merecimento alcançado diante de Deus, prestam gratuitamente o seu concurso á educação do pobre, sacrificando a esta necessidade religiosa as mais bellas horas da noite, com um zelo egual ao dos nossos bons Irmãos da doutrina christã. Grande numero de ecclesiasticos e de leigos se dedicam a esta esmola intellectual, cujo principal fim é menos fazer sabios que christãos fieis e cidadãos probos, laboriosos e moraes. Os parochos da cidade attestam o maior zelo por estas instituições. Um centenar de pessoas e o presidente dos subsidios fornecem os fundos necessarios para o alluguer dos edificios, para a compra de pennas, papel, etc., e para as despezas da reunião do domingo. Entre os principaes doadores, citavam-nos o cardinal Patrizi, vigario de S. Santidade, o duque Sforza Cesaroni, e sobre tudo as nobres familias Buoncompagni e Borghese que se tem a certeza de encontrar sempre no caminho das boas obras.

Essencialmente christã, imprime Roma o seu sello n'estas escholas d'adultos como em tudo quanto toca. Assim que, as confissoens substituem, durante a noite do sabbado, as liçoens e os estudos. A manha do domingo é empregada em exercicios de piedade em commum; depois d'almoço os mancebos são conduzidos a bellos jardins para alli se entregarem ao recreio. Desta

forma, as escholas da noite reúnem todas as condições para formarem o coração na virtude, o que é o primeiro objecto da instituição romana.



### 10 de Março.

Exposição e Adoração perpetua do SS. Sacramento.—  
Culto perpetuo de Maria.

Entretanto que os povos da Europa actual, arrebatados pelo turbilhão dos negocios e dos prazeres, se agitam, e se corrompem communicando-se, em vez da vida moral, a ardente febre das preocupações materiaes, apresenta Roma aos olhos do observador um espectáculo muito differente. No meio do silencio da sua solidão, ella se conserva dia e noite prostrada ante aquelle que da às nações a vida sobrenatural de que é fonte. Esposa e mãe, não cessa de offerecer a Deus orações e lagrimas, a fim de que lhe apraza derramar as suas luzes sobre os cegos, as suas misericordias sobre os culpados, e as suas benções sobre todos os homens, filhos de sua commun ternura. E' Monica em Milão; é Antonio no deserto; é Moisés sobre a montanha sollicitando conversões e victorias, e obtendo-as: ou, para melhor dizer, é o christianismo com o seu dogma a um tempo tam luminoso e tam consolador da reversibilidade dos merecimentos; é Roma finalmente revestida do apostolado da verdade e honrada com o sacerdocio da expiação.

A esta nova missão, muitissimo pouco conhecida pelas nações, não falta a mãe das egre-

jas. Desde o primeiro dia do anno até ao ultimo, está o SS. Sacramento dia e noite exposto sobre os altares, e dia e noite está rodeado de adoradores. Esta devoção remonta à epocha precisa em que o protestantismo triumphante insultava, na Europa inteira, o Santo dos santos, negava a sua presença nos tabernaculos da terra, e entregava os seus templos ás chammas, os seus martyres aos ventos e os seus sacerdotes á morte. Foi pela primeira vez estabelecida, em 1560, pela archiconfraria da Morte, na igreja de S. Lourenço *in Damaso*. Desde esta epocha tornou-se geral, e nunca mais cessou. No primeiro dia do anno ecclesiastico, isto é no primeiro domingo do Advento, depois da missa pontifical, celebrada na capella Sixtina, o Santo Padre expõe o SS. Sacramento na capella Paulina: alli está até á terça feira pela manhã, cercado de adoradores. D'alli passa à basilica de S. João de Latran, depois ás outras igrejas patriarchaes, e finalmente a todas aquellas que são designadas para esta honra pelo cardeal-vigario.

Depois de haver percorrido toda a extensão da cidade e acabado o circulo do anno, a grande Victima de propiciação volta ao seu ponto de partida, d'onde torna a começar a sua misericordiosa peregrinação. O SS. Sacramento está exposto em cada igreja quarenta horas. Pela manhã, celebra-se uma missa solemne seguida de grande numero de outras em voz baixa; pelo meio dia, faz-se uma procissão interior, cantando a *Ladainha dos Santos*, como para supplicar a todos os cidadãos do ceu que venham completar, com suas adorações, as supplicas da terra. No terceiro dia renovam-se as mesmas orações e ho-



menagens , e dá-se a benção : e no momento exacto em que o Salvador do mundo entra no tabernaculo , os sinos annunciam ao longe que elle reaparece nos altares de outra egreja.

E nunca faltam adoradores ao Deus, que vem d'est'arte recolher os votos e as homenagens de seus filhos. Graças ao *Diario Romano*, toda a gente sabe com anticipação a egreja que tem as quarenta horas. Na falta desta indicação a memoria dos fieis, o som dos sinos, e os ricos pannos que decoram a porta do templo advertem a multidão e a attrahem ao pé dos altares. Em todo o dia um povo mais ou menos numeroso faz companhia ao divino Mediador. Graças, meu Deus! por nos haverdes feito tantas vezes testemunhas deste edificante espectaculo.

Mas quando for chegada a noite, a precisão d'um descanso necessario não fará abandonar a egreja? Tranquillizem-se: a grande associação do SS. Sacramento saberá velar em nome da cidade inteira. Composta de quanto ha mais eminente em piedade no clero, na prelatura, no sacro collegio, na nobreza e no povo, conta membros em todos os bairros. Certo numero é designado para ir, alternativamente, passar parte da noite diante do SS. Sacramento. Pelas nove horas da noite, uma carroça destinada a este uso vai buscar ao seu domicilio os adoradores nocturnos. São pelo menos quatro em numero, não comprehendendo um sacerdote e um menorista. A sua adoração dura quatro horas, depois das quaes são rendidos por novos confrades. Um livrinho contem as meditações, oraçoens e hymnos que devem occupal-os.

Em tanto que o sacerdote vela para que tudo se passe segundo as regras prescriptas pelas cons-

tuições apostolicas, o menorista toca d' hora em hora o sino da egreja, a fim de advertir os fieis, em qualquer sitio que estejam, para offerecerem as suas adorações a' augusta Victimã. Este toque do sino a todas as horas do dia e da noite, produz na alma religiosa uma impressão cujo poder não posso explicar. O proprio coração mais gasto nem sempre consegue defender-se della: um tropel de confidencias intimas, não deixam duvida alguma a este respeito. Accrescentarei que os adoradores tem costume de fazerem entre si uma piedosa troca d' orações a favor das almas pelas quaes se interessam. Poderia citar um que sollicitou muitas vezes as adorações e communhoens de seus confrades, para obter a conversão d' um illustre culpado: o exito ultrapassou a sua esperança.

A exposição perpetua do SS. Sacramento é uma das glorias exclusivas de Roma, mas não é a unica; na Metropole da fé, existem outras obras não menos proprias para manter a vida moral no seio das nações, e para fazer correr sobre o mundo um rio de graças e desarmar a justiça de Deus irritada pelos crimes da terra. Deste numero são as grandes associações destinadas a honrar a SS. Trindade, o Verbo feito carne, o precioso Sangue, a Rainha da Misericordia, etc. Orações continuas, esmolãs abundantes, mortificações variadas: taes são os meios pelos quaes os piedosos confrades cumprem a sua util missão. Entre estas differentes instituições, ha uma que me apraz mencionar. Na França, temos sociedades de seguros contra o incendio, contra a saraiva, contra as inundações, contra os naufragios, que sei eu? Tudo isto póde ser

vantajoso; mas uma sociedade que vai tapar a fonte dos flagellos mudando a justiça de Deus em misericórdia e a sua colera em clemencia, não é mais util e segura? Pois bem! existe em Roma uma associação perpetuamente em oração para conjurar os flagellos de Deus. Faltam dados para apreciar mathematicamente todos os seus resultados materiaes; porem, a menos de estar louco; ninguem póde negar nem a utilidade, nem a extensão della.

A estes grandes meios que Roma emprega todos os dias a fim de manter a vida moral no coração de seus filhos, cumpre ajuntar outro não menos poderoso e tambem continuo: quero allar do culto de Maria

A devoção para com a augusta Virgem, filha, mãe, esposa de Deus e irman do genero humano, é a grande devoção do mundo catholico. Modelo do universo, distingue-se Roma aqui entre todas as cidades, tribus e naçoens. Volumes não bastariam para referir as variadas manifestaçoens do seu amor e da sua teroa confiança para com Maria. É sufficiente saber que não ha um bêcco, uma rua, uma praça, diria quasi uma só casa da Cidade eterna, onde a vista do peregrino não encontre uma imagem da bemdita Virgem; em tanto que as esculpturas, os doirados, os elegantes castiças, as inscripçoens graciosas ou triumphaes que a acompanham, os signaes de respeito dados pela multidão que passa, testificam altamente a piedade romana.

Accrescenta: que ha nos cantos das ruas numerosas capellas dedicadas a Maria, onde os habitantes fazem arder constantemente á sua custa velas e lampadas, e diante das quaes é raro não

encontrar a toda a hora do dia e da noite algumas pessoas orando. Accrescentai, finalmente, que Roma não conta menos de setenta egrejas consagradas a Maria sob os diversos titulos com que o mundo catholico venera a graciosa Soberana dos anjos e dos homens. Todos os dias, em grande numero dellas; varias vezes da semana ou do mez, em outras, se effectuam não sei quantos exercicios de piedade em sua honra: ladaíñas solemnes, noveas, triduos, magnificos officios, etc., etc. Todas estas festas, motivo de publica alegria, se celebram com enthusiasmo. Não ha uma só para que milhares de pessoas de todas as classes, de todos os sexos e de todos os estados se não preparem umas com noveas, outras com retiros, com triduos e com o jejum rigoroso. Deve a gente admirar-se se numerosas graças são o fructo desta piedade filial?

Mas tambem Roma se mostra para com Maria d'uma gratidão que o tempo não pôde enfraquecer.

Vienna, sitiada pelos turcos, é libertada por Sobieski. Com voz unanime, proclama o mundo catholico com o guerreiro polaco que a honra da milagrosa victoria pertence a Maria. Para lhe agradecer este beneficio, é erigida uma confraria em 1684 pelo papa Innocencio XI. Desde aquella epocha, a pia associação não tem cessado de pagar em nome da Europa inteira a divida do reconhecimento. Todos os annos, no dia anniversario da fundação, vêdes a numerosa assemblea partir da egreja do *Santo Nome de Maria* para o Foro de Trajano, e dirigir-se processionalmente até Santa Maria da Victoria, para alli cantar o hymno catholico do triumpho e da acção

de graças. O Santo Padre nunca deixa de se associar a este nobre passo, testemunho d'um sentimento ainda mais nobre: no momento em que a confraria passa pelo Quirinal, elle a abençoa solemnemente.

Se o reconhecimento é um titulo para novos beneficios, parece-me que ninguem deve admirar-se muito das numerosas graças, nem mesmo dos estrondosos milagres com que Maria favorece a sua querida cidade. Em 1842, um pobre mendigo paralytico d'ambas as pernas, e como o Eneas de Jerusalem conhecido pela cidade inteira, ia regularmente pedir a cura diante da Madonna do palacio *Cenci*. Cançado de nada obter, disse um dia á sua divina Mãe, n'uma linguagem familiar à piedade romana: « Ha muito tempo que eu venho, e não sou curado; pois bem! é hoje a ultima vez; tomai, aqui estão as minhas moletas; não quero servir-me mais dellas e fico aqui, a menos que vós me restituaes as pernas.» A supplica da fé penetrou no Ceu. O doente é curado, exulta, e não cabe em si de alegria. A multidão rodea-o, gritam, choram, cantam; é uma embriaguez geral. A Madonna é magnificamente illuminada, e por espaço de tres dias e tres noites succedem-se as orquestras para celebrar os louvores daquella que nunca se invocou em vão. E eu dizia comigo mesmo: Se fosse em França, ninguem daria attenção. Engano-me, uma gelida duvida-sahiria de quasi todas as bôccas; haveria na maior parte dos espiritos uma recusa a acreditar, e os periodicos derramariam a blasphemia, a irrisão e a incredulidade a ondas; e queriam que semelhante nação obtivesse milagres!

**11 de Março.**

Novena em S. José. — Preparação para as festas. — O que Roma faz todos os dias da semana para manter a vida moral. — Prêgação aos judeus.

Hontem ao cair do dia, quando voltavamos à cidade, depois de termos visitado S. Paulo *fora dos Muros* onde era a estação, ouvimos o som de numerosos sinos que chamavam os fiéis às egrejas. « *Ecco la Novena di S. Giuseppe*, » exclamou o guia com transporte. A hora adiantada não nos permittiu estudassemos logo esta nova manifestação da piedade romana; a partida foi differida para o dia seguinte: ora, agora o dia seguinte chama-se hoje.

Todos os dias da semana tem Roma algum novo meio de excitar a piedade. E' aqui o lugar de expor esse maravilhoso systema cujo resultado é agitar successivamente todas as fibras do coração, prevenir a monotonia e apresentar um alimento conveniente aos gostos mais variados e peores de contentar. Mas já que se offerece occasião, vou começar dizendo algumas palavrás da novena de S. José. Pela manhã cêdo estavamos nós na fralda do Capitolio. Subindo pelo antigo sitio das Gemonias a aspera encosta da formidavel collina, chegamos á capella de S. José de' *Falegnani*. Este sanctuario que pertence á confraria dos Carpinteiros, está edificado sobre a prisão Mamertina. Foi-me dado fazer descer a augusta victima a este lugar onde S. Pedro e S. Paulo, prisioneiros de Nero, confessaram tam gloriosamente o seu divino mestre. A assistencia, composta em grande parte d'artistas, era numerosa e recolhida: como

era bello ouvir todos aquelles homens do povo proclamar, cantando as suas ladainhas, a gloria e a bondade do glorioso patriarcha!

S. José é a rehabilitação do pobre e do trabalhador, E' tambem o padroeiro da boa morte, tam desejavel para todos, mas particularmente para aquelles que levam durante a vida o peso oppressor do calor e do dia: estes dois titulos lhe adquiriram a devoção popular.

E eis que o spectaculo de que acabavamos de gozar se reproduzia ao mesmo tempo nos diferentes pontos da cidade eterna. Encontramol-o nos Orphãos, na Ara-Cœli, nos Agonisantes, na Morte, em S. Nicolau *in Arcione*, na Rotunda, na Lungara alem do Tibre, no Nome de Maria, em Santa Maria *in Monticelli*, em Santo Estevam *del Cacco*, em S. Francisco de Paulo *dai Monti*, nos Anjos da Guarda, e em Santa Maria *del Pascolo*. Em todas as partes oraçoens, confissoens e numerosas communhoens.

Estas novenas, estes triduos, estes retiros, todas estas maternas industrias tam poderosas para fortalecer as almas. emprega-as Roma sobre tudo nas proximidades das festas de Nosso Senhor, da SS. Virgem e dos Santos. No decurso do anno contam-se, alem dos exercicios ordinarios de piedade, oitenta e cinco novenas publicas e setenta e cinco triduos solemnes. « A fè das naçoens, diziam-me a este respeito, encontra a vida nos actos exteriores, taes como as peregrinaçoens, as festas, as confrarias e as praticas populares; que foi da religião em França desde que vós supprimistes todas estas coisas? Até o mesmo culto exterior feneceu! » Roma parece exceder-se durante a oitava dos Defunctos. Lagrimas de ternura

e reconhecimento, molham o papel em que se tenta contar o que ella faz em favor de seus filhos fallecidos. Baste accrescentar ao que disse em outra parte, que as innumeraveis associaçoens de boas obras e oraçoens estão, durante os oito dias da Oitava, unicamente occupadas das almas do Purgatorio. Abundantes esmolas se reuñem para fazer offerecer o santo sacrificio em favor dellas; a oração, o officio de defunctos, a participação nos sacramentos, tudo é posto em pratica pelos fieis, para as alliviar. Roma, que anima a piedade particular, dá o exemplo publico da sua. Oitavas de missas, de oraçoens e de iustrucçoens, se fazem nas egrejas de S. Gregorio, no *Caelius*, da Morte, do Suffragio, na *via Giulia*, na Rotunda, de S. Nicolau *in Arcione*, do Santo Nome de Maria no *Corso*, dos Santos Anjos da Guarda, de Santa Maria *sopra Minerva*, de S. Lourenço *fora dos Muros*, de Santo André *delle Fratte*, de Santa Maria dos Milagres, de S. Lourenço *in Damaso*, da *Ara-Cœli*, de Santa Agatha *in Trastevere*; em muitas outras egrejas, em grande numero de cemiterios, e no Coliseu, onde se praticam todas os dias os exercicios da via sacra.

Graças á intelligente e activa sollicitude de sua mãe, o fiel de Roma é conservado sempre em exercicio, e os annos se lhe deslizam no meio d'uma variedade sem cessar renascente de commoçoens piedosas e meios sanctificadores. Cada dia da semana lhe traz o seu tributo particular.

O domingo chega carregado de riquezas. Exilado, viajante, soldado, negociante do Ceu, quer o homem obter consolaçoens, luzes, coragem, charidade para a semana que começa, ou a graça de terminar com um fim precioso est'outra semana



que se chama a vida? Eis o Deus das virtudes que se lhe apresenta solemnemente exposto nos altares de vinte differentes egrejas. Nos Santos Anjos da Guarda e em Santa Maria do Suffragio, é para a boa morte; em quinze outros sanctuarios, é para conceder-lhe a fé, a submissão, favores temporaes e espirituaes, mas sobretudo a grande virtude do ente que soffre, a paciencia: e elle pode-a obter percorrendo com seus irmãos a dolorosa via do Calvario, especialmente no Coliseu e no cemiterio do Janiculo.

A segunda feira sollicita a sua piedade para os defunctos; e eis, para a coadjuvar, o SS. Sacramento exposto nos Santos Apostolos, na *Ara-Cæli*, em Santo Antonio dos Portuguezes, em Santo André *della Valle*, no *Divino Amore* junto da praça Borghese, em S. Miguel *in Borgo*, em Santa Maria *in Publicolis*. Elle que vá adoral-o, e uma indulgencia plenaria applicavel ás almas do purgatorio será a recompensa desse fervor.

A terça feira anima-lhe a fraqueza, e lhe recorda que tem no ceu amigos poderosos dispostos a soccorrel-o. Santa Anna, mãe omnipotente da omnipotente Maria; Santo Antonio de Padua, curador dos seus interesses temporaes, lhe offerecem os seus serviços e o seu apoio. Em Santa Anna *no Borgo*, em Santo Antonio de Padua, em Santo André *delle Fratte*, e em outras sete egrejas encontrará elle o SS. Sacramento exposto.

A quarta feira convoca os pais de familia aos pés de S. José seu admiravel modelo. Para attrahir a multidão ao admiravel patriarcha, é exposto o SS. Sacramento em nove egrejas, principalmente em S. José *della Lungara*, e na capella da

*Rotunda*, dedicada ao pai. alimentador do Filho de Deus.

Na quinta feira, é o proprio Salvador que chama a si todo aquelle que soffre, todo aquelle que chora, isto é todos os filhos de Adão. As egrejas de *S. Nicolau in Carcere*, dos Orphãos, de *Santa Agatha in Suburra*, de *S. Lourenço*, o offerecem ao amor de seus filhos; e *Santa Maria in Campo Carleo* anima a sua confiança contando a historia da ultima cêa.

Na sexta feira, dia de dor e arrependimento, apparece o divino Crucificado em maior numero d'altares. Companheira dos seus soffrimentos, *Maria* não é esquecida; e em tanto que adora o seu Deus moribundo, ouve o fiel junto de si vozes commovidas que repetem tristemente a sua mãe as angustias do Calvario, e sollicitam o perdão dos culpados. A recitação da *Coroa das sete Dores* se faz solememente em *Santa Maria in Via*, em *S. Francisco de Paula*, em *Santo Agostinho* e em *S. Thomaz in Parione*. Em *Santo André delle Fratte* e em *S. Carlos de' Catinari*, consola-se o sagrado Coração do Homem-Deus: no *Gesù* faz-se o exercicio da boa Morte. A piedosa *Confraria del Gonfalone* pede a *Jesus Christo* exposto no oratorio de *S. Pedro e S. Paulo*, um dos mais magnificos de *Roma*, o allivio e libertação dos escravos. Em *Santa Maria in Monticelli*, ora-se pelos agonisantes; no Oratorio do Crucificado, *Via de S. Isidoro*, sollicita-se a conversão dos peccadores, particularmente daquelles que estão na agonia; ao mesmo tempo, o *Coliseu*, *Santa Praxedes*, *S. Salvador*, junto de *S. Luis dos Francezes*, e *Santa Helena de' Cesarini*, se enchem de fieis que fazem a *Via Sa-*

era ; e o Vaticano resoa com o *Vexilla Regis*, magnificamente cantado diante da obra prima de Miguel Angelo, a *Madona della Pietà*.

No sabbado, todas as frentes romanas se asserenam. E' o dia de Maria ; e todas as Madonas são illuminadas, e oraçoens mais numerosas, mais ferventes, se erguem de todos os pontos da cidade para a Virgem cheia de graça. Pela manhã se celebra em S. João dos Florentinos uma missa solemne, em honra de Maria, pelo livramento dos flagellos, isto é, para desarmar o senhor do trovão, invocando aquella que tem direito de lhe dizer: Meu filho ! Não é esta uma encantadora industria da fé catholica ? A' noite, as soberbas egrejas de Santa Maria *del Pianto*, Santa Maria do Povo, Santa Maria *in Cosmedin*, Santa Maria *alle Coppelle*, Santa Maria do Bom Conselho, Santa Maria *in Trastevere*, do Santo Nome de Maria, do Santa Maria *in Via Lata*, e ainda outras muitas resoam com os louvores da augusta Virgem. Mas a multidão é para a mais bella, e mais graciosa das egrejas de Nossa Senhora, Santa Maria-Maior. Debaxo das abobadas da immortal Basilica, um povo innumeravel canta em côro aquellas ladainhas loretanas, tam sublimes e tam simples que se diriam tomadas do repertorio dos anjos.

Em quanto glorifica desta forma a augusta filha de Judá, Roma não quer que os tristes filhos d'Abrahão sejam privados da sua parte de alegria. Convida-os a partilharem o seu jubilo, proporcionando-lhes o meio de reconhecerem em Maria a sua irman mais illustre e a filha do seu Deus. Todos os sabbados se faz, na igreja do Santo Anjo *in Pescheria*, uma instrucção para os

Judeus: a terça parte pelo menos daquelles que teem mais de doze annos é obrigada a assistir a ella. O pulpito é occupado por um dominicano, doutor em theologia, e mui versado no conhecimento do hebreu. Explica o Velho Testamento e principalmente as Prophecias que estabelecem tanto a vinda como os caracteres do Messias, cujo litteral cumprimento em Nosso Senhor Jesus Christo demonstra. Conversoens, mais numerosas que nunca n'estes ultimos annos, são o fructo desta charidosa instituição, devida ao papa Gregorio XIII. Ha, para os Judeus, outra prégação não menos eloquente, e essa podem elles ouvil-a todos os dias. Na frente da egreja, virada para a grande porta do Ghetto, está um immenso Crucifixo; de cada lado da cruz estão gravadas, em longos caracteres latinos e hebraicos, estas palavras do Salvador, pronunciados por Isaias: *Expendi manus meas tota die ad populum incredulum*: « Estendi as mãos todo o dia para um povo incredulo (1). » O Judeu de Roma não pôde sahir do seu bairro sem ver, diante dos olhos, aquella grande figura, sem ler aquellas tocantes palavras cuja salutar recordação, faça elle o que fizer, deve, mais d'uma vez, importunal-o no meio das suas preoccupaçoes mercantis.



**12 de Março.**

Missa em S. Nicolau *in Curcere*. — Associação de S. Luis de Gonzaga. — *Opera delle Pericolanti*. — Reflexoens. — Estatistica moral.

Antes das oito horas estavamos nós, como

---

(1) Isai., c. LXV, 2.

na vespera, na fralda do Capitolio. Não sei que secreto encanto attrahe áquelles logares o viajante christão. Apraz-se a gente de orar alli onde passaram todos os dias, durante tantos seculos, as pompas impuras do paganismo: o coração acha viva satisfação em honrar o verdadeiro Deus sobre as ruinas dos templos dos idolos, e em glorificar, nas antigas prisoes romanas, os gloriosos libertadores que quebraram as cadeias do genero humano.

Seguindo os passos d'uma numerosa multidão, chegamos a S. Nicolau *in Carcere*; era dia de estação. Como o indica o nome, este sanctuario substitue um carcere que se crê ter sido o dos presos por dividas. Assim, no mesmo sitio onde a inexoravel dureza dos crédores torturava o pobre insolvel, honra o christianismo um santo que foi o pai dos orphãos e dos infelizes.

Alem disso, como se a Providencia houvesse querido recompensar sensivelmente a charidade do grande bispo de Myra, o seu corpo, milagrosamente conservado em Bari, no reino de Napoles, distilla ainda um oleo que cura as enfermidades e doenças. Sabe-se a devoção que a Europa inteira professa por este S. Vicente de Paulo do Oriente; mas talvez se ignore que no Occidente, foi Roma a primeira que dedicou uma igreja em sua honra. Debaixo do altar-mor descançam, em parte, os corpos dos illustres martyres Marcos, Marcellino, Faustino e Beatriz. O SS. Sacramento exposto, a presença dos martyres, a recordação do grande bispo, o nome meio pagão do sanctuario, não era necessario tanto para encadear todas as potencias da alma ao pé

da antiga confissão. Lá deixamos em oração um grande concurso de homens e mulheres do povo; um instincto mysterioso parecia dizer-lhes que alli encontrariam um coração sensível às suas necessidades. De S Nicolau dirigimo'-nos ao Collegio romano, com intenção de obtermos algumas informações acerca da Associação de S. Luis de Gonzaga.

Ha na vida uma idade critica, idade de loucuras perigosas e muitissimas vezes criminosas, das quaes dizia o Tasso:

Nella florida età quando più l'uom vaneggia.

Ora, esta idade è decisiva em bem como em mal; porque està escripto, não só no livro dos Proverbios, mas no livro da experiencia: O adolescente seguirá até á morte a via em que marcou os seus primeiros passos. A charidade romana o tomou em terna piedade. Aos meios geraes destinados a todas as edades, cria ella para o adolescente recursos particulares e de maravilhosa efficacia. Não direi nem os maternas cuidados de que ella o rodêa nos collegios ou nos conservatorios, nem a incessante sollicitude com que o acompanha de dia e de noite; não devo fellar n'esta occasião mais que da associação de S. Luis de Gonzaga para os mancebos, e da obra *delle Pericolanti* para as donzellas.

Sob o patronato d'um joven santo de costumes angelicos, orgulho e delicias dos Romanos, se eleva uma numerosa associação de mancebos. As victoriosas luctas da virtude contra a preguiça, a indolencia, o orgulho, e a attracção para os prazeres, lhe abrem a entrada. Todos os do-

mingos a joven e alegre phalange se reúne para orar, instruir-se e brincar em commum. Os chefes do pequeno exercito o conduzem ao tam conhecido jardim de *Cerchi*, e alli verieis toda aquella feliz juventude entregar-se, com o abandono natural aos quinze annos, aos jogos mais activos e variados: a oração termina os divertimentos que havia começado. A volta á cidade é grave, occupada pelas conversações serias e pela historia d'alguns factos destinados a despertar a recordação e o amor da poderosa rainha das Virgens. O zelo do bem, o ardor do trabalho redobra nas proximidades da festa de S. Luis de Gonzaga. Durante os seis domingos que precedem a solemnidade, objecto de todos os desejos, é ver quem se tornará mais digno de a celebrar: reunioens de piedade, vigilancia em si mesmo, frequencia de sacramentos, nada se despreza.

Finalmente apparece o grande dia: dirigem-se ao querido jardim. No centro ergue-se um magnifico altar, sobre o qual está um braseiro acceso. A assemblea forma um circulo immenso, em volta do qual estão dispostas a intervallos orquestras que fazem resoar alegres taogeres. A's symphonias succedem os cantos e hymnos. compostos em honra do celeste amigo. As suas virtudes, a sua bondade, os seus milagres são pintados por eloquentes vozes, e bem depressa a joven assemblea manifesta a sua confiança e o seu amor com uma cerimonia cuja solemne gravidade eguala a encantadora ingenuidade. Todos os membros que a compoem teem na mão uma grande carta collocada dentro d'uma capa adornada de desenhos e rodeada de fitas e fios d'oiro: esta carta é uma mensagem da terra ao ceu. No interior estão

escriptos os desejos longo tempo estudados do joven correspondente ; no exterior lê-se o simples e sublime sobrescripto : *Al Santo Giovane Luigi Gonzaga in Paradiso.* E' dado signal pela musica , e todas as cartas são levadas ao altar. No meio de profundo silencio as lançam todas juntas no braseiro e bem depressa as vêem impellidas pelas chammas elevarem-se para o ceu em nuvens de incenso e de perfumes , entre os applausos da alegre assemblea e o harmonioso som de todas as orchestras.

Inspirados por uma fervida piedade ou suggeridos por um habil director , estes votos são , no decurso do anno , muitas vezes chamados á memoria , generosas resoluçoens se renovam , nobres victorias são ganhas contra as paixoens nascentes , e poderosas oraçoens vão apoiar ante o throno de Deus as petiçoens apresentadas pelo protector nato da juventude. Taes são , com muitos outros , os resultados moraes desta festa. Mas ainda quando ella não tivesse , assim como a propria associação , outra vantagem que adormecer imaginaçoens de quinze annos , e fazer-lhes encontrar nos innocentes prazeres a felicidade que tantos outros vão pedir a divertimentos perigosos e muitissimas vezes criminosos , não seria digna de todos os elogios ? Ao homem , á criança sobretudo , são necessarias festas. Desde que nós supprimimos , entre a nossa juventude pensante , as associaçoens pias e descórâmos para ella as festas christans , dizei-me quaes são os seus divertimentos , os seus habitos , as suas crenças e os seus costumes ?

Do collegio Romano dirigimo'-nos ao Janicu-



lo, a fim de visitarmos o conservatorio *delle Pericolanti*.

Análogo á associação de S. Luis de Gonzaga, este estabelecimento, destinado às donzellas, completa os meios especiaes que Roma emprega para salvar a adolescencia. Quando descobre uma meina ou uma viuva moça que não pôde, sem perigo para a sua virtude, ficar no mundo, o cura da freguezia tem obrigação de dar aviso aos superiores. Asylos sempre abertos recebem a *Pericolante*, por um tempo mais ou menos longo, conforme as circumstancias o exigem. Fundado no fim do seculo passado pelo zeloso Francisco Cervetti, companheiro de charidade do illustre pedreiro conhecido pelo nome de *Tata Giovanni*, o Conservatorio do Janiculo foi objecto da paternal sollicitude de Pio VI. Mons. Ruffo, thesoureiro geral, estabeleceu n'elle teares de sêda; os negociantes fazem alli encomendas; um quinto do ganho è concedido às jovens obreiras, e o resto vai para manutenção e proveito do estabelecimento: encontramos lá cincoenta pensionistas. Varias outras casas semelhantes, posto que de menor importancia, estão espalhadas pelas differentes freguezias. Quando està passado o perigo, as *Pericolanti* voltam a suas familias; e graças à providente sollicitude de que foram objecto, a maior parte fazem a consolação da Igreja e o ornamento da sociedade, das quaes ameaçavam serem a dor e a vergonha.

Taes são, muito em resumo, os meios geraes e particulares que Roma emprega para conservar, manter e augmentar a vida moral entre seus filhos. Quaes são os resultados desta intelligente charidade? Se se houvessem de crer as

narraçoens de certos homens, os costumes romanos não seriam melhores que os dos povos sobre que a religião perdeu a maior parte do seu imperio. D'onde se quer fazer concluir: 1.º Que os Romanos são um povo de vis hypocritas, visto que, apesar de tantos meios de moralisação, valem apenas as naçoens privadas destes poderosos recursos; 2.º que o christianismo está morto ou quasi morto, vista a impotencia das suas instituições e praticas para a perfeição moral dos povos civilisados. De todos estes raciocinios o corollario forçado é, para elles que os fazem, a apologia do seu soberbo desdem pelas prescripçoens christãs, e, para o publico, o desprezo da religião, e de Roma em particular que é o seu centro.

A isto não vejo mais que uma coisa a dizer: comparai as estatisticas e dai a rasão da differença no numero dos crimes. Em tanto que nas grandes metropoles da civilisação moderna, Londres e Paris, o infanticidio parece estar na ordem do dia, d'onde vem que é em Roma apenas conhecido? Ao passo que em Paris se contam annualmente de quatrocentos a quinhentos suicidios, e ainda mais em Londres, de que modo é que a'um intervallo de vinte e cinco annos, não viu Roma senão onze, dos quaes quatro são devidos ao paroxismo da febre? Ao passo que em Paris o numero das crianças expostas é d'uma por tres, e em Londres d'uma por duas, porque não é em Roma senão d'uma por cincó? Ao passo que em Paris nada é menos raro que ver homens morrerem com a insensibilidade do bruto, e, até no leito de agonia, recusarem fazer a paz com Deus e satisfazer áquelles a quem muitissimas vezes não ar-

ruinado ou deshonrado, que mysteriosa razão poupa a Roma este espantoso espectaculo? Finalmente, ao passo que os casos de demencia, devidos ao excesso das paixoes, se encontram em França na proporção de oitenta por cento, e na Inglaterra n'uma proporção ainda mais forte, que é que, em Roma, apesar do ardor do clima e da viveza do sangue, reduz esta cifra ás proporções de um a seis?

O infanticidio, a exposição, o suicidio, a impenitencia final, e a doidice em consequencia das paixoes, eis ahi, ninguem o pôde negar, os grandes symptomas da desmoralisação das cidades e dos povos. Pois que, de todas as capitães do mundo, é Roma aquella onde menos se manifestam esses symptomas, é força concluir que os Romanos não são um povo de vis hypocritas, tanto e mais depravados que as nações anti-christans; é força concluir tambem que o christianismo nem está morto nem moribundo, mas que em toda a parte onde lhe é dado exercer livremente a sua influencia, impede que os filhos d'Adão tornem a cahir no abysmo da degradação moral d'onde elle os tirou ha dezoito seculos; é força concluir finalmente que, apesar das más doutrinas e dos exemplos ainda peores que lhe vão de fóra, é Roma sempre por excellencia a Cidade santa e verdadeiramente sanctificadora.

Que sejam santos todos os seus habitantes, fóra absurdo pretendel-o. Comtudo ainda mesmo no meio das suas culposas inclinações, resta-lhes uma qualidade, um bem, fructo exclusivo da educação e dos habitos christãos, que é o remorso.

« Como vós outros Francezes, nos dizia um ho-

mem da mais subida intelligencia, nós temos a desgraça de commetter erros; porem, como vós, não podemos viver com o remorso.» Cêdo ou tarde este agulhão da consciencia acaba por fazer voltar o culpado ao caminho da virtude e por assegurar ao elemento christão uma victoria decisiva na ultima lucta da vida. Justificada pela experiencia, é esta observação confirmada pela confissão tam conhecida d'um homem insuspeito. C... D..., membro das nossas sociedades secretas e ardente revolucionario, percorria os Estados Romanos para engrossar as fileiras dos Carbonari. Depois de se ter fatigado por espaço de vinte annos em esforços de todas as especies, escrevia: « Estes italianos, não se pôde fazer nada d'elles; pensaes havel-os ganho, porem apenas tenham um ataque de febre ou ouçam um bom sermão, tudo está acabado; e eil-os de novo virados para a confissão. »

---

### 13 de Março,

Missa em Santo Estanslau Kotska. — Charidade romana para restituir a vida moral. — Presos. — Visita ao castello do Santo Anjo, ao Capitolio, e ás Thermas de Diocleciano. — Archiconfraria de S. Jeronimo. — Prisão da *Via Giulia*.

Quando costardes os interminaveis muros do Quirinal, descendo a rua das Quatro Fontes, não deixeis de entrar na Igreja de Santo André, situada à vossa esquerda: é uma joiasinha que merece a attenção do artista e do christão. Só-

mente devo prevenir-vos de que se tendes medo dos jesuitas, fareis bem em passardes adiante: encontrads aqui um dos seus retiros. Ha-os moços, ha-os velhos, ha-os vivos, ha-os mortos. Em 1678, o principe Camillo Pamphili mandou edificar esta egreja para o noviciado da celebre Companhia. A frontaria, d'ordem corinthia, é adornada d'um gracioso portico circular, sustentado por duas columnas jonicas. O interior, em forma de rôtunda, está inteiramente revestido de marmores raros e ornado de preciosos frescos. Entre outros quadros nota-se no altar-mór a *Crucificação*, do Borguinhão, e, na capella de Santo Estanislau, o *Retrato do Santo*, por Carlos Maratte. Desde o pavimento até à abobada, scintilla esta capella com dourados e marmores escolhidos; mas o seu mais bello ornato é o corpo de Santo Estanislau, conservado, debaixo do altar-mór, n'um rico relicario de lapis-lazuli: foi-me dado celebrar alli os santos mysterios. O meu coração fazia alli presentes todos os meus amigos de França, e os lançava nós braços do angelico menino.

Depois da missa um dos padres me introduziu na casa espaçosa e bem arejada do noviciado. N'ella se conserva o quarto de Santo Estanislau, transformado em capella. No meio está a estatua do Santo deitado no seu leito mortal. A cabeça, as mãos e os pés são de marmore branco do mais bello grão; a sutana è de marmore preto, e o colchão com os cochins de marmore amarello. Ha tanta verdade n'esta obra-prima de Le Gros, que eu senti ao vel-a o que toda a gente sente à vista d'um moribundo docemente adormecido na sua cama. Em varios

quadros suspensos nas paredes, vê-se lettra do Santo, cuja voz moribunda parece ainda ouvir-se pronunciando as memoraveis palavras, avidamente recolhidas pela piedade catholica. Em dia da Assumpção do anno de 1568, estava Santo Estanislau, como elle mesmo havia predicto, a ponto de ir celebrar no ceu a festa de Maria. O superior da casa, rodeado de todos os noviços, aproxima-se do Santo e, em nome da obediencia, lhe manda que diga o que tem feito e o que é necessario fazer para obter da Rainha dos anjos os favores de que ella o tem enchido. — *Quidquid minimum*, respondeu elle, *dummodo sit constans*; « a mais pequena homenagem, com tanto que seja perseverante. »

Haviamos terminado hontem o estudo dos meios por via dos quaes mantinha Roma a vida moral em seus filhos: restava-nos ver o que ella faz para restituil-a àquelles que a perderam. Não fallo do peccador privado da graça; nas obras mais atraz explicadas, encontra elle innumeradas facilidades de voltar á amizade de Deus. Tracta-se do homem a quem feriu a justiça humana, ou da mulher que, infiel aos seus deveres, expia na solidão os escandalos da sua vida. Outros tem feito elogios mais ou menos justos das prisoes romanas debaixo do ponto de vista material; mas que viajante, ainda mesmo honrado com uma missão especial, se ha dignado instruir o mundo dos meios por que Roma restitue o culpado a liberdade moral e à virtude? Todavia no cumprimento deste dever sagrado, ou, se quizerem, na solução deste grande problema, a mestra das naçoens pode-lhes tambem servir de modelo.

Primeiramente, Roma foi a primeira que en-

controlou o systema penitenciario, considerado como o melhor meio de moralizar os presos. Em parte alguma tem sido tam bem comprehendido ou mais sabiamente applicado. Depois, as suas prisoes ordinarias não são calcetas, onde o homem, collocado sob o imperio exclusivo da força brutal, acaba de materialisar-se: offerecem ao criminoso todos os meios de recobrar o sentimento da sua dignidade, o pezar do mal e a coragem do bem. Persuadida de que só o christianismo pôde reabilitar o individuo, como reabilitou o genero humano, chama Roma em sua ajuda este poderoso auxiliar. As mesmas portas dos mais escuros carceres lhe são abertas, e tem toda a liberdade de fallar e obrar. Cada prisão tem seus capellaens. Anjos tutelares, dia e noite estão alli para consolar, animar e curar aquellas almas ás vezes ainda mais desgraçadas que criminosas. Todas as manhans oraçoens em commum, seguidas do sacrificio da grande victima, recordam aos condemnados o valor da sua alma, e a grandeza dos seus eternos destinos, e a bondade sempre compadecida de seu Pai celeste. Veem depois periodicamente instrucçoens familiares que, dissipando a ignorancia, fazem pouco a pouco germinar nas almas salutaes resoluçoens.

O sentimento da vida moral, constantemente mantido nos presos, recebe todos os annos um impulso mais vivo que acaba cedo ou tarde por os tornar a pôr no estado normal: um retiro annual se dá em todas as prisoes. E' durante o carnaval que elle tem logar no castello do Santo Anjo. Os retidos são dispensados do trabalho, e preparados para o dever paschal que podem, em virtude d'uma concessao particular, cumprir

n'esta circumstancia. A Confraria de S. Paulo destina a esta missão padres escolhidos. Uns occupam o pulpito, outros o tribuna! da reconciliação; ha-os que dirigem o canto, em tanto que seus collegas velam pela observancia do regulamento, e occupam com leituras públicas os momentos livres do dia. Em toda a duração do retiro, os reidos recebem da generosidade do Santo Padre uma indemnisação equivalente ao beneficio dos pequenos trabalhos que se costuma permittir-lhes fóra das occupaçoens forçadas (1).

E' de experiencia que a frequentação exclusiva dos seus similhautes foi sempre para os condemnados uma causa incessante de desmoralisação. A maior vantagem do systema penitenciarario talvez seja obviar a este inconveniente. Nas partes onde elle não está estabelecido, não despreza Roma coisa alguma para proporcionar aos reidos a sociedade de homeos virtuosos e bonrados, cuja presença e cujos discursos saneam pouco e pouco aquellas almas corrompidas. Atraz dos capellaens vê-se todos os dias correrem a todas as prisoens religiosos, sacerdotes seculares e piedosos leigos que, por meios differentes, trabalham de concerto no melhoramento moral dos reidos. Eis ahi o que nós encontramos nas prisões do castello de Santo Anjo, do Capitolio e das Thermas de Diocleciano.

N'esta excursão annunciaram-nos ainda a existencia de duas associaçoens especialmente destinadas ao allivio material e moral dos presos. Observarei, de passagem, que remontam ambas ao decimo-sexto seculo. « Parece, diz um histo-

---

(1) Constanzi, t. I, p. 204.



riador protestante, que n'aquella memoravel epocha quiz Roma vingar-se, com o brilho das suas obras verdadeiramente divinas, das estrondosas calumbias da Reforma. »

A primeira é a Archiconfraria de *S. Jeronimo da Charidade*. Instituida em 1519 por Julio de Medicis, primo de Leão X, e depois papa com o nome de Clemente VII, possui na praça Farnesio a bella egreja de S. Jeronimo. Entre os seus membros contou S. Philippe de Neri e varios outros personagens de eminente virtude. O espirito de charidade de seus illustres fundadores se tem conservado na associação que abrange as obras mais variadas.

1.º Bem que dedicada particularmente aos presos, dá soccorros a todos os pobres envergonhados da cidade: Roma para ella divide-se em quatro regioens. Por espaço de tres mezes fornece pão aos pobres envergonhados d'um bairro; durante o segundo trimestre espalha as suas esmolas pelos pobres de segundo bairro, e assim consecutivamente. A fim de poupar a susceptibilidade das familias, os soccorros distribuem-se ao domingo pela manha muito cedo no oratorio de S. Jeronimo.

2.º Dota algumas donzellas.

3.º Contribue para a manutenção do mosteiro *delle Convertite*.

4.º Mantem, n'uma casa vizinha a S. Jeronimo, quatorze sacerdotes encarregados de espalharem grande parte dos seus beneficios corporaes e espirituaes; de confessarem os fieis que visitam em multidão aquella piedosa egreja; de celebrarem n'ella missa e desempenharem as outras funcçoens d'utilidade publica.

5.º Defende as causas das viúvas pobres e dos orphãos, pelo ministerio d'um advogado que ella sustenta à sua custa; e quando os pobres habitam em Roma, ella paga as despezas necessarias á prompta expedição dos seus negocios.

6.º De dois em dois dias distribue pão aos presos.

7.º Todas as manhans faz celebrar duas missas no altar das prisoens, fornecendo tudo quanto é necessario a esta boa obra.

8.º Manda dizer missa pelos presos doentes, dá-lhes remedios e lhes proporciona medico, cirurgião e barbeiro.

9.º Envia às prisoens um dos seus membros honrado com a prelacia, que intercede junto dos juizes a favor dos condemnados e paga ao elles sahirem da prisão as despezas que possam ter feito.

10. Finalmente sustenta um advogado encarregado de defender os accusados.

Isto ainda não è tudo. Quando no meado do decimo-septimo seculo Innocencio X mandou levantar, na via *Giulia*, a prisão que tem o seu nome e que o proprio Howard considera como uma das mais solidas e sandaveis de toda a Europa, a Archiconfraria de S. Jeronimo fez aquisição della e se encarregou com os seus proprios fondos da manutenção dos retidos. Era um bello pensamento entregar aquelles infelizes nas mãos da charidade, e o mesmo thesouro publico se via com isso muitissimo alliviado. Mas tendo as ultimas commoçoens politicas diminuido muito os recursos da Obra, a Camara apostolica lhe concede hoje algumas subvençoens. « Os religiosos de S. Jeronimo, continua Mons. Morichini, vão

todos os domingos áquella prisão prégar, fazer catechese e outros exercicios de piedade, com ajuda dos Padres Jesuitas que se dirigem todos os dias á prisão *Juliana*, como a todas as outras, para distribuirem abundantemente as instrucçoens christans. Os confrades do oratorio, estabelecido na egreja de S. Jeronimo, consagram o domingo a actos de charidade para com os presos doentes; levam-lhes confortos, fazem-lhes a barba, concertam-lhes os leitos e os consolam instruindo-os (1). »

Assim, em tanto que multidão de jovens, homens e mulheres estão á cabeceira dos doentes nos hospitaes, no mesmo dia e á mesma hora, fervorosos christãos descem ás prisoes e prodigalisam aos condemnados os cuidados d'uma charidade verdadeiramente fraternal. Tam certo é que a religião tem entranhas de mãe para todos os infelizes, como tem consolaçoens para todos os infortunios, e liçoens de sabedoria para todas as edades!



#### 14 de Março.

S. Pedro *in Montorio*. — Visita á Penitenciaria dos meços presos. — Associação da *Piedade dos Presos*. — S. Miguel. — Outras obras a favor dos presos. — Os Irlandezes em Santa Agatha *alla Suburra*.

A' proporção que mais se aproxima o momento solemne de introduzir seus filhos no banquete eucharistico, multiplica Roma os meios de sanctificação. Hontem tinha tido logar a procissão em

---

(1) *Instit. de Beneficencia*, p. 239.

honra de *Maria addolorata*, e o principio d'uma oitava de oraçoens á Mãe das dores. Em tanto que esta procissão, precedida do *Tronco*, atravessava a praça *Columna* e o *Corso*, uma piedosa peregrinação se abria em outro bairro de Roma, em *S. Pedro in Montorio*.

N'esta casa creada por *Leão XII*, para os rapazes sahidos de *S. Miguel*, foi-nos dado ver a charidade romana em exercicio. Por uma feliz coincidencia encontramos lá os dois deputados da *Archiconfraria* de *S. Jeronimo*, encarregados da direcção deste excellente asylo correccional. Varios sacerdotes, da *Sociedade dos Pios Obreiros*, distribuiam os soccorros espirituaes áquelles pobres rapazes que, apezar das quedas dos seus primeiros annos, dão a fundada esperanza d'uma volta duradoira à prudencia e virtude. Via-se na sua physionomia não sei que mixto de pudor, de pezar, de alegria, que resumia aos nossos olhos os sentimentos d'uma alma certamente culpada, mas ainda noviça no mal e dominada por um pensamento de rehabilitação. Cada rapaz tem sua cella separada; todos trabalham em lan, e guardam rigoroso silencio. Vê-se que a penitenciaria de *S. Miguel* serviu de modelo a esta; e como a primeira, está a segunda n'uma excellente via de prosperidade. O mesmo succede á *Colonia agricola*, de que fallarei ao visitar a *Villa Albani*.

Quando iamos sahindo, eis que chegam dois ecclesiasticos, conhecidos do obsequioso amigo que nos acompanhava. Depois d'uma instante de conversação: « Estes senhores, nos disse elle, são confrades da *Pietà dos Presos*, cujo centro é na egreja de *S. João della Pigna*; vão exercer a

sua charidade nas prisoes *Innocencianas*. Encontram-se alli, habitualmente occupados em consolar, instruir, distrahir os presos, que os amam muito. Um sacerdote, membro desta confraria, chamado *sollicitador*, è encarregado de visitar todos os dias as prisoes, provar os alimentos e sobretudo o sustento dos presos no segredo, que deve ser mais escolhido, abundante e sadio que o dos outros. Assim, os nossos presos aliàs submettidos a um regimen humanissimo, soccorridos por tantas associaçoens charidosas, rodeados de tantos recursos espirituaes, se acham alliviados em sua penosa posição e arrancados ao lodaçal do vicio por esta rehabilitação moral que os eleva á virtude. »

Fundada pelo padre Tallier, jesuita, e approvada por Gregorio XIII, foi a Confraria da *Pietà dos Presos* dotada em 1575, por Sixto IV, d'um rendimento annual de dois mil escudos, a fim de que podesse pôr em liberdade na Paschoa e no Natal alguns presos por dividas. Hoje o seu objecto principal è prevenir a encarceração dos pobres artistas, pagando-lhes aos crédores (1).

Tornando a passar o Tibre pela ponte *Quattro Capi*, visitamos a celebre penitenciaria de S. Miguel. Para a conhecer debaixo do ponto de vista material, è necessario imaginar uma grande sala rectangular guarnecida, nos seus compridos lados, de tres ordens de cellas cujas portas dão para uma varanda que costêa o edificio interior. Dues largas janellas abertas uma defronte da outra, nos dois lados pequenos, allumiam e saneam maravilhosamente a sala. No fundo està o altar; ao

---

(1) Mons. Morichini, p. 211.

comprimento das paredes, estão dispostos teares que correspondem a officinas mais consideraveis. As sessenta e quatro cellas dos presos podem ser vigiadas d'um lance d'olhos pelo director, a maior vantagem do systema panoptico de Bentham. O estylo da penitenciaria é magnifico no seu genero, e é com justa razão que é hoje considerado como o typo das celebres prisoes penitenciarias da America, Suissa, França e Inglaterra (1).

O pensamento do fundador revela o fim moral do estabelecimento. Clemente XI acabava de construir a parte de S. Miguel destinada á aprendizagem das artes e officios; o sabio Pontifice pensou que era necessario fundar a sua obra erguendo uma penitenciaría para os mancebos culpados de delictos: corrigir os defeitos é segunda educação. No *Motu proprio* de 14 de novembro de 1703, exprime-se assim: « Agora que a nova casa se acha terminada, com as suas sessenta cellinhas, separadas umas das outras e todas juntas n'um grande recinto; que ao pé desta salla algumas annexas podem servir de officinas para os trabalhos de fabrico de pannos e outras industrias: Queremos e ordenamos que todos os rapazes ou mancebos de menos de vinte annos, que, ao diante, por faltas por elles commettidas forem presos, em vez de serem conduzidos as prisoes publicas, sejam transportados á nova casa de correcção; e, como ha rapazes de natureza perversa que desobedecem a seus pais, e pelo seu mau caracter accusam pessimas inclinaçoens para o vicio, queremos e ordenamos que possam ser

---

(1) Mons. Morichini, p. 106.

egualmente conservados, emendados e corrigidos na mesma casa...

« Os presos serão instruídos nos princípios da vida christã, e aprenderão as regras do bem viver. Ordenamos por tanto aos reverendos Cardeaes, protectores do hospício, que enviem um sacerdote secular que deverá não só celebrar a santa missa todos os dias, mas instruir os mancos encarcerados, na religião e nas coisas necessarias a uma vida christã.

« Queremos outrossim que mestres ensaiem aos presos alguma arte mechanica, a fim de que, com este exercicio, elles abandonem o habito da ociosidade e comecem uma nova carreira de bons costumes. »

Percorrendo a penitenciaria de S. Miguel, onde o pensamento de Clemente XI continua a produzir os mais felizes fructos, recorda-se a gente involuntariamente destas palavras de Montesquieu: « A philosophia não faz nada bom que a religião não haja feito antes della e melhor que ella. » Quando reivindica a invenção do systema penitenciario, commette a philanthropia moderna um roubo e um erro. Um roubo, porque attribue a si uma gloria que pertence a Egreja de Roma; um erro, pois que imagina haver descoberto uma instituição cuja idéa é tam antiga como o christianismo, e cuja applicação precede todas as theorias e todos os ensaios dos primeiros philantropos flamengos e americanos: é este, como se vê, mais um artigo para o *Diccionario das antiguidades modernas*.

« Ha, diz a este respeito M. Guizot, um facto mui pouco notado nas instituições da Egreja; é o seu systema penitenciario, systema tanto mais

curioso de estudar quanto está, *em quanto aos principios e às applicaçoes* do direito penal, completamente d'acordo com a philosophia moderna. Se estudardes a natureza das penas da Igreja e das penitencias publicas que eram a seu principal castigo, vereis que teem sobretudo por objecto excitar, na alma do culpado, o arrependimento; na dos assistentes, o terror moral do exemplo. Ha tambem outra idéa que se junta a isso, uma idéa de expiação. Não sei, em these geral, se é possivel separar a idéa de expiação da pena, e se não ha em toda a pena, independentemente da necessidade de provocar o arrependimento do culpado e desviar aquelles que podessem ser tentados a sel-o, uma secreta e imperiosa necessidade de expiar a culpa commettida. Mas, pondo de parte esta questão, é evidente que o arrependimento e o exemplo serão o objecto d'uma legislação verdadeiramente philosophica. Não é em nome destes principios, que os publicistas mais illustrados teem reclamado, nos nossos dias, a reforma da legislação penal europea? Assim que, *abri os seus livros, ficareis admirados de todas as similhanças que haveis de encontrar entre os meios penaes que elles propoem e os que empregava a Igreja* (1). »

Taes são, em resumo, os meios de toda a especie que Roma emprega para restituir a vida moral ao criminoso. Se a justa severidade das leis o condemna a morrer, vê-se immediatamente rodeado de nova sollicitude. Aos particulares ja conhecidos acrescentarei que varias confrarias

---

(1) *Hist. da civilisaç. na Europa*, lição VI, p. 15.



fazem da boa morte dos condemnados o grande objecto do seu zelo e das suas orações. Na esplendida igreja dos Agostinhos, no Corso, a Archiconfraria do SS. Nome de Jesus e Maria, expõe o SS. Sacramento desde a manhã do dia da execução até depois da consummação do supplicio. Alem disso, manda varios dos seus membros pedir por toda a cidade as esmolas dos fieis, a fim de mandar celebrar missas pelo repouso da sua alma: estes pedintes são às vezes persopagens eminentes. Na praça de Pasquino, a Archiconfraria dos Agonizantes emprega tudo quanto o mais activo zelo pôde inspirar, a fim de obter aos enfermos na agonia, e sobretudo aos suppliciados, a inapreciavel graça d'uma boa morte. Alem da exposição solemne do SS. Sacramento, e do peditorio publico em seu favor, ella envia bilhetes a todos os conventos e a todas as communidades da cidade, a fim de que cada qual se ponha em oração e se esforce por obter da misericordia divina a salvação do culpado. Que coisa mais christã que semelhante costume! que coisa mais moral aos mesmos olhos da razão? Mas que coisa mais gloriosa para Roma! porque nenhuma outra cidade no mundo offerece semelhante espectáculo.

A convite do nosso guia fomos, antes de voltarmos á hospedaria, visitar a igreja de Santa Agatha *alla Suburra*. Os alumnos do Collegio Irlandez achavam-se alli reunidos para começarem, segundo o costume, o *Triduum* em honra de S. Patricio, apostolo da sua heroica patria. Era bello ver todos aquelles futuros atletas da verdade prepararem-se com um augmento de fervor para a solemne recepção do pão dos fortes.

Era talvez mais bello ouvir todos aquelles fi-

lhos da nobre Irlanda, prostrados na grande Roma aos pés do altar d'uma virgem martyr, chamarem sobre a sua nação a protecção d'aquelle que expulsou della a idolatria. Quem sabe? E' talvez de Santa Agatha *alla Suburra* que ha de partir o golpe que salvará a Irlanda. Como quer que seja, o viajante catholico, testimonha deste tocante espectaculo, une de boa vontade os seus votos aos suspiros dos opprimidos; e se os secretos presentimentos da sua fé não são vãos, sauda com transporte o dia d'hoje avante proximo, em que a fera Albião será obrigada a despedaçar as cadêas da sua illustre captiva, e em que a patria d'O'Connell reaparecerá aos olhos do mundo catholico, enfeitada de todas as graças que dão ás virgens martyres a candura da sua fronte immaculada e as cicatrizes das suas gloriosas feridas.



### 15 de Março.

Visita á Egreja de Santo Agostinho. — Bibliotheca Angelica. — Refugios da Cruz de Loreto, de Santa Maria *in Trastevere*, da Divina Clemencia. — Reflexoens.

Quasi no centro de Roma, nas ruinas da fogueira imperial, se ergue a bella e grande egreja de Santo Agostinho. Devendo hoje visitar as casas de arrependimento destinadas ás mulheres, pareceu conveniente começarmos por prestar os nossos deveres áquelle que foi tambem um illustre penitente. Accrescentai que na frente da sua historia, mostra esta egreja um nome francez. Deve a sua fundação ao Cardeal Guilherme d'Estoute-

ville, ministro de França em Roma, em 1483; e a sua cupula é a primeira que viu erguer-se a Cidade eterna. Seria longo descrever todas as capellas bem como as pinturas e os marmores preciosos de que ellas estão decoradas. O quadro de Santo Agostinho, collocado por cima do altar à direita do transepto, é do Guerchino. A' esquerda admira-se o *S. Thomaz de Villanova dando esmolas*, d'Hercules Ferrata; na penultima capella, o grupo da *SS. Virgem*, do *Menino Jesus* e de *Santo André*, por Sansovino. Mas a maravilha desta igreja é o propheta *Isaias*, pintado por Raphael, no terceiro pilar à esquerda ao entrar. O joven emulo de Buonarotti devia gozar vivamente com o seu triumpho, quando viu o proprio Miguel Angelo prodigalizar justos elogios a esta obra emprendida para luctar com os prophetas, com que elle havia adornado a capella Sixtina no Vaticano. Direi que esta obra prima acaba de ser copiada em mosaico. Não tem mais que dois metros de largura por dois e meio de altura, e comtudo occupou tres artistas ao mesmo tempo por espaço de seis annos. Só a paciencia romana pôde resolver-se a produzir tam vagarosamente. Acrescentarei que estes grandes quadros de mosaico sahem a cento e cincoenta ou duzentos mil francos.

Se o genio moderno está dignamente representado em Santo Agostinho, a pintura antiga não occupa alli um logar menos distincto. A bella imagem da *SS. Virgem* que lá se venera basta para dar uma alta idéa da arte byzantina. E' uma daquellas que os Gregos fugitivos trouxeram do Oriente depois da tomada de Constantinopla e que a tradição attribue a S. Lucas. A multidão cer-

cava o altar da Mãe das misericórdias, e numerosos punhaes, suspensos das pilastras da capella, annunciavam as curas moraes obtidas por intervenção d'aquella que nunca se invocou em vão. Outra parte da multidão se aproximou do altar a que eu acabava de subir. Por uma daquellas deliciosas harmonias de que Roma possui tam bem o segredo, Santa Monica repouza na igreja de Santo Agostinho! Como dizer missa sobre o corpo sagrado da mais admiravel e querida das mães, sem recordar as ternas palavras que o melhor dos filhos repetia chorando junto do seu tumulo: « Ella era, Senhor meu Deus! serva de todos os vossos servos;... tinha cuidado de todos, como se todos fossem seus filhos; era submissa a todos, como se cada um delles fosse seu pai (1) »

Ella foi offerecida, não segundo o desejo de Agostinho pelo descanso de sua querida defuncta; mas pelas Monicas e pelos Agostinhos, tam numerosos no decimo-nono seculo. Oxalá ella possa ter-lhes sido salutar!

Depois da missa visitamos a bibliotheca do convento. E' conhecida pelo nome de bibliotheca *Angelica e Passionei*, em memoria do padre Angelo Rocca, Agostinho, que a fundou em 1605; e do cardeal Passionei que a augmentou consideravelmente pelos fins do seculo passado. Contam-se n'ella perto de cem mil volumes, entre outros os *Acta virorum illustrium*, especie de collecção alleman, de mais de duzentos e cincoenta volumes, onde se acha de tudo, mas onde se não acha o todo de coisa alguma.

---

(1) *Confess.*, lib. IX, c. 9, n. 5.

Ao exame das obras inanimadas da intelligencia succedeu o estudo das obras sempre vivas da charidade. A fim de não esquecer genero algum de miseria, preparou Roma ás mulheres culpadas diferentes *Refugios* onde ellas podem renascer para a vida moral. Antes do seculo decimo-sexto, encontra-se já o mosteiro *delle Convertite* no Corso; em 1542, estabeleceu Santo Ignacio na Longara o das *Mal casadas*; setenta e tres annos depois, em 1615, o padre Domingos de Jesus abriu o refugio da Cruz; finalmente no anno de 1628 viu erguer-se o asylo de S. Thiago: de forma que n'isto como em outras coisas, póde Roma reivindicar a gloriosa iniciativa do bem. Ora, as mulheres culpadas podem-se dividir em tres classes; aquellas que, ainda moças, foram victimas d'um desvio passageiro; aquellas que estiveram mais tempo na desordem, ou a quem a justiça humana feriu de condemnação; e finalmente aquellas que, depois do casamento, esqueceram os seus deveres de esposa ou de mãe. Comprehende-se a utilidade de casas especiaes para cada uma destas categorias.

No Monte Pincio se ergue o refugio da Cruz, onde não se admittem nem as viuvas nem as mulheres casadas. Compõe-se exclusivamente de jovens, que a mesma superiora vai escolher ao hospital de S. Thiago. As refugiadas são em numero de vinte; vivem em communidade, sem possuirem coisa alguma de propriedade. A sua occupação é fiarem lan por conta d'um negociante que paga trinta escudos por mez em beneficio do asylo; outros cem escudos são concedidos mensalmente pela commissão dos subsidios: com estes modicos rendimentos juntos a algumas esmolas

marcha a casa perfeitamente. Todo alli respira ordem, limpeza, o contentamento do arrependimento, quasi diria, a alegria da innocencia. Em tanto que alguns conservatorios inspiram certa melancolia, experimenta-se aqui, não sei que sentimento de terna satisfação, ao ver tantas desgraçadas victimas da seducção caminharem, no seio deste asylo silencioso, pelas vias mais elevadas da perfeição (1).

Com effeito, bem que lhes seja permittido deixar o refugio, se succedesse que se desgostassem de tal vida, vêem-se quasi todas perseverar; e até algumas dellas revestem o habito religioso no convento de S. Thiago na Longara. Os parentes mais chegados podem vel-as uma vez por mez. Alem disso, uma vez por semana, sahem pela manhan cedo para tomarem ar nas ruas pouco frequentadas, vestidas uniformemente de vestidos pardos, um veu branco e uma pequena touca na cabeça. O refugio da Cruz, fundado em 1793 pelos cuidados de D. Ciro, sacerdote hespanhol, e da irman Maria Thereza Sebastiani, recebeu os mais preciosos estimolos de Pio VII e Gregorio XVI, que se dignaram visital-o e confiar a sua direcção a um deputado ecclesiastico dependente do cardeal vigario.

Do Pincio, dirigimo'-nos ao Monte Celio para visitarmos um novo refugio cuja origem é esta. Pelo começo deste seculo, algumas damas romanas e principalmente a virtuosa princeza Thereza Doria Pamphili, indo consolar os doentes do hospital de S. Thiago, viam com dor que aquellas

---

(1) Mons. Morich., p. 160.

mulheres apenas curadas voltavam de novo ás suas antigas desordens. O refugio da Cruz era insufficiente para as receber a todas, e, como vimos, não admittie senão as moças. A princeza pediu pois e obteve de Leão XII um antigo hospicio situado na rua *San-Giovanni*. E' o refugio de Loreto, assim chamado porque está sob a direcção da congregação de Loreto composta de damas e presidida pelo Cardeal vigario. Recebem-se n'elle todas as pessoas do sexo feminino que, depois da cura, querem observar um comportamento regular. As mulheres casadas são tambem lá admittidas até que se possa reconcilia-las com seus maridos, afastados dellas em consequencia dos seus desregramentos. O passadio e o regulamento são quasi os mesmos que no refugio da Cruz.

Abaixo destas desgraçadas, estão as mulheres que sahem da cadeia, e que a miseria ou qualquer outra causa arrastaria promptamente ao mal, se mão tutelar as não viesse soccorrer. Para ellas foi fundado o conservatorio de *Santa Maria in Trastevere*. A' excepção das reincidentes, vão para aquella casa entregar-se às obras da piedade christan e ao trabalho. Bem que alli se não devam receber senão raparigas, admittem-se tambem as mulheres casadas. Estão lá em quanto querem e empeham-n'as a que lá fiquem, a não ser que se reunam a seus maridos, ou tenham bons parentes para tomarem conta dellas. Varios ecclesiasticós e uma sociedade de piedosas damas lhes consagram todos os cuidados espirituaes, necessarios á sua conversão e perseverança. O refugio de *Santa Maria* data de 1806, e a gloria delle

pertence ao padre Stracchini é ao excellente cardeal Cristaldi.

Finalmente, ao pé de Santo Onuphro está o conservatorio da Divina Clemencia, onde se mettem todas as pessoas do sexo feminino cujo irregular comportamento seria perigoso para os costumes publicos.

Fundado pelo papa Clemente IX, está este refugio sob a direcção dos parochos de Roma, presididos pelo Senr. vice-gerente.

Tenho fallado extensamente dos institutos charitativos da mãe das Egrejas, e todavia posso, terminando este assumpto muitissimo ignorado, dizer com um historiador muito mais explicito que eu: « Eis ahi um resumo das obras charitativas que se praticam em Roma; pois fôra impossivel fazer a enumeração completa dellas. O que deixo relatado basta para mostrar com quanto razão é Roma chamada a Cidade santa. Nenhuma especie de miserias ha que ella não haja sido a primeira a alliviar, e não allivie ainda. A fonte da sua charidade está na sua fé; conta seiscentas egrejas ou oratorios aos quaes seus filhos são chamados nos tempos convenientes. Alli, prodigaliza ella todos os meios de reconciliar os peccadores com Deus, de corroborar os justos na virtude, de alliviar as almas do purgatorio, de honrar a Deuse de fazer correr a trespordar a vida moral em todos os fieis. Assim continua a verificar-se o dicto de S. Leão, que *Roma outr'ora mestra do erro se tornou mestra da verdade* (1). »

---

(1) Constanzi, t. I, p. 263, n. 262.



**16 de Março.**

Uma festa no palacio Massimi. — O 'Apollinario. — A Universidade. — O Collegio romano. — As Bibliothecas.

No dia das calendas d'abril, 16 de março do anno de 1583, eis aqui o que se passava em Roma, no palacio do principe Fabricio Massimi. Toda a nobre familia chorava ajoelhada em volta d'um leito de dor. N'este leito se debatia nas convulsoens da agonia um joven de quatorze annos e tres mezes: era o filho da casa, o orgulho de seu pai, a alegria de sua mãe, o amor de seus irmans. De subito se levanta o pai e expede um de seus criados a S. Philippe de Neri, supplicando-lhe que viesse sem demora. O Santo está ao altar; não pode acudir senão uma hora depois. Durante aquelle tempo o padre D. Camillo recita as oraçoens da recommendação da alma do joven moribundo que expira em seus braços. Fabricio, afflicto, se aproxima para cumprir o ultimo dever fechando elle proprio os olhos de seu filho. Pela sua parte, *Francesca*, ama do menino, traz água para lavar, segundo o costume, o corpo do defuncto, e os vestidos com que elle deve ser revestido no seu leito de morte.

N'estes entrementes chega S. Philippe: « Ai! padre, lhe diz Fabricio, Paulo está morto; já não ha nada que fazer; porque não viestes mais cedo? » O Santo vai direito ao quarto mortuario, onde encontra a ama *Francesca* preparando-se para adornar o menino com seus vestidos fúnebres. Philippe aproxima-se do leito, pede agua benta, derrama-a na bôcca e no rosto do morto,

impõe-lhe as mãos, põe-se em oração, toca-o e chama-o duas vezes pelo seu nome. Em presença de toda a gente, Paulo abre os olhos, responde ao Santo e volta á vida (1).

Em memoria deste milagre, celebra a familia Massimi todos os annos, no seu palacio, uma piedosa festa em honra de S. Philippe de Neri. Se estiverdes em Roma no decimo-sexto dia de março, não deixeis de assistir a ella. Como nós, ficareis locados do testimonho publico deste reconhecimento secular, e sentireis augmentar-se em vós a devoção para com um Santo mui pouco conhecido. Estas duas coisas igualmente doces e boas, contam-se entre as alegrias uteis d'uma viagem á Italia.

Antes de partirmos para Napoles, tinhamos visto o que Roma faz para dissipar a ignorancia entre o povo; as circumstancias tinham impedido que descrevessemos os grandes meios que ella emprega para desenvolver a intelligencia nas classes superiores: chegára a occasião de a seguirmos n'este novo exercicio da sua charitativa sollicitude. Multidão de collegios, de institutos, de academias estão abertos em Roma para a cultura do espirito. Seria demasiadamente longo fallar delles por mendo; para se conhecer o estado da instrucção superior basta estudar o Apollinario, a Universidade e o Collegio romano.

Conforme as sabias prescripções do Concilio de Trento, apressou-se Roma a fundar um seminario para a educação dos clerigos: o Summo Pontifice Pio IV lhe poz a primeira pedra em 1565;

---

(1) *Vita S. Philippi, etc.*, Auctor. Ant. Galliono, p. 126.

e S. Carlos Borromeu, alma da disciplina ecclesiastica, deu as leis que ainda regem este estabelecimento. Os discipulos são d'elle admittidos por concurso. Devem ser Romanos, de idade de menos de doze annos, versados no conhecimento da grammatica superior, tonsurados ou promptos a sel-o. São sustentados no seminario, formados na sciencia por mestres e repetidores habéis, tractados gratuitamente nas doenças, instruidos nos principios da vida christan e ecclesiastica, pela practica da oração e pelo exercicio das funcçoens sagradas, quer na egreja do Apollinario, quer em S. João de Latran nos dias das grandes solemnidades. Todos os beneficiados de Roma contribuem, por meio d'uma reserva, para a manutenção do seminario. Se os alumnos não entram nas ordens sagradas, são obrigados a pagar as despezas de alimento que fizeram durante a sua educação clerical.

As bellas letras, a philosophia, a theologie, o direitço canonico, a historia ecclesiastica, todos os outros ramos da sciencia sagrada se ensinam no seminario. Se se deve julgar pelos resultados, os estudos devem estar adiantadissimos. O clero romano distingue-se especialmente pelo seu profundo conhecimento da moral e das antiguidades christans. Graças a estas duas sciencias, tem sabido sempre livrar-se da relaxação e do rigorismó, como tam bem o demonstrou o douto Franco-*lini* (1); de mais, póde com uma facilidade e uma força notavel confundir os innovadores, quer em materia de dogma, quer em materia de discipli-

---

(1) *Clericus Romanus contra nimium rigorem munitus*, in-fol.

na, oppondo-lhes a auctoridade dos monumentos antigos. D'onde essa immutabilidade de doutrina, e essa uniformidade de methodo que se manifesta nos sermoens e nas instrucçoens parochiaes. Accrescentarei que, obrigado pela sua posição a responder ás consultas e difficuldades que chegam de todas as partes do mundo, o clero romano adquire com o tempo uma sciencia practica e positiva, que é raro encontrar em outra parte no mesmo grau. O seminario está collocado sob a direcção do cardeal vigario que habita um palacio contiguo; e por uma concessão de Leão XII, pôde conferir o doutorado em theologia, por conseguinte o bacharelato e a licença.

Não quizemos deixar este bello estabelecimento sem visitarmos a igreja de Santo Apollinario, que lhe deu o seu nome. Fundada em 772 por Adriano I, e restaurada por Benedicto XIV segundo os desenhos de Fuga, possui duas bellas estatuas de Santo Ignacio e S. Francisco Xavier; o que porem a faz preciosa aos jovens clerigos, é o numero e a escolha das reliquias de que está adornada. Parte dos ossos da legião Thebana e das onze mil virgens; os corpos dos santos martyres Eustracio, Auxencio, Mardario e Grestes, trazidos do Oriente pelos religiosos Basilenses; reliquias de Santo Ignacio, de S. Francisco Xavier, de S. Francisco de Borgia, de S. Luis da Gonzaga e de Santo Estanislau Kostka: que coisa mais eloquente n'uma igreja de seminario? Soldado, virgem, martyr, o sacerdote catholico deve ser tudo isto. E Roma quer que os seus jovens clerigos, postos desde a infancia ante os olhos de tantos illustres modelos vindos de proposito do Oriente e do Occidente,

bebam o verdadeiro espirito do sacerdocio n'uma igreja dedicada a' um bispo martyr, discipulo de Pedro, chefe dos pastores e martyr tambem.

Pequena distancia nos separava da Universidade, que recebeu a nossa segunda visita. Este bello estabelecimento forma um parallelogrammo, no meio do qual està um vasto patio rodeado de tres lados por soberbos porticos de dois andares; o quarto é formado pela Igreja. Deve a sua origem e o seu desenvolvimento aos papas Bonifacio VIII, Leão X, Sixto V, Urbano VIII e Alexandre VII. Esclarecido protector quanto generoso das sciencias e das artes, Leão XII deu novo brilhantismo à universidade romana, fundando n'ella varias cadeiras novas, augmentando o ordenado dos professores, e àperfeiçãoando, pela sua constituição de 27 d'agosto de 1824, o regulamento dos estados. Collocada sob a direcção d'um cardinal archichancellor e d'um reitor, a Universidade compõe-se de cinco Collegios ou Faculdades: theologia, direito, medicina, philosophia e philologia. Conta quarenta e oito professores; e o programma dos seus cursos mostrará que Roma sabe manter-se ao nivel da sciencia moderna.

### *Theologia.*

Escriptura sagrada.  
Theologia dogmatica.  
Theologia escholastica.  
Physica sagrada.  
Historia ecclesiastica.  
Eloquencia sagrada.

Botanica theorica e practica.

Historia natural.

Pharmacia theorica e practica.

Cirurgia veterinaria theorica e practica.

*Jurisprudencia.*

Direito natural.  
Direito das gentes.  
Direito canonico.  
Direito ecclesiastico.  
Pandectas de Justiniano.  
Direito civil.  
Direito criminal.

*Medicina.*

Anatomia.  
Physiologia simples e comparada.  
Medicina theorica e practica.  
Pathologia.  
Zoologia.  
Hygieoè e therapeutica.  
Medicina legal.  
Clinica medica no hospital do Espirito Santo.  
Cirurgia theorica.  
Clinica cirurgica no hospital de S. Thiago.  
Chimica.

*Philosophia.*

Logica.  
Methaphysica.  
Moral.  
Algebra e geometria.  
Calculo superior.  
Mecanica.  
Hydraulica.  
Optica e astronomia.  
Geometria descriptiva e 'projecção das sombras.  
Architectura estatica e hydraulica.  
Mineralogia.  
Physica theorica e experimental.

*Philologia.*

Archeologia.  
Eloquencia.  
Poesia.  
Lingua hebraica.  
Arabe.  
Syro-Caldaica.  
Grega.  
Latina.

Cumpre ajuntar as escholas das bellas-artes, nas quaes se ensina pintura, esculptura, architectura, ornato, perspectiva, anatomia, mythologia, etc.; estes cursos são feitos por onze professores, membros da academia de S. Lucas.

Em quanto ao espirito que dirige os estudos, é eminentemente christão, e brilha na inscripção collocada por cima da grande frontaria :

INITIUM SAPIENTIAE TIMOR DOMINI.

Os SEUS MEIOS SÃO : os exercicios religiosos, os retiros e outras practicas annuaes, semanaes ou diarias estabelecidas pelos regulamentos. O SEU FIM, é a gloria de Deus, a defeza da Igreja e o bem da sociedade: triplice objecto eloquentemente resumido na igreja dedicada a S. Lucas, a S. Leão Magno, e a Santo Yvo, advogado dos pobres.

Direi que os Estados romanos contam sete Universidades. As duas primeiras, que parecem caminhar com passo equal, são as de Roma e de Bolonha, presididas cada uma por um cardeal archichancellor. As outras cinco teem por chancellor o bispo diocesano. Todas as Universidades, collegios, estabelecimentos de educação, escholas, estão sob a direcção da Congregação dos Estudos, estabelecida por Leão XII. Compõe-se de cinco cardeaes encarregados de velar pela pureza da doutrina e dos costumes, e pela execução dos regulamentos dados pelo sabio Pontifice.

Da Universidade passamos ao Collegio romano, do qual os excellentes padres Marchi e Perrone tiveram a bondade de fazer-nos as honras. Debaixo do ponto de vista da importancia, quasi rivalisa este soberbo estabelecimento com a Universidade. O grande papa Gregorio XIII o fundou em 1582, dotou-o de ricos rendimentos e confiou a sua direcção aos Jesuitas. Conforme as intenções do Pontifice, ha aulas onde se ensinam

as differentes sciencias desde as mais elementares ás mais elevadas. Admittem-se n'elle não só os Romanos, senão tambem os estrangeiros de qualquer nação que pòdem tomar alli os graus. O Collegio romano conta mil e cem estudantes todos externos, e grande numero de professores conhecidos de toda a Europa sabia: taes são entre outros os padres Vico, Marchi, Perrone e Secchi.

Independentemente das humanidades ensinam-se n'elle :

Theologia dogmatica e moral.

Direito canonico.

Eloquencia sagrada.

Liturgia.

Philosophia.

Physica moral.

Physica.

Chimica.

Mathematicas transcendentales.

Lioguas e litteraturas hebraica e grega.

Nas partes superiores do edificio estão a bibliotheca, o observatorio e o celebre museu Kircher. A primeira, composta d'uns quarenta mil volumes escolhidos, foi-nos mostrada pelo padre Perrone que faz della o seu domicilio do dia, e quasi da noite. O sabio Romano é um typo do genero, cuja vista resuscita aos olhos do viajante as poeticas tradiçoens da idade media. Vêdes sob uma veste de burel preto, ruço ou branco, um religioso de modos graves, de maneiras affaveis e modestas, com a cabeça coberta do antigo barrete e a cara ás vezes ornada de magnifica barba? está assentado n'uma grande poltrona de coiro, veneranda cadeira curul da sciencia. Diante delle se estende uma grande meza coberta



de papeis mais ou menos riscados e cercada, como d'uma constellação, de estantes moveiças, carregadas de in-folios e manuscriptos; á direita, está o tinteiro talvez secular no qual se molharam tantas pennas sábias; à esquerda, a classica caixa de rapé de buxo com o *fazzoletto* de algodão; por todas as partes os meudos accessorios que annunciam a paciente applicação do erudito e a longura das suas sessoens entre os mortos. Se é certo que a sciencia solida e conscienciosa exige o socego da solidão e se allia pouco com as distracçoens e com os prazeres da vida mundana,

*Non jacet in molli veneranda scientia lecto,*

o espectáculo que acabo de descrever não é indifferente; dá credito ás *indagaçoens romanas*, como aos estudos benedictinos. De facto, esses sabios, que os inventores da *litteratura facil* acham caducos, chamam-se: Vico, Mai, Ventura, Marchi, Perrone, Secchi, Orioli, Micara, Mezzofanti; e os seus predecessores: Thomaz d'Aquino, Suares, Baronio, Bellarmino, Boldetti, Mamachi, Winckelman, Marangoni, etc., etc.

No museu, encontramos o padre Marchi explicando as plantas das catacumbas de Santa Ignéz. Sob a sua direcção, foi-nos dado visitar com grande interesse as numerosas collecçoens d'antigos de marmore, bronze, e barro cozido, que poem o museu Kircher immediatamente depois dos de Napoles, do Vaticano, de Florença e de Paris.

*Religioni ac bonis artibus*; estas duas palavras gravadas em letras d'ouro por cima da porta principal do Collegio romano annunciam sufficien-

temente o espirito e objecto da instrucção que alli se dá. E' necessario accrescentar que o coração e o caracter dos mancebos, de que a nossa Universidade não se occupa ou quasi se não occupa, é para os sabios religiosos o primeiro objecto da sua paternal sollicitude? Nada mais completo ou mais bem entendido que o seu systema de educação moral. Assim que a recompensa incontestada de tanta dedicação é a auctoridade real que os bons padres conservam sobre os discipulos. Recordá-se a gente em Roma d'um facto que deve encontrar aqui o seu logar. Em 1831, na epocha das desordens da Romania, todas as Universidades foram obrigadas a suspender os seus cursos, em tanto que o Collegio romano continuou pacificamente os seus trabalhos.

Para acabar a historia dos meios pelos quaes favorece Roma o progresso da sciencia, resta-me dizer uma palavra das bibliothecas. Nenhuma cidade na Europa conta tantos destes vastos depositos dos conhecimentos humanos. Alem daquellas em grande numero que existem nos conventos, ha onze bibliothecas abertas ao publico: a *Vaticana*, a *Casanatense*, a *Angelica*, a *Alexandrina*, a *Lancisiana*, a *Ara-Cœlitana*, a *Barberini*, a *Corsini*, a *Chigi*, a *Vallicellana*, e a *Albani*. A *Vallicellana*, estabelecida no convento de S. Philippe de Neri, é sobretudo rica em manuscriptos ecclesiasticos e historicos. Do mesmo modo que, no *Tabularium* do Capitolio, conservava Roma antiga os factos culminantes da historia das naçoens, pôde-se dizer que conserva Roma moderna nas suas bibliothecas, depositarias de tantos milhares de manuscriptos, cartas, documentos religiosos, politicos, e scientificos, os archivos de

todo o universo. Mas em tanto que Roma pagan escondia os seus thesoiros n'uma fortaleza, abre Roma christian os seus a todo aquelle que n'elles quer enriquecer-se.

---

### 17 de Março.

As villas. — Villa Albani. — Instituto de M. Campa. — Villa Ludovisi. — Borghese. — Pamphili.

Havia tres mezes que os nossos estudos tinham tido por objecto Roma pagan e Roma christian. Os seus monumentos, o seu espirito, as suas obras, e a sua vida interior haviam occupado successivamente a nossa attenção: era tempo de sahirmos do recinto dos muros e explorarmos as numerosas riquezas da Campina romana. Ainda aqui as duas cidades se acham juntas uma com a outra; e sob pena de não ver bem, será necessario caminhar segunda vez pelo dominio do paganismo e do christianismo.

Um dos objectos mais interessantes e mais vezes descriptos pelos viajantes são as villas romanas. Se quereis imaginar um palacio d'uma magnificencia muitas vezes real, situado no meio de vastos jardins, plantados de bosquesinhos odoriferos, e de estatuas de marmore de todas as formas, de todas as edades e quasi sempre de grande merecimento, e com isto tanques, fontes borbulhantes; n'uma palavra tudo quanto pôde li-songear os sentidos, tereis uma idéa dessas habitações sumptuosas que chamamos *villas*, e que a lingua italiana mais explicita chama *delizie*.

Obrigado a restringir-me , fallarei sómente d'algumas : *Ab uno disce omnes.*

Sahindo de Roma pela porta *Salaria*, encontra o viajante a um quarto de milha , não longe dos antigos jardins de Sallustio , a celebre villa Albani. Deve ella a sua existencia a dois ecclesiasticos , um e outro homens de grande genio. O cardeal Alexandre Albani foi o proprio que traçou os desenhos della , cuja execução confiou a Carlos Marchionni. Em quanto se trabalhava nos edificios , o principe da Egreja , apaixonado amador das artes , consagrava parte da sua immensa fortuna a formar vastas collecçoens de estatuas , bustos , baixos-relevos , urnas , columnas e inscripçoens. O immortal abbade Winckelman , restaurador da sciencia archeologica , foi encarregado de pôr em ordem estas pedras de espera ; e dellas formou um dos mais bellos e interessantes museus que se conhece. Tudo isto occorria na segunda metade do seculo passado.

Entre a multidão de obras-primas e objectos raros que enchem os vestibulos , as galerias e os quartos , admiramos sobretudo uma pintura antiga que representa , segundo se crê , Livia e Octavia sacrificando a Marte ; os filhos de Niobe , traspassados de frechas por Diana , baixos-relevos de magnifica execução ; uma Pallas de bronze , uma Diana de alabastro com a cabeça , os pés e as mãos de bronze ; o Apollo *Sauroctone* , matador de largatos , de bronze ; o repouso d'Hercules ; o curioso Hermes de Mercurio com uma inscripção grega e latina que se admira córando ; e o celebre baixo-relevo d'Antinous. Em cima d'uma meza de marmore de Paros , encontrada na villa d'Adriano , vê-se Antinous esculpido segundo a

natureza, em busto, com o peito e os braços nús. A abobada da grande galeria, pintada por Mengs, representa o Parnaso, cujos acompanhamentos em claro escuro produzem excellente effeito. Veem depois os baixos-relevos de Diogenes no seu tonel, conversando com Alexandre; de Berenice, offerecendo os cabellos pela volta de seu marido Ptolomeu Evergetés; e de Dedalo fabricando as azas: este ultimo è de vermelho antigo e de bello trabalho. A estas obras de primeira ordem, cumpre ajuntar os bustos de grande numero de imperadores e de personagens celebres da antiguidade; vinte e duas columnas antigas de differentes marmores, e uma d'alabastro oriental, de admiraveis veios; um soberbo sarcophago com as nupcias de Peleu e Thetis; finalmente o famoso candelabro com as suas dançarinas, um dos mais bellos restos da esculptura antiga.

Os nossos olhos deslumbrados pediam para descançar n'um espectaculo mais agradável. Encontramol-o no instituto agricola de M. Campa, visinho da villa Albani. Destinado a receber moços vagabundos ou detidos correccionalmente, este estabelecimento forma o correspondente do nosso Met-tray, porem precedeu-o. Um viajante francez que o visitou antes de nós o descreve n'estes termos: « Com uma mediocre fortuna e uma firme vontade, chegou M. Paolo Campa a reunir, inteiramente à sua custa, 85 rapazes, n'um terreno de 20 rubbis (37 hectaros), e é só ha pouco tempo que o thesouro publico lhe concede 10 escudos por anno.

« Sendo o objecto do estabelecimento arrancar-os ao vicio e fazel-os agricultores, todos são

successivamente applicados, segundo a sua idade e as suas forças, e sob a direcção de instructores, aos diversos trabalhos do campo, e aos cuidados dos gados e da queijaria: dezoito vaccas e bois de lavoura lhes estão confiados. Se, durante o inverno, a má estação suspende o trabalho exterior, occupam-os em fabricar chapéus de palha, cestos, utensilios de vime ou de pau; e em tudo o que diz respeito aos vestidos; e ao calçado dos camponeses, e às reparações d'uma herdade.

« Levantando-se de manhã cedo, empregam todo o dia nos trabalhos manuaes. A' noite, duas horas são consagradas à instrucção religiosa, á leitura, à escripta, ás contas e aos elementos de musica; para suavisar o trabalho, cantam muitas vezes em côro, e sempre ao voltarem ao domicilio a tarde e na occasião das comidas; além disso, este talento é procurado nas freguezias ruraes e pôde contribuir para o seu bem-estar. O sustento compõe-se geralmente de pão, fructos e legumes; bebem vinho misturado com agua e só comem carne aos domingos e dias santos: em tudo os habitam ao regime que devem encontrar nas explorações ruraes. Apesar desta alimentação quasi unicamente vegetal, gozam boa saúde e notavel alegria (1). »

Não podem sahir do estabelecimento sob pretexto algum. Esta sabia medida os põe ao abrigo das recahidas, evitadas tambem por seu moto proprio. Dirigidos pela doçura e pela religião, amam o seu asylo e o seu bemfeitor a quem dão o nome de pai; e diziam-nos que nenhum

---

(1) M. Fulchiron, *Estados Romanos*, t. III, 1 part., p. 327.

havia procurado escapar-se d'um local que não tem mais que sebes por cerca.

Chegados á idade de vinte annos os colonisam nos sitios menos insalubres da Campina romana. Os que sahem serão substituidos por novos adoptados e o insituto virá a ser um viveiro de cultivadores instruidos, que sirvam de modelo aos aldeoens rotineiros.

Depois de havermos visitado de novo o *agger* de Servio Tullio e o Campo Scelerado, tumulto vivo das Vestaes, entramos, graças a uma licença escripta, na villa Ludovisi. Occupa ella parte dos Jardins de Sallustio, confina com os muros da cidade e merece a attenção do viajante pela famosa *Aurora*, do Guerchino. A deusa assentada no seu carro sobe no horisonte, expulsando diante de si as trevas da noite e semeando flores a mãos cheias. Este fresco, no qual se vê que o proprio Guerchino se excedeu, orna a abobada do Casino, situado no meio da villa.

Descendo pela encosta do Pincio, chegamos á magnifica villa Borghese. Todos quantos recursos a fortuna, e o gosto apaixonado das bellas-artes, hereditarias n'uma familia de principes, podem offerecer, tem sido empregado ha tres seculos para o aformoseamento deste logar de delicias. Chegando pela entrada occidental virada para a porta Flaminia, acha-se o viajante em frente d'um soberbo portico, reproduzindo com exactidão os mais celebres propyleos da Grecia e da Asia Menor, taes como os d'Athenas e Eleusis: de forma que tem diante dos olhos um monumento completo de estylo grego. A' esquerda da magnifica allea que conduz a uma grande fonte, eis um lago d'agua limpida, alimentado por um re-

gato que cabe de cascata em cascata ; depois as formidaveis substrucçoens do Pincio , cujas abobadas vinte vezes seculares offerecem um aspecto serio e completamente classico. Adiante da fonte, a allea bifurca-se. O braço esquerdo conduz a um arco de triumpho imitado do antigo e' coroado da estatua de Septimo Severo , no meio de dois escravos ; passa depois ao templo Tetrastylo de Esculapio ornado d'uma estatua antiga do deus da medicina : depois ao portico d'um templo egypcio precedido de dois obeliscos. D'alli vos apparece pendente , suspenso no vacuo , o augulo das substrucçoens do Pincio. Esta obra reticulada leva o pensamento ao fim da republica e recorda o opulento Domicio Enobarbo , que a mandou construir para apoiar os seus magnificos jardins.

O braço direito da grande allêa chega directamente ao Casino chamado *de Raphael* , porque foi a habitação do immortal artista. Mais adiante se acham estacionados no meio das fontes, dos lagos e dos bosquetes , o templo monoptero de Diana , o Hippodromo e o famoso Casino, outr'ora depositario dos monumentos da antiga Gabies, transportados a Paris durante a occupação franceza. Na queda do Imperio , o principe Camillo Borghese reclamou vivamente aquelles ricos thesoiros ; mas os seus pedidos foram desattendidos. Tomou então a resolução de formar um novo museu , que debaixo de muitos pontos de vista rivalisa com o primeiro.

No meio daquella paisagem tam rica e variada , se levanta o palacio , cuja descripção artistica seria infinita. Nos differentes saloens , todos mais brilhantes uns que os outros , admira-se a cabeça colossal de Diana, d'um trabalho exquisito :

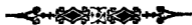


a deusa tem as orelhas furadas, indicio dos brincos que tinha; a estatua perfectamente roupada d'uma sacerdotiza, collocada sobre um altar sepulcral, com o epitaphio em versos gregos de uma celebre cantora chamada Musa; a cabeça de Vespasiano de porphyro; a estatua de Ceres de marmore pantelico, de tamanho natural, considerada como a mais perfeita de todas as que representam a deusa das messes; a estatua d'Hercules, collocada em cima d'um grande sarcophago ornado de excellentes baixos-relevos que reproduzem os cinco primeiros trabalhos do semi-deus: o leão de Nemêa, a hydra de Lerna, o javali de Erimantho, a Corça de pés de bronze e as Stinfalides traspassadas de frechas; finalmente, o famoso baixo-relevo da educação de Telepho, obra-prima do tempo d'Adriano, tam delicadamente trabalhada, que se tomaria por um camafeu. As columnas antigas dos marmores mais raros, os vasos de bronze e d'alabastro, os mosaicos, as inscripçoens, as pinturas, as esculpturas, mil outros objectos tam raros como preciosos abundam n'este palacio das musas e deixam pena de se não poder descrever tudo.

Voltando á cidade pela porta do Povo e costeando o caes de Ripetta, transportamos a nossa admiração além do Tibre, á villa Pamphili. As mesmas riquezas e a mesma variedade que nas precedentes. Todavia duas coisas a distinguem e merecem a attenção particular do viajante: os Columbarios e o Hemicyclo. A' direita da primeira allêa, vêem-se muitos Columbarios, achados ha vinte e cinco annos. Esta descoberta é preciosa, primeiro porque indica sem perigo de engano a direcção da via Aurelia; depois porque a

notavel construcção destes monumentos e as suas numerosas inscripções fornecem os mais interessantes particulares àcerca dos costumes funerarios dos antigos. No centro da villa está o Hemicyclo, rodeado de lindos nichos de marmore, d'onde borbulham murmurando pequenas fontes cujas limpidas aguas cahem em bacias elegantemente trabalhadas. Baixos-relevos antigos e estatuas ligam as fontes entre si e formam em volta do hemicyclo um cordão continuo de obras-primas. No meio ergue-se uma magnifica rotunda, no fundo da qual está uma estatua de Fauno, que toca flauta. A villa inteira, composta de soberbas alléas, de bosquetes, de jardins, ornados d'um povo de estatuas, de deliciosas fontes, de varias cascatas, e d'uma sumptuosa habitação, não tem menos de cinco milhas de circumferencia.

Não seria custoso encontrar nos arredores outras dez villas quasi tam interessantes como esta. Tal è, com as obras de charidade, o nobre uso que fazem da sua fortuna as grandes familias de Roma. Oxalá nunca o mesquinho espirito do industrialismo dê outro curso às suas riquezas e aos seus gostos!



### 18 de Março.

Pyramide de Cestio. — Explicação archeologica deste monumento. — Diccionario dos Siglos. — Quanto elle é util ao viajante na Italia.

Antes de transpor o recinto de Roma pela porta d'Ostia, encontra-se, junto dos muros, um dos monumentos mais importantes e mais bem

conservados da antiguidade pagã : nomeei o túmulo de Caio Cestio.

Forma uma pyramide quadrangular de cento e treze pés d'altura por duzentos e setenta e seis de largura acima da base. No exterior, esta gigantesca massa está toda revestida de pranchas de marmore branco, d'um pé de espessura : a estatua de Cestio coroava o mausoleu. Nos dois angulos da fachada occidental se erguem duas columnasinhas caneladas, coroadas de elegantes capiteis. Foram achadas e tornadas a levantar por ordem d'Alexandre VII, quando mandou restaurar a pyramide. Acharam-se igualmente dois pedestaes de estatuas com uma preciosa inscripção conservada no museu do Capitolio.

Para comprehender o monumento cumpre estudar tanto a inscripção de que acabo de fallar, como as que estão gravadas na mesma pyramide, e as pinturas que decoram a camara sepulcral. Eis a inscripção capitolina :

M. VALERIVS. MESSALA. CORVINVS.

P. RVTILIVS. LVPVS. L. JONIVS. SILANVS.

L. PONTIVS. MELA. D. MARIVS.

NIGER. HEREDES. C. CESTI. ET.

L. CESTIVS. QVÆ EX PARTE. AD

EVM. FRATRIS. HEREDITAS

M. AGRIPPÆ. MVNERE. PER

VENIT. EX. EA. PECVNIA. QVAM

PRO. SVIS. PARTIBVS. RECEPER.

EX VENDITIONE. ATTALICOR.

QVÆ. EIS. PER EDICTVM.

ÆDILIS. IN SEPVLCRVM.

C. CESTI. EX. TESTAMENTO.

RIVS. INFERRE. NON LICVIT.

1.º Nas quatro primeiras linhas ella nos faz

conhecer os cinco herdeiros de Caio Cestio.

2.<sup>o</sup> Nas tres seguintes nos diz que parte da herança de Caio Cestio coube a seu irmão Lucio, pela liberalidade d'Agrippa. Esta circumstancia é duplicadamente preciosa. Primeiro, testifica o costume em que estavam os Romanos de deixarem herdeiros de parte ou da totalidade da sua fortuna os grandes personagens do imperio e às vezes o proprio imperador. Este procedimento estranho, mas que pinta os costumes do tempo, tinha varios motivos. Em uns, era a lisonja; a fim de attrahirem a si as boas graças de um homem poderoso, o declaravam publicamente seu herdeiro. Tal foi aquelle Sexto Pacúvio de que falla Dion, que depois de baixezas de toda a casta para captar a benevolencia d'Augusto, fez um dia annunciar a este principe que lhe legava toda a sua fortuna (1). Outros tinham por fim segurar à sua familia a protecção de algum grande personagem. Certos da boa fé do seu legatario, lhe davam em fideicommisso parte da sua herança, a fim de que ella ficasse aos herdeiros que elles queriam favorecer, mas que as circumstancias não permittiam investir directamente na posse.

Tal é na inscripção o caso de Lucio Cestio. A entrega da herança pelo herdeiro fideicommissario se chamava um favor, um acto de liberalidade, como exprimem estas tres palavras *Agrippæ munere pervenit*. Na realidade, este nome convinha-lhe muitissimo bem. A boa fé e o desinteresse eram raras entre os Romanos do tempo do imperio; e como nenhuma lei escripta obrigava

---

(1) Lib. 53.

os herdeiros fideicommissarios a restituir a herança, succedia frequentes vezes que as intenções do testador não eram cumpridas (1). Os abusos tornaram-se tam iniquos, que Augusto encarregou os consules de interporem a sua auctoridade para fazerem cumprir os fideicommissos. Esta medida foi insufficiente, e Claudio se viu obrigado a crear magistrados especiaes, *prætores fideicommissarii*, para velarem na execução destas clausulas testamentarias.

Depois as palavras da inscripção, *Agrippæ munere pervenit*, teem tambem a vantajem de fixar a epocha do tumulo de Cestio: dizem-nos que elle remonta ao seculo d'Augusto de quem Agrippa era genro. Assim, podemos julgar, segundo este monumento authenticico, da architectura, da pintura, do gosto e da magnificencia dos Romanos em suas construcções fonebres.

3.º As linhas quinta, sexta, septima, oitava, nona e decima, revelam outras particularidades não menos interessantes. N'ellas vêmos que Lucio Cestio consagrou a sua parte da herança fraterna a edificar o monumento de seu irmão; que os herdeiros fizeram o complemento da somma necessaria, vendendo os *attalicos* do defuncto. Chama-vam-se *attalica* uns pannos d'ouro, ornados de pinturas a agulha, que serviam de colchas para os leitos, de tapetes para as mezas ou mesmo de mantos.

Debaixo deste nome eram tambem comprehen-

---

(1) Quia, diz o *senato-consulto Tribellio*, nemo invitus cogebatur præstare id de quo rogatus erat; quia nullo vinculo juris, sed tantum pudore eorum, qui rogabantur, continebantur.

dados os vestidos preciosos, taes como os laticlavies, a toga-pretexta, etc. Estes objectos de luxo, aos quaes Attalo, rei de Pergamo, dera o seu nome, eram de valor immenso (1). Todavia os ricos costumavam queimar-os com o corpo do seu proprietario.

4.º As ultimas linhas nos dizem que um dos edis era particularmente encarregado de impedir essa despeza não menos ruinosa que inutil; que n'este caso elle não a permittiu aos herdeiros de Cestio; que em consequencia estes empregaram o dinheiro proveniente da venda dos *attalica* em erguer uma estatua a Cestio; finalmente, que o edil até podia annullar a clausula do testamento que mandava entregar ás chammas da fogueira aquellas preciosas tapeçarias.

5.º O todo da inscripção junto á existencia d'uma estatua que devia ser magnifica, a fim de não desornar o soberbo tumulo de Cestio, parece indicar claramente a enorme fortuna deste Romano e sobretudo o numero e a riqueza dos seus attalicos. Mas quem era Caio Cestio? A historia não diz nada d'elle; e ficariamos reduzidos a completa ignorancia, se a segunda inscripção não viesse lançar alguns raios de luz em uma existencia que não tem outra gloria que a do tumulo. Na fachada oriental da pyramide lê-se:

C. GESTIVS. L. F. POP. EPVLO! PR. TR. PL.

VII. VIR. EPVLONVM.

OPVS. ABSOLVTVM. EX. TESTAMENTO

DIEBVS. CCCXXX. ARBITRATV

PONTI. P. F. CLA. MELÆ. HEREDIS

A. POTH! L.

---

(1) , Plin. , lib. 37 , c. I.

Estas palavras nos dizem que Caio Cestio era filho de Lucio Cestio ; que era da tribo Popilia , a vigesima-septima do povo romano (1) ; que o sobre-nome da sua familia era *epulo*, sem duvida porque esta dignidade lhe havia pertencido muitas vezes ; que era ou tinha sido pretor, tribuno do povo, e finalmente membro do collegio dos *Septemviro Epuloens*. Este conselho compunha-se de sete sacerdotes encarregados de preparar os banquetes publicos dados em honra dos deuses, e de Jupiter em particular, na occasião d'uma victoria assignalada ou d'uma calamidade publica. Estes banquetes, *epula*, chamavam-se tambem *lectisternia*, porque se davam nos templos onde estavam as especies de leitos em que se depunham as estatuas dos deuses.

Vemos depois que a Pyramide foi levantada em trescentos e trinta dias, segundo uma clausula do testamento, e que a execução d'elle foi confiada a Puncio Claudio Mela, herdeiro, e a Potho, liberto do defuncto. Esta ultima indicação faz comprehender que os personagens nomeados na primeira inscripção não eram herdeiros senão por titulo particular, em tanto que Claudio o foi por titulo universal ; alem disso, que o costume dos Romanos era prescrever no seu testamento a epocha em que devia ser erigido o seu tumulo (2) ; finalmente, que n'esta circumstancia a promptidão do trabalho foi verdadeiramente maravilhosa.

Eis pelo que toca ao exterior do monumento.

---

(1) Panvin., *de Repub. Rom.*, lib. II, p. 248.

(2) Cod. lex. XLIV, *de Hæred. Instit.*

O interior é igualmente digno d'attenção. Uma pòrtinha dà entrada para a camara sepulcral, aonde se chega depois de ter atravessado um massiço de vinte e oito pés. O mesmo carneiro tem dezoito pés de comprimento por treze d'alto e doze de largo. A abobada e as paredes são ornadas de pinturas ainda bem conservadas. Vêem-se n'ellas compartimentos cujas linhas regularmente traçadas são esmaltadas de distancia a distancia por algumas flores. Esta forma decorativa encontra-se muitas vezes nas catacumbas. No centro dos quadrados inferiores, brilham quatro figuras de mulheres, e nos quadrados ou antes *cunei* superiores quatro Victorias aladas, tendo n'uma mão a corôa e na outra o *sertum*, especie de faixa que serve para prender a corôa e o diadema. Todo este conjunto allude à dignidade e aos banquetes sagrados de Cestio; pois é impossivel não reconhecer ahí um *lactisternium* ou banquete em honra dos deuses.

Das quatro figuras de mulheres duas estão de pé; a primeira tem na mão direita um jarro de forma etrusca, que servia para conter a agua lustral.

Na sua mão esquerda descança um prato em que se vêem algumas hervas e um daquelles bolos chamados *placentum*, iguarias ordinarias nos banquetes sagrados. Nas mãos da segunda vêem-se duas plantas compridas, das quaes os auctores nos dizem que se fazia uso nas solemnidades religiosas. As duas ultimas figuras estão assentadas: uma tem um livro, sem duvida para recordar os livros sibyllinos que se não deixava de consultar nas occasioens importantes, a fim de conhecer o deus a que era mister dirigir supplicas



ou acçoens de graças; a outra está posta diante d'uma meza redonda e representa a attitudê que as mulheres conservavam nos banquetes sagrados ou domesticos: comiam assentadas, e os homens deitados. Ahi se vê tambem o costume dos Romanos de adorar assentados. « Elles queriam por esse modo, diz Plutarcho, mostrar o bom resultado das suas supplicas e a duração dos favores que tinham obtido (1). » Nos mesmos compartimentos estão pintados vasos cujo tamanho mais que ordinario accusa o destino não para os banquetes particulares, mas para os festins dos deuses; depois um candelabro, cuja presença indica as solemnidades nocturnas chamadas *pervigilia*, tantas vezes celebradas em honra dos deuses.

Em quanto ás Victorias, estão alli para dizer em que circumstancia tinham logar os banquetes servidos pelos Septemvros epuloens. Plausiveis em si mesmas, estas explicaçoens parecem-me confirmadas pelo uso universal de pôr nos tumulos tudo quanto podia recordar a vida e as funcçoens do defuncto.

Rica de interesse para o archeologo, não o é menos a pyramide de Cestio para o philosopho. Se tudo o que existe tem sua razão de ser nos conselhos da Providencia, e se todos os pensamentos de Deus tendem ao bem da humanidade, pergunta a gente a si mesmo: Porque esse magnifico tumulo erguido a um homem que não deixou vestigio algum na historia? Porque, differentemente de tantos outros, reduzidos a pó, está em pé este mausoleu, n'um estado admiravel de conservação? O observador christão não pôde en-

---

(1) *In Numa.*

ganar-se: o tumulo de Cestio é um monumento encarregado de repetir ás geraçoens a existencia d'uma lei social que importa nunca esquecer. Recorda que todos os acontecimentos felizes e desgraçados estão na mão de Deus; e que Roma, senhora do mundo, estava tam convencida desta verdade, que havia estabelecido um sacerdocio permanente, destinado a aplacar ou a agradecer á Divindade por meio de sacrificios publicos, em que tomava parte a cidade inteira. Quando se medita na cegueira das naçoens do nosso seculo, adivinhou-se uma das causas, que digo? a unica causa talvez pela qual a Providencia tem conservado a pyramide de Cestio.

Eis ahí na sua parte brilhante a historia do monumento. Mas quaesquer que fossem e quaesquer que sejam aiada a sua magnificencia e solidez, este tumulo deve ter soffrido a acção do tempo. A urna que continha as cinzas do opulento romano desapareceu, assim como a estatua que coroava o edificio. A propria pyramide exigis, ha já dois seculos, um protector intelligente que lhe reparasse as ruinas e lhe conservasse a forma primitiva. A mão d'um papa lhe fez estes dois serviços: fel-os a tantas outras! Por baixo da segunda inscripção lêdes:

INSTAVRATVM. AN. DOMINI. M. DC. LXIII.

E o viajante murmura, abençoando o nome d'Alexandre VII.

Esta excursão nas terras da archeologia pareceu-nos muito interessante; mas suppõe varios conhecimentos indispensaveis, entre outros a maneira de ler as inscripçoens. Todos sabem que

na escripta monumental se acha multidão de abreviaturas, ás vezes uma simples letra para indicar uma palavra. A não ser que se possua a chave desta especie de hieroglyphos, succede a cada instante ser-se detido por inscripções indecifráveis. Percorrem-se assim as catacumbas, os obeliscos, os arcos de triumpho, os muscus sem intelligencia, e por conseguinte sem utilidade real e quasi que sem prazer. A forma exterior vos impressiona, admirai-a talvez; porem o monumento em si é uma testemunha muda, um livro fechado que não vos diz nada e que tendes o pezar de deixardes sem o terdes comprehendido: digo-o por tel o experimentado mais d'uma vez.

Ora, é isso ao mesmo tempo uma desgraça real de que custa ao viajante serio consolar-se, e uma desgraça bastante ordinaria, attendendo a que o conhecimento dos *siglos* não é, pelo menos tal é o meu receio, muito familiar ao maior numero. Julguei pois fazer uma coisa tam util quanto agradável pondo no fim do meu *Diario* um dictionario explicativo das abreviaturas mais ordinarias e dos principaes *siglos*, com noçoens sobre os usos, as dignidades, e os factos, cuja intelligencia é necessaria para fazer uma idéa clara da inscripção ou do monumento que ella traduz.

Não ionge da Pyramide de Cestie está o cemiterio dos Protestantes. Esta visinhança tem alguma coisa penosamente significativa. Tampouco sobre os tumulos de nossos irmãos separados, como sobre o mausoleu do sacerdote pagão, se eleva o signal christão da esperanza! Ora, quando a cruz se não mostra em pè sobre as ruinas do homem, como o mastro grande por cima do navio naufragado, não é de temer que tudo haja perecido?

De resto , recordarei de passagem que foi abrindo o fosso de circuito em volta do cemiterio protestante , que se encontraram os preciosos fragmentos da planta em marmore da antiga Roma.

Iamos transpor a porta d'Ostia e encamiohar-nos para S. Paulo *fóra dos muros* , quando consultando os nossos relogios, ficou demonstrado que a pyramide de Cestio achara conveniente descontar em seu proveito o nosso dia inteiro. Foi necessario tocar a retirar ; já descia a noite a ligeiros passos das montanhas da Sabina ; ella nos envolveu com seus primeiros veus , quando voltamos á cidade.

---

### 19 de Março,

Porta Trigemina. — Capella do Adeus. — S. Paulo *fóra dos muros*. — S. Vicente e Santo Anastacio. — S. Paulo *Tres Fontes*.

Proseguindo a excursão da vespera , chegamos cêdo à porta de S. Paulo. Chamada successivamente *Trigemina* , *Minucia* , *Navalis* e *Ostiensis* , por causa dos tres Horacios que a atravessaram quando iam para o combate ; por causa da sua forma , das suas composturas e dos logares aonde conduzia , trocou todos esses nomes pelo do grande Apostolo que viu passar na circumstancia mais memoravel da sua gloriosa existencia. Quando atravessa a sua dupla arcada , tem o christão a certeza de caminhar pelas pégadas de S. Pedro e S. Paulo. Encerrados na prisão Marmertina no mez d'outubro , do anno 65 , os dois Apostolos foram tirados della a 29 de junho de

anno 66 , para irem juntos para o martyrio. Aca-  
bavam de passar a porta Trigemina , quando os  
lictores executaram a ordem que tinham recebido  
de os separarem. Pedro foi reconduzido ao Va-  
ticano onde encontrou a cruz , e Paulo continuou  
o seu caminho para as aguas Salias que devia  
immortalizar com a sua morte.

A inspecção dos logares torna a principio dif-  
ficil comprehender , tanto esta ordem como o iti-  
nerario dos dois presos. O Vaticano e as aguas  
Salias estão nos dois pontos oppostos de Roma,  
e seguindo a mesma linha, a prisão Mamertina se  
acha no centro. Porque pois não separaram os  
presos mesmo no limiar do carcere, ou pelo menos  
no meio do *Forum* , depois da flagellação do cos-  
tume ? Para que esta marcha e contra-marcha ?—  
Primeiramente , será sem fundamento o suppor  
que Nero quizesse aterrar os christãos e aquelles  
que o quizessem vir a ser , passeando por toda  
a grande Roma os dois chefes da nova religião ,  
que elle fazia conduzir ao supplicio ? Demais ,  
seria calumniar Nero o dizer que fazendo cruci-  
ficar no Vaticano , onde estava o palacio imperial,  
o velho que os fieis consideravam justamente como  
seu patriarcha , e que os governava havia vinte  
e cinco annos, esse principe quiz , como já tinha  
feito com os christãos , nutrir-se dos tormentos  
daquelle que era a seus olhos o inimigo capital  
do imperio , e que havia pouco accendera a sua  
colera occasionando a morte do seu semi-deus  
favorito , Simão o magico (1) ?

---

(1) Baronio pensa que S. Paulo foi condu-  
zido alem da porta Trigemina , porque era este

Seja como for, os numerosos christãos que seguiam os Apostolos foram testemunhas da sua separação, e um venerando monumento indica o proprio lugar onde ella se realisou. E' uma capellinha, situada á esquerda da via d'Ostia, a dez minutos de distancia pouco mais ou menos da porta de S. Paulo. No frontispicio lê-se a inscripção seguinte, escripta em italiano antigo :

IN QVESTO LVOCO SI SEPARARONO S. PIETRO  
ET S. PAVOLO ANDANDO AL MARTIRIO E DISSE  
PAVOLO A PIETRO.

LA PACE SIA CON TECO FVNDAMENTO  
DE LA CHIESA ET PASTORE DI TVTTI,  
LI AGNELLI DI CHRÍSTO  
ET PIETRO A PAVOLO

VA IN PACE PREDICATORE DE BVONI  
ET GVIDA DE LA SALVTE DE GIVSTI (1).

Estas preciosas linhas dão testemunho de dois factos perfeitamente distinctos: a separação dos dois Apostolos d'este sitio, quando iam para o martyrio; e depois os adeuses que elles disseram um ao outro ao deixarem-se, para não mais se tornarem a encontrar senão no ceu. O segundo descança na auctoridade de S. Dionizio que teve cuidado de conservar-nos os adeuses apostolicos, se não em quanto ás palavras, pelo menos em

---

o bairro dos pobres, e por conseguinte da maior parte dos christãos; e S. Pedro, ao Vaticano; alem do Tibre, porque era este o bairro dos Judeus. An. t. I, p. 477, n. 9.

(1) Dionysio, *in Epist. ad Timotheum*.

quanto ao sentido (1). Bem que não esteja escripto na inscripção, ha um terceiro facto recordado pela *Capella do Adeus*, do qual a tradição e a historia dão egualmente testemunho. Quando os dois venerandos velhos (2) se abraçaram pela ultima vez, segundo o costume dos christãos, e quando cada qual tomou o caminho do seu martyrio, Paulo avistou na multidão uma nobilissima matrona, chamada *Plantilla* (3), baptisada por S. Pedro. O Apostolo lhe pediu o veu a fim de envolver a cabeça durante a execução (4), prometendo que elle lhe seria brevemente restituído: ella lh'o deu com felicidade. Ora a capella indica tambem o sitio onde se effectuou este acto de corajosa charidade (5).

A' vista desta veneravel capella cabe-se de joelhos, ora-se, ama-se, bendiz-se, e não se levanta a gente senão para ir prostrar-se de novo na Basilica pouco distante de S. Paulo *fóra dos muros*. Eis aqui, com effeito, um dos mais augustos sanctuarios da Cidade eterna. S. Paulo *fóra dos muros*, uma das cinco egrejas patriar-

---

(1) Veja-se, sobre a authenticidade desta carta de S. Dionizio, Foggino, *De Rom. divi. Petri, etc.* p. 25 e 26.

(2) S. Paulo tinha sessenta e oito annos, S. Chrys. *Orat. in Princip. Apost.*; e S. Pedro ainda era mais velho.

(3) E' a mãe de Santa Flavia Domitilla.

(4) Tal era o costume entre os Romanos, Josepho e os Actos de S. Cypriano, etc., etc., o testificam.

(5) Baron. *Ann. t. I, p. 478, n. 10.*

chaes, foi fundada por Constantino a rogos de S. Sylvestre sobre a parte d'uma catacumba, pertencente a Santa Lucina, onde o grande Apostolo fôra sepultado depois do seu martyrio. Um rescripto dos imperadores Valentiniano II, Theodosio e Arcadio datado do anno de 386, e conservado nos archivos do Vaticano, manda a Sallustio, prefeito de Roma, que reedifique esta egreja segundo um plano mais vasto e com mais magnificencia. Todos os Summos Pontifices olham como um dever o conservar e aformosear este venerando monumento do christianismo. A Basilica tinha talvez chegado ao seu mais alto ponto de magnificencia, quando, na noite de 15 para 16 de julho de 1823, um violento incendio, occasionado, segundo se diz, pela imprudencia d'um chumbeiro, reduziu a cinzas a maior parte deste irreparavel edificio. Immediatamente, Leão XII, de gloriosa memoria, mandou reconstruil-o: os trabalhos não tem sido interrompidos, porem estão longe de se acharem acabados. Varios principes vieram em auxilio do Pontifice. Os dois soberbos monolithes que decoram a entrada da grande nave, foram enviados pelo rei da Sardenha, e Mehemet-Ali fez donativo de quatro magnificas columnas d'alabastro de cincoenta pés de altura.

Tal é em poucas linhas a historia desta Basilica; o inventario das suas riquezas demandaria um volume inteiro.

O pouco que dellas vou dizer, bastará para fazer comprehender tanto a generosidade verdadeiramente real, como a fé viva dos seculos christãos, e a profunda veneração de que elles rodêam constantemente o grande Apostolo. Segundo o-seu



costume, Constantino enriqueceu a nova igreja com uma quantidade prodigiosa de vasos, de castiças, de estatuas d'ouro e de prata. As imperatrizes rivalizaram em generosidade com os principes seus esposos e seus filhos. Galla Placidia, filha de Theodosio, esposa de Constante e mãe de Valentiniano, mandou fazer o soberbo mosaico do côro que ainda existe. Aos senhores do mundo se juntaram os Summos Pontifices e os particulares. As pinturas, os tabernaculos de prata, os pavimentos de mosaico, o *matroneum*, ou recinto reservado para as mulheres, foram obra dos papas Symmaco, Gregorio II, Gregorio III, Adriano I, etc. Este ultimo restaurou tambem o portico erguido pela piedade dos fieis, desde os muros da cidade até á igreja, isto é n'uma extensão de tres milhas. Bem que elle já não exista desde o segundo seculo, pôde-se, quando se viu o de Bolocha, fazer uma idéa da magnificencia desta obra, digna pelo seu caracter grandioso da piedade romana.

A celebre porta de bronze, uma das maravilhas de S. Paulo, foi feita em Constantinopla em 1070, á custa do consul romano, Pantaleão. N'ella se viam em relevo os Prophetas, os Apostolos e os principaes traços da sua vida. Esta porta derretida pelo incendio já não existe senão em bocados. Felizmente o fiel buril de Nicolai conservou a sua imagem; a archeologia christã não terá perdido tudo. Cento e trinta e duas columnas sustentavam a Basilica e a dividiam em cinco naves. Vinte e quatro eram de marmore phrygio, d'um lavor exquisito, d'ordem corinthia e caneladas nos dois terços da sua altura. A sua origem as tornava ainda mais preciosas; provi-

nham ou do mausoleu d'Adriano ou da basilica Emilia no Foro. Os altares eram ornados de trinta columnas de porphyro ; as paredes da nave do meio, cobertas de pinturas do nono seculo e todos os compartimentos do pavimento feitos de marmores preciosos. De tantas riquezas, o incendio quasi que nada poupou : o que elle não destruiu, damnificou-o mais ou mengo.

Devem-se exceptuar os objectos seguintes : os mosaicos da fachada, obra do fim do terceiro seculo ; o portico da Igreja, ornado de doze columnas, quatro dellas de granito ; a famosa urna do terceiro seculo, que se acha debaixo do portico. Está coberta de baixos-relevos de mediocre trabalho, representando a infidelidade e o supplicio de Marcia, a apotheose d'um poeta tragico, e pequenos genios embarrados em navios que entram no porto, symbolo da outra vida. Finalmente, o grande mosaico de Honorio III continua a decorar o abside do côro. No meio do transepto se ergue o altar principal, onde descança a metade dos corpos de S. Pedro e S. Paulo. Parte das cadêas do grande Apostolo se conserva n'uma capella vizinha : mais tarde fallarei della. Em torno dos seus chefes estão formados multidão de martyres e de santos de todas as condiçoens ; de forma que semelhantemente ás outras basilicas de Roma, S. Paulo *fora dos muros* é um ceu na terra. Tendos, compondo o cortejo dos dois Apostolos, S. Timotheo, S. Mathias, S. Thiago Maior, S. Thiago Menor, S. Bartholomeu, S. Mathheus, S. Lucas, seus gloriosos companheiros de armas, cujos corpos, no todo ou em parte, descançam no angusto sanctuario. Veem depois os santos Pontifices Felix III, Sixto I, Alexandre,

Fabiano e Gregorio ; os grandes diaconos Estevam, Lourenço e Vicente ; os martyres Celso , Juliano, Basilisso , Epaphras , Zenon , Victorino, Constan- cio e Marciano ; finalmente as virgens cuja fronte está cingida de duas coroas , Gaudencia , Elvia , Diana , Satyra , Ignez e Justina , acompanhadas de grande numero d'outras.

Quando rende a homenagem da sua fé , da sua gratidão e da sua confiança a esta augusta assemblea de irmãos , irmans , protectores e modelos , vai o viajante christão prostrar-se na capella do Crucifixo , ante o Christo tantas vezes milagroso que fallou a santa Brigida ; depois entra no claustro contiguo à egreja. Alli , estuda com amor as graciosas columnasinhas dos porticos, maravilhas da arte na idade media ; depois as numerosas inscripçoens antigas incrustadas nas paredes pelas habeis mãos dos benedictinos, a quem o papa Martinho V confiou a guarda da Basílica.

Uma milha mais longe , seguindo a estrada solitaria , traçada entre numerosas irregularidades de terreno , atravessam-se por uma ponte estreita as *aguas Salvias*. A vista deste regato vos faz estremecer , porque recorda vivamente a morte do grande Apostolo. Brevemente estaes em frente das egrejas de S. Vicente e Santo Anastacio e de Santa Maria *Scala Cæli* , que , com a de S. Paulo , formam um triangulo alongado. Aqui , o peregrino catholico é tentado a tirar os sapatos, tam santa é a terra que vai trilhar. A egreja de S. Vicente e Santo Anastacio viu S. Bernardo orando sobre as suas lageas , e sacrificando sobre os seus altares.

Talvez pergunteis como se achava o illustre

abbade de Clairveaux n'estes logares? Edificada em 625 por Honorio I.<sup>o</sup>, restaurada em 772 por Adriano I.<sup>o</sup>, reedificada por S. Leão e magnificamente dotada por Carlos Magno em 800, a igreja de Santo Anastacio, com o visinho mosteiro, foi cedida em 1140, pelo papa Innocencio II, aos religiosos de Cister. O primeiro superior da nova colonia veio a ser, alguns annos depois, o papa Eugenio III: a estas duas circumstancias é devida a viagem de S. Bernardo. O estylo romano domina na igreja de Santo Anastacio, sellado de um caracter de pureza e vigor mui notaveis; os doze Apostolos, frescos deteriorados de Raphael, adornam as pilastras, e numerosas reliquias enriquecem os altares. O Oriente e o Occidente estão alli representados, o primeiro por Santo Anastacio, martyrisado na Persia, no reinado de Chosroés; e o segundo por S. Vicente, gloria da Hespanha: a maior parte dos seus corpos sagrados reunidos n'este lugar, está alli como para servir de testemunho á unidade e á catholicidade da fé.

Eis, a poucos passos de distancia, novas testemunhas, não menos illustres, mas muitissimo mais numerosas: estamos na igreja de Santa Maria *Scala Cæli*. Debaixo dos vossos pés descansam dez mil duzentos e tres martyres, cujo sangue ensopou a terra que pisais. E' aqui a catacumba de S. Zenon, na porta da qual se lê:

HIC REQUIESCUNT CORPORA  
S. MARTYRIS ZENONIS TRIBUNI  
ET SOCIORUM MILITUM  
DECIM MILLIUM  
DUCENTORUM TRIUM-

D'onde vem este exercito de martyres? quem fez semelhante carnificina de christãos? Foi o mesmo imperador, responde a historia, que mandou exterminar nas gargantas d'Aganno a valorosa legião Thebana. Diocleciano e Maximiano, querendo exceder seus predecessores, fizeram levantar, sobre as cristas do Esquilino, as sumptuosas *Thermas* que ainda teem os seus nomes. Quarenta mil soldados christãos, condemnados ás minas, foram empregados n'este trabalho que durou sete annos. Para os recompensar, os magnanimos imperadores fizeram degollar aquelles generosos atletas, ou no mesmo logar que elles haviam regado com seus suores, ou no *outeiro do Pepino*, ou finalmente nas *aguas Salvias*. No nono dia de julho do anno 298, viram-se descer das alturas do Esquilino dez mil soldados desarmados, extenuados de fadiga, e já açoitados como vis escravos; à sua testa, caminhavam Zenon, seu tribuno, e os outros officiaes, transpuzeram a porta *Trigemina*, seguiram por algum tempo a via d'Ostia, e depois voltando um pouco á esquerda, entraram no fundo d'om valle solitario, e, chegados ao sitio chamado *Gutta jugiter manans*, foram todos degollados no mesmo dia, e depois enterrados pelos christãos, seus irmãos (1).

---

[1] *Repertus est omnium numerus decem millium ducentorum trium, qui omnes cum Zenone tribuno, qui inter eos dignitate excellere videbatur, extra urbem porta Trigemina ducti sunt; et in concavo vallis, in loco dicto Gutta jugiter manans, ad aquas Salvias, ad unum omnes necati*

Sente-se um homem de tal modo absorvido por esta grande recordação, que é com dificuldade que resta a atenção sufficiente para examinar a egreja. Reedificada no XVI.º seculo pelos cardeaes Pedro Aldobrandini e Alexandre Farne-  
sio, é de forma octogona, e possui, na abobada do côro, o primeiro mosaico moderno em que o bom gosto se allia com as riquezas do desenho e do colorido. Um dia, entretanto que S. Bernardo dizia missa pelos defunctos, viu-se uma escada milagrosa, que tocava da terra no ceu, e grande numero d'anjos que subiam os degraus della: de onde o nome de *Scala Cœli*, que esta egreja varias vezes reedificada tem conservado sempre.

Ao sairmos, o primeiro objecto que feriu nossos olhos foi o frontispicio esguio de S. Paulo *Tres Fontes*, no qual brilhavam, aos raios do sol, estas palavras escriptas em grandes letras d'oiro:

S. PAULI APOSTOLI MARTYRII LOCUS  
UBI TRES FONTES MIRABILITER ERUPERUNT.

« Logar do martyrio do apostolo S. Paulo, onde brotaram miraculosamente tres fontes. »

E' a tremer que a gente se aproxima deste veneravel sanctuario; o sobresalto augmenta quando se penetra n'elle e principalmente quando os olhos contemplam os objectos que elle encerra. No angulo da egreja, atraz d'uma forte grade de ferro, eis a columna a que Paulo estava preso,

---

sunt septimo Idus Julii, quo celebri memoria annuatim eorundem triumphii dies natalis recolitur.—  
Baron. *An.* t. II, p. 506, n. 17.

quando lhe cortou a cabeça a machada do lictor. Esta columna, ou antes este troço de columna, é de marmore branco e pôde ter cinco pés d'altura por quatro de circumferencia. O altar do Santo, desviado alguns passos, está adornado de columnas de porphyro preto, unicas em tamanho e em belleza. Indo para o logar do supplicio, operara Paulo muitos milagres, entre outros a conversão de tres soldados que faziam parte da escolta, Longino, Austo e Megisto, martyrisados tres dias depois: não era isso mais que o preludio de milagres ainda maiores.

Como o facho proximo a apagar-se lança uma chamma mais viva, assim Paulo, o infatigavel pregador dos Gregos e dos Barbaros, expirando ante os olhos de Roma, ponto de reunião do universo, ia ser mais brilhante e milagroso na morte que na vida. Tal foi Deus no cume do Calvario; tal devia ser o nosso heroico Apostolo: a razão o concebe. Antes de deixar o mundo, feito seu discipulo, lhe devia Paulo um milagre, immenso, eterno, que resumisse, confirmando-os, todos os prodigios da sua vida, e que, perpetuamente visivel aos olhos das geraçoens, as firmasse na doutrina do seu Mestre até ao dia da eternidade. A Historia interrogada responde que com effeito a Providencia manifestou, na morte de Paulo, toda a magnificencia desta grande lei.

Cahe a sua cabeça; e dois milagres apparecem. Em vez de sangue, é leite que brota: a columna, o chão, o braço e a chlamyde do lictor são por elle inundados (1).

---

(1) Res quidem adeo insignis non tantum ex

A cabeça dà tres saltos; e dos tres pontos do solo que ella tocou sahem tres fontes que ainda correm. Estão encerradas na egreja, deixando entre si quatro pés pouco mais ou menos de in-

---

dictis actis (apostolorum Petr. et Paul.), sed et aliis compluribus habetur testibus confirmata. Nam et S. Ambrosius, *Serm.* 68, de re tam celebri et clara non dubitatione aliqua obscurata iis verbis meminit: « De Pauli vero cervice, cum eam persecutor gladio percussisset, dicitur fluxisse lactis magis unda quam sanguinis et mirum in modum sanctum apostolum Baptismi gratia in ipsa cæde exstitisse splendidum potius quam cruentum. Quæ quidem res in sancto Paulo stupenda non est. Quid enim mirum si abundat lacte nutritor Ecclesiæ?... hæc est plane promissionis illa terra, quam Deus patribus nostris promisit, decendo: Dabo vobis terram fluentem lac et mel. Non enim de hac terra locutus est, qua dimanantibus aquis cœnum involvit et utrumque permiscet; sed de illa tum Pauli, quæ jugiter purum suaveque distillat. Quæ enim Pauli epistola melle dulcior, et lacte candidior? quæ epistolæ tanquam ubera ecclesiarum populos enutrient ad salutem. De cervice ergo Apostoli pro sanguine lac manavit. » Sed et S. Joannes Chrysostomus, ejusdem veritatis gravissimus assertor, sic ait: (*Orat. in Princ. Apost.*)... « Qualis locus tuum, Paule, sanguinem excepit, qui lacteus apparuit in ejus veste qui te percussit? Qui quidem sanguis barbaricum illius animum reddens melle dulciorem, ut ipse una cum sociis ad fidem traduceretur, ita affecit. » — Veja-se Baronio *Ann.* t. I, p. 478, H. 12.



tervallo, e conservando cada uma sua temperatura differente (1).

O que se experimenta á vista destas aguas milagrosas, o que se experimenta ao aproximarem-se dos labios, o que se sente, o que se pede, o que se deseja depois de as ter bebido, não ha um só christão que o não imagine; mas só pôde sabel-o aquelle que gozou essa felicidade. Depois da execução, Plautilla envolveu no seu veu a cabeça do apostolo que foi depositar na catacumba de Lucina na via d'Ostia. Pelos cuidados de Lucina, est'outra matrona, egualmente digna dos nossos tempos heroicos, o resto do corpo foi transportado para o mesmo cemiterio (2). Em quanto isto se passava, o sacerdote Marcello dava, na outra extremidade de Roma, uma real sepultura a Pedro que acabava de expirar nas alturas do Vaticano.

Eram gozos bastantes para um dia; alem disso, nós teriamos julgado profanar semelhante espectáculo se não houvessemos ficado sob as impressoens que elle produz: voltamos a Roma seguindo de novo a via que tinha conduzido Paulo ao triumpho.



---

[1] Baron. *Ann.* t. I, p. 478, II. 13.

[2] *Id. id. id.* — Sabe-se todas as instancias que fez, quatro seculos depois, a imperatriz Constantina, para obter de S. Gregorio Magno aquelle precioso veu; conhecem-se tambem as cartas pelas quaes o pontifice se desculpa de o não poder dar, visto que elle está sempre no tumulo de Paulo que se não deve abrir. *Epist.* lib. III, ep. 3.

## 20 de Março.

Domingo de Ramos ; Anecdota. — Arco de Druso. — Vias Romanas. — Via Appia. — Basilica de S. Sebastião. — Recordações. — Inscrição. — Villa de Maxencio. — Templo e Circo de Romulo. — Tumulo de Cecilia Metalla. — Egreja do *Domine, quo vadis?* — Palavras de Santo Ambrosio e de Suares.

Se ; na lingua catholica , a semana que começamos se chama a *Grande Semana* , a *Semana Santa* ; em Roma , ella parece merecer outro nome : porque em parte nenhuma do universo ella é tam grande, tam santa. São grandes, sem duvida, São santas as ceremonias que durante estes memoraveis dias se realizam em Jerusalem no proprio lugar dos acontecimentos ; mas Jerusalem é escrava dos Turcos. No seu estado de pobreza e ruina , que pompa pôde ella dar aos seus augustos mysterios ? Alem disso , Jerusalem não tem nem as innumeradas ondas de peregrinos idos das quatro extremidades do mundo , e cuja presença anima engrandecendo-as as festas da religião ; nem o Pontifice supremo que , do alto do seu throno immortal , abençoa seus filhos depois de se haver prostrado aos pés delles ; nem a lança , nem a côroa , nem os cravos , nem a columna , nem a cruz do Homem-Deus , signaes poderosos que agitam até a ultima fibra do coração ; nem todo esse magico conjuncto de monumentos e de recordações que chamando dos seus tumulos os seculos pagãos e os seculos christãos , os faz assistir comvosco ao drama do Calvario , ao mesmo tempo que se apodera de todas as faculdades da alma , e successivamente as eleva até á bondade d'um

Deus moribundo , ou as abaixa até á malvadez do Judeu deicida.

Por isso , todos os viajantes , creio eu ; são acordes em dizer que a felicidade de ver as ceremonias da Semana Santa , em Roma , basta para fazer emprender a viagem da Italia . E' inutil accrescentar depois disto que nós saudamos com uma alegria inteiramente particular o sol que ia allumiar o primeiro dia della . A's nove horas estavamos nós no Vaticano . para assistirmos á benção dos ramos . Ainda ha pouco tinha logar a cerimonia na capella Sixtina ; mas a instantes rogos dos numerosos estrangeiros que desejavam ser testemunhas della , Gregorio XVI decidiu que d'ahi em diante ella se fizesse em S. Pedro . Primeiramente a vista daquellas palmas artisticamente trabalhadas excita uma interessante recordação .

Resolvera Sixto V mandar erguer na praça de S. Pedro o obelisco de granito vermelho , meio enterrado nos entulhos do Circo de Nero . A operação foi confiada ao architecto Domingos Fontana . Este preparára cordas que deviam abalar insensivelmente o monolithe , levantal-o e dirigil-o , sem accidente para os obreiros , para o ponto que elle devia occupar . O dia 10 de setembro de 1586 é o escolhido para a erecção . O architecto exigia profundo silencio , a fim de que se podessem ouvir as suas ordens . Sixto V faz publicar um edicto pelo qual annuncia que o primeiro espectador , de qualquer classe , ou de qualquer condição que seja , que *proferir um grito* , ou perturbar a operação , será logo *punido de morte* . Ninguém é admittido na praça sem conhecer o rigor da ordem . Está bem convencionado com

todos os assistentes que se não ouviria mais que o som da corneta para regular os movimentos, e o som dos tymbales para marcar o descanso; só a voz do director podia interromper o silencio universal. Um tal constrangimento não custa esforços àquelle povo tam entusiasta pelas artes, e que, em muitas circumstancias, sabe ter alguma coisa da grandeza e dignidade do antigo povo romano. Sixto V caminha bem depressa tambem seguido da sua côrte, e se assentou n'um estrado.

As cordas postas em movimento levantam o obelisco, e levam essa massa d'um peso immense para o pé do sitio disposto para recebê-la. O papa anima os obreiros com signaes de cabeça e com olhares scintillantes d'alegria: mais um instante, e o objecto está alcançado. Só falla Fontana, e manda a ultima manobra. De repente um capitão de navio genovez, chamado Bresca, natural de San Remo, na ribeira de Genova, grita do meio da multidão, e com voz retumbante: *Aqua alle funi*, « água às cordas; » e immediatamente se vai entregar às guardas que rodêam o instrumento do supplicio, erguido n'um angulo da praça. Fontana olha com attenção as cordas, vê que effectivamente ellas vão pegar fogo, quebrar, deixar cahir o obelisco, e esmagar os obreiros: manda que molhem as cordas rapidamente. Bresca sabia que os cabos, collocados verticalmente, apertam quando se molham, e naturalmente levantam o peso que lhes está suspenso. Assim succedeu, e a operação se acabou no meio dos applausos universaes.

O Papa estende os braços a Fontana; este corre ao homem que gritara *Aqua alle funi*,

abraça-o, e conduz-o ao papa, a quem pede o seu perdão. e Não se tracta de perdão, replicou Sixto V. tracta-se de recompensa; elle mesmo que designe a recompensa que quer! a Bresca, que sabia que nos jardins da sua cidade natal se cultivavam palmeiras., e que iam lá comprar ramos para o dia das Palmas, pediu, para si e seus descendentes, o privilegio de vender ao palacio apostolico as palmas necessarias, para a festa dos ramos Um diploma que concedia este privilegio foi concedido no dia seguinte; alem disso, o chefe da familia foi declarado capitão honorario do primeiro regimento, com direito de arvorar a bandeira Pontificia a bordo do seu navio. A familia Bresca, illustrada por seu avô, está ainda hoje encarregada de ministrar as palmas dos Ramos. Todos os annos ella envia um navio que as conduz a Roma, onde são distribuidas com as ceremonias do costume (1).

O Santo Padre desceu dos seus quartos á Basilica, e se dirigiu á capella da Piedade onde o esperava o Sacro Collegio. Depois de se ter revestido das suas vestes sagradas, subiu á *sedes gestatoria*, e caminhou para a confissão de S. Pedro, precedido, como em dia de Natal, pelos prelados e cardeaes, e acompanhado do estado-maior da guarda nobre. Em volta do Santo Padre, as guardas suissas de grande uniforme levavam as espadas flammejantes dos cantoeus catholicos: nobre costume que parece dizer que os filhos de Guilherme Tell ainda teem nas veias

---

(1) Veja-se *Vida de Pio VII*, por M. Artaud, etc.

sangue para derramar, para defenderem o immortal guarda da liberdade do mundo.

Depois d'uma breve oração diante da confissão, o Summo Pontifice assentou-se no seu throno e recebeu a obediencia dos cardeaes, revestidos da *cappa violetta*. Feixes de palmas se erguiam á direita e esquerda do throno, deixando ver sete ramos mui distinctos pela elegancia dos adornos: obra das religiosas Camandulas, estas sete palmas eram destinadas a ornar o altar e a cruz Papal. Terminada a benção, o Papa se tornou a assentar e começou a distribuição. Em pé junto do throno, o cardeal-decano apresenta uma por uma as palmas ao Santo Padre que as dá successivamente aos cardeaes, patriarchas, arcebispos, bispos, geraes d'ordens, etc., e aos estrangeiros admittidos por bilhete do mordomo. Este insigne favor nos fôra concedido; e se o tempo desvanece as impressões, ao menos a palma dos Ramos e o cirio da Caudalaria, recebidos da mão do Vigario de Jesus Christo, nos ficarão como preciosas recordações daquelles momentos solemnes.

Em tanto que os olhos estão fixos na magestosa cerimonia, a alma pertence inteira às recordações que ella reproduz; para as tornar mais vivas, dois contraltos cantam a antífona *Pueri Hebræorum*, e vós crêdes ouvir as sinceras acclamações das crianças de Jerusalem que acudiram com a multidão ao encontro do divino Triunphador. Vós mesmo assistis ao triumpho: a procissão começa, e o Vigario do Homem-Deus, levado no seu throno, desce a Basilica. E o *Gloria laus*, e os outros cantos catholicos juntos ás mais expressivas ceremonias representam ao mesmo tempo a entrada de Nosso Senhor em

Jerusalem e a entrada do genero humano no ceu, cuja porta fechada se abre com a cruz.

Voltando a procissão ao côro, o Santo Padre sobe ao throno; os cardeaes deixam os ornatos da sua ordem, e tornam a pôr os seus vestidos de côro e a sua *eappa violetta*: tudo se prepara para a missa celebrada por um cardeal-padre. O momento solemne da paixão é chegado; e eis que tres sacerdotes encarregados de repetir as dores da grande Victimta apparecem no meio do côro, trazendo a alva e a estola diaconal: depois de terem beijado os pés do Santo Padre começam o lugubre drama. O sacerdote que canta a narração é um tenor de voz varonil e forte; o segundo, chamado *anclial*, é um *contralto* que repete n'um tom penetrante as palavras das testemunhas, dos juizes e dos algozes; as palavras do Salvador sahem d'um baixo profundo e solemne.

Este canto superior a todo o elogio é quasi o mesmo em todas as egrejas catholicas. Mas ha duas coisas que, no Vaticano, tornam esta recitação dramatica, bella ou antes magnifica: é a justeza das vozes e sobretudo o côro. Todas as vezes que na historia da Paixão, a multidão dos Judeus, ou mesmo varios personagens devem falar juntos, o côro rompe n'uma harmonia simples mas ampla, e por assim dizer compacta, e que traduz as palavras com uma verdade admiravel. Assim, quando os Judeus exclamam: « Crucificai-o, » ou então: « Barrabás; » o canto, como as palavras, é conciso e de uma energia terrivel; não tem senão uma nota para cada syllaba, e nas tres notas da ultima palavra, uma mudança subita de tom produz um effeito dramatico. Estes trechos foram compostos, em 1585, por Thomaz Luis de

Victoria, natural d'Avila, e contemporaneo do immortal Palestrina, que não encontrou a'elles nada que corrigir ou mudar.

Ao Offertorio canta-se por motete parte do *Stabat* de Palestrina, obra-prima de pathetico e d'harmonia: não se ouve senão n'aquelle dia. Depois da missa o Santo Padre em pé no seu throno abençoa a assistencia; depois o cardeal celebrante proclama a indulgencia de trinta annos, concedida pelo Summo Pontifice aos fieis presentes ao officio. O cortejo se torna a pôr em movimento, e o Summo Pontifice volta aos seus quartos.

Tinha sido facil o convencermo'-nos de que em Roma como nas outras partes, a benção dos ramos é uma das ceremonias mais populares do catholicismo.

Ainda nos nossos dias, se vê em França e até mesmo em Paris, a multidão diligente em receber a palma benta; a vendedeira da rua a ostenta por cima da sua loja, e o cocheiro de caruagem d'alluguel a arvora no chapeu, em tanto que a criança leva alegremente na mão o maravilhoso buxo, carregado naquelle dia de maçans e doces: a isto se limita infelizmente a piedade do maior numero. As populaçoens d'Italia, em quem o sentimento christão está menos enfraquecido, conservam com religioso cuidado os ramos que lhes são distribuidos nas diversas egrejas, collocam-os nos sitios mais vistos de suas casas: elles são para ellas não só um piedoso symbolo da Paixão do Salvador, mas tambem uma recordação da obrigação que lhes é imposta de chamarem todos os dias as bençãos do Ceu e de se sanctificarem, como foram sanctificados aquelles ramos de palmeira pelas oraçoens da Egreja.



Em quanto que o cardeal penitenciario—mor se dirigia a S. João de Latran para exercer alli as funcçoens da sua dignidade, nós iamos em caminho para a Basilica de S. Sebastião. Antes de se chegar á porta *Appia*, passa-se por baixo do arco de Druso. Não direi outra coisa deste monumento, senão que foi levantado pelo senado em honra de Nero Claudio, que recebeu alem disso o titulo de Germanico, conservado depois na sua familia. Este arco, gravemente damnificado, compõe-se de grandes cantos de travertim e de duas columnas de marmore africano d'ordem composta. No remate está um resto do aqueducto da agua *Argentiana*, que Caracalla fez conduzir do Monte Algido às suas *Thermas Antoninas*. Aqui começa a celebre via *Appia*.

A sua solidez, a sua largura, a sua extensão, o numero e a magnificencia dos mausoleus, de que ella era ornada à direita e esquerda, lhe haviam merecido o glorioso nome de Rainha das estradas, *Regina viarum* (1). Vendo as suas largas lageas que pisaram successivamente todos os grandes personagens de Roma pagan, o peregrino catholico não esquece que ellas tambem foram trilhadas pelos pés dos Apostolos e tingidas com o sangue de innumeraveis martyres (2); depois pergunta a si proprio por que razão e por que

---

[1] *Appia longarum teritur Regina viarum. Mart. IX, 104.*

[2] Em cada pagina da historia e dos martyrologios, encontraes uma phrase que começa por estas palavras: *Romæ via Appia*, e que acaba por um martyrio.

maravilhoso segredo davam os Romanos ás suas obras em geral, e ás suas estradas em particular, esta solidez que arrosta os seculos? Povo guerreiro, os filhos de Romulo deviam ligar alta importancia á construcção das estradas necessarias á circulação continua dos seus exercitos; d'onde as vias publicas ás quæ ficaram, como recordação da sua origem, os nomes de *Militares*, *Pretorianas* ou *Consulares*. Tal é a resposta da Historia. Sem a negar, a fé lhe ajunta outra. Destinado a facilitar a propagação do Evangelho que ia levar ao mundo a unidade moral, o imperio Romano devia estabelecer a unidade material de todos os povos sob um sceptro commum. Esta missão exigia, entre outras coisas, grandes, innumeraveis vias de comunicação. Roma estava encarregada de as abrir; e o espectáculo que nós tinhamos diante dos olhos nos mostrava ainda, depois de mais de dois mil annos, tanto a justeza desta resposta como a energia com que Roma soube desempenhar uma tarefa que ella não comprehendia. « As vias'publicas, diz um historiadór testimunha da sua magnificencia, occupam o primeiro logar entre os monumentos da Cidade eterna (1). » Ainda se pôde julgar-as pelo meudo da sua construcção.

---

[1] Ego sane in tribus magnificentissimis operibus Romæ, et è quibus maxime apparent illius imperii opes, pene aquæductus, viarum munitiones, cloacarum structoræ, neque id solum ad utilitatem ejusmodi operum respiciens, sed etiam ad impendii sumptuumque modum. *Dyon. Hal. lib. III.*

Para estabelecer uma estrada, começava-se por cavar o terreno até certa profundidade; depois nivelava-se substituindo com uma areia fina e solida as partes de terra que offereciam pouca consistencia. Aberta assim a *forma*, regulavam-se-lhe os declivos, e, no caso de entulho, o terreno era batido com pesados maços ou calcado com grossos cylindros de ferro que se faziam rolar por cima. Vinham depois tres ou quatro camadas de alvenaria que formavam uma massa de tres pés de espessura.

A primeira chamada *Statumen*, ou alicerce, compunha-se d'uma camada de argamassa de cal d'uma pollegada pouco mais ou menos, sobre a qual varias fierras de pedras chatas de dez pollegadas de espessura, eram pegadas e juntas umas ás outras por um bitume durissimo.

A segunda, *Rudus*, consistia n'um leito de argamassa, misturado com seixos do tamanho d'um ovo e de fragmentos de tijolos. Batia-se com força esta greda com maços ferrados, e quando ella estava bem calcada, reduzida a dez pollegadas d'espessura, estabelecia-se por cima o nucleo, *Nucleus*.

A terceira, *Nucleus*, era uma mistura de cal, greda e terra virgem batidas juntas. A sua espessura variava de cinco pollegadas a um pé.

Finalmente a quarta, *Summum dorsum*, o dorso da calçada, ou *Summa crusta*; a crusta superior, era formada de grandes pedras chatas, talhadas em poligonos irregulares, ou cortadas em angulos rectos. Estas lageas, as maiores das quaes teem até tres ou quatro pés de diametro, eram um pouco levantadas para o centro e juntas umas ás outras com tal exactidão, que nenhum

corpo estranho podia penetrar. Assim eram la-  
gèadas todas as vias consulares, até cincoenta le-  
guas de distancia de Roma. Alem deste termo,  
ou nas provincias, a *Summa crusta* era composta  
d'uma camada de seixos fortemente cimentada e  
de espessura de seis pollegadas: era o mac'adam  
aperfeiçoado.

As vias eram guarnecidas á direita e esquer-  
da por dois murinhos, *margines*, ou parapeitos  
de grossa pedra de cantaria, que servia ao mesmo  
tempo de contraforte e de passagem para os peo-  
ens. Estas guarniçoens tinham quinze pollegadas  
d'altura por vinte e uma de largura. De doze  
em doze passos, levantavam-se pedras um pouco  
mais altas com alguns degraus para ajudar os  
viajantes a subir ao carro ou a montar a cavallo.  
Finalmente appareciam os *milliarios*, grandes  
marcos de pedra ou de marmore cylindricos ou  
quadrados, d'altura de coisa de oito pés, e indi-  
cavam as distancias de Roma, de mil em mil pas-  
sos, até quinze leguas da Cidade [1].

A largura ordinaria da via Appia é de vinte  
e seis pés. No meio das lagoas Pontinas tem até  
trinta e seis, a fim de diminuir os perigos desta  
passagem; e alem de Fondi, volta a vinte e seis  
pés. Uma vez sahida das gargantas d'Itri, con-  
tinuava com a mesma largura e com a mesma  
magnificencia d'adornos e de construcção até Brin-  
des, porto n'outr'ora celebre; aonde iam embar-  
car a maior parte dos altos personagens que par-

---

[1] Tit. Liv. IX, 45; XLI, Cicer. *de Legib.*  
III, 5. Bergier, *Grands chemins de l'Empire*, t.  
II, 16 e IV, 40, etc.

tiam para o Oriente. Seguindo os seus passos tinhamos nós transposto o *Almon*, ribeiro em que os sacerdotes de Cybele lavavam, todos os annos a estatua da Deusa e os objectos que serviam ao seu culto: elles precisavam disso! A egregha do *Domine, quo vadis?* tinha-se apresentado á nossa esquerda, sem ter podido deter-nos: S. Sebastião devia ter a nossa primeira visita.

Construida sobre as celebres catacumbas de S. Callixto, crê-se esta Basilica d'origem Constantina. Restaurada em 367, por S. Damaso, foi dedicada por Innocencio I a S. Sebastião que o papa Caio chamou *Defensor da Egreja*. Foi reedificada em 1611, pelo cardeal Scipião Borghese, no estylo da epocha. A fachada è adornada d'um portico sustentado por seis columnas de granito; a nave è larga, elevada, e termina por um altar ornado de quatro columnas de verde antigo. O que nós mais notamos foi um tabernaculo de marmore branco representando o Menino Jesus em pé sobre uma columna, e com duas sahtas mulheres aos dois lados. O symbolismo christão podia exprimir mais vivamente o adoravel mysterio da Eucharistia? A parte mais veneravel desta egreja è a *Platonica* ou *locus ad catacumbas*, especie de subterraneo sóffrivelmente allumiado, onde se acha um poço celebre na historia.

Desejosos de possuirem os corpos de S. Pedro e S. Paulo, que pretendiam pertencerem-lhes na qualidade de compatriotas, haviam formado os fieis do Oriente o projecto de os roubarem. Já estavam senhores destes dois thesoiros, quando um espantoso furacão os obrigou a abandonarem a presa; só tiveram tempo de esconder os ricos despojos n'este poço onde elles estiveram por muito

tempo [1]. Ao pé do altar que occulta o orificio do poço, via-se em outro tempo a cadeira pontificia, tingida com o sangue do papa Santo Estevam, degollado n'este lugar durante a celebração dos augustos mysterios. Esta cadeira está hoje em Pisa, na egreja dos cavalleiros que teem o nome do Pontifice martyr.

A capella que se apresenta á direita, ao entrar na Basilica, é um verdadeiro thesoiro de reliquias insignes. Nomearei sómente as cabeças dos papas e martyres, S. Calixto e Santo Estevam; e ferro d'uma frecha que atravessou S. Sebastião; um antigo calix de chumbo, contendo cinzas e ossos do papa S. Fabiano; e a pedra que tem a marca dos passos de Nosso Senhor, quando appareceu a S. Pedro sahindo de Roma para evitar a morte. Foi para alli transportada da egreginha do *Domine, quo vadis?* chamada tambem Santa Maria ad Passus, ou *delle Piante*. Na capella *Albani*, dedicada a S. Fabiano, venera-se a cabeça do glorioso Pontifice. A' esquerda da nave, ao entrar, está a magnifica capella de S. Sebastião, cujo altar encerra o corpo do illustre martyr. A bella estatua do Santo, de marmore branco, á devida ao sinzel de Giorgetti.

Mas o que, na Basilica tantas vezes veneravel, domina todas as recordaçoes do viajante e lhe absorve-a alma inteira, é o pensamento da celebre catacumba aberta debaixo dos seus pés. Não direi hoje nada della, a fim de não anti-

---

[1] Baron. An. t. I, p. 481, n. 12. — Fallarei deste lugar e deste facto na *Historia das Catacumbas*.

cipar ácerça da nossa viagem à Roma subterranea. Basta referir a inscripção gravada junto da porta superior das immensas galerias: diz ao christão que 174 mil martyres e quarenta e seis papas descançam n'estes logares, depois de haverem ganhado a palma da victoria e lavado seus vestidos no sangue do Cordeiro durante a grande tribulação (1). Lida à vacillante luz d'uma tocha resissiosa, no momento de descer à vasta necropole, esta inscripção produz um sobresalto que é, creio eu, igualmente impossivel de evitar e de descrever. Deve causar admiração que a igreja de S. Sebastião seja uma das mais ricas em indulgencias e se cohte entre as sete Basilicas de Roma, cuja visita é recompensada com immensos favores espirituaes?

Um pouco além de S. Sebastião, vêem-se nas vinhas que guarnecem a esquerda da via Appia, as ruínas espalhadas da sumptuosa villa do tyranno Maxencio. A esta villa pertencem o templo e o Circo de Romulo. Exceptuando um vasto subterraneo sustentado por um pilar octogono, com nichos para as urnas sepulcraes, o primeiro-

---

(1) Hoc est cœmeterium B. Callisti Papæ et martyris inclyti. Quicumque illud contritus et confessus ingressus fuerit, plenam remissionem omnium peccatorum suorum obtinebit, per merita gloriosa centum septuaginta quatuor millium SS. martyrum una cum quadraginta six Summis Pontificibus quorum ibi corpora in pace sepulta sunt. Qui omnes ex magna tribulatione venerunt, hæredes fierent in domo Domini, et mortis supplicium pro Christi nomine pertulerunt.

destes edificios não offerece mais que um montão de destroços mais ou meaos informes: templo e tumulo dos deuses de fabrica humana, pereceu como as suas divindades tutelares. De acordo com a historia, a tradição nos diz que elle foi dedicado no anno 311, por Maxencio, a seu filho Romulo: o mesmo succede com o Circo visinho. Descrevel-o seria repetir o que havemos dicto ao fallarmos do *Circus Maximus*; todavia é mister visital-o. Os *carceres*, a espinha e o *Pulvinarium* estão descobertos, e n'um estado de conservação que põe ante os olhos a forma e as proporçoens dos Circos antigos.

Voltando à via Appia, estivemos, em poucos instantes, ao pé d'um monumento cuja mole formidavel domina toda a Campina romana; tracta-se do *Capo di Bove* ou tumulo de Cecilia Metella. Este gigantesco mausoleu parece não estar em pé no meio de tantas ruinas, senão para levar até ao Ceu o eterno testemunho do nosso nada, e annunciar ao estrangeiro que vai ver a Cidade dos Cesares, que para encontrar a antiga senhora do mundo é mister d'ora em diante procural-a entre as ruinas e os tumulos. Quem era Cecilia Metella? Filha de Quirto Metello, e mulher de Crasso, eis tudo quanto della sabemos; e mais não é a historia que nol-o diz. Na falta de gloria pessoal, quiz esta mulher, como Caio Cestio, e como tantos outros, adquirir um logar na memoria dos seculos, pela magnificencia da sua sepultura. Conseguio-o: o seu mausoleu é um dos mais bellos e mais bem conservados da antiga Roma. Imagine-se uma torre redonda, de oitenta e nove pés e meio de diametro por uma altura proporcionada, poisando sobre' uma base quadra-



gular e toda formada d'enormes cantos de travertim, com uma cornija saliente e um friso ornado de cabeças de lobos e de grinaldas de cypriste de boa execução. No interior está a camera sepulcral, hoje entulhada, onde foi encontrado o magnifico sarcophago que se admira debaixo do portico do palacio Farnesio. No lado que olha para a via Appia, lê-se a seguinte inscripção, que contem, como observamos, toda a historia da heroína :

CÆCILIÆ.

Q. CRETICI. F.

METELLÆ. CRASSI.

Por cima da inscripção está um baixo-relevo de marmore, representando uma Victoria que escreve n'um escudo as grandes acçoens de Crasso e Metello. Bem que seja do fim da Republica, o mausoleu de Cecilia offerece marmore em algumas das suas partes: esta circumstancia pôde servir á historia da arte entre os Romanos.

Depois de termos lançado um rapido volver d'olhos para o bonito templosinho dedicado ao *Deus da Volta* (1), chegamos, proseguindo na via Appia, a egreja do *Domine, quo vadis?* Fundada nos primeiros dias do christianismo, esta egreginha successivamente restaurada e reedificada, attesta um facto que o peregrino catholico

---

(1) Plinio refere que os Romanos consagraram um templo a esta divindade; porem o lugar que lhe assigna não pôde convir ao edificio de que acabo de fallar: esta, como tantas outras ruinas, é pois incerta.

recolhe com amor. Estava S. Pedro havia muitos mezes encerrado na prisão Mamertina, condemnado á morte e esperando sómente para ser martyrisado a ordem de Nero. Os christãos afflicto, tremendo por perderem o seu guia e seu pai, resolveram salvá-lo a todo o custo. Ou porque fossem auxiliados por Procos e Martiniano, toroados discipulos do Apostolo de quem eram carcereiros, ou porque recorressem a outros meios cujo segredo nos escapa, o certo é que conseguiram tirar S. Pedro do seu tenebróso carcere. Já as muralhas da cidade estavam transpostas; e o preso, que digo? o vencedor de Nero e de Jupiter, caminhava, para se afastar de Roma, por aquella mesma via Appia que tinha seguido, para entrar n'ella, vinte e cinco annos antes.

Não é porque Pedro quizesse evitar a morte; elle sabia que o sangue dos martyres é o alicerçe da Igreja e semente de christãos, e sabia tambem que lhe estava reservada a cruz: porem ignorando se era chegada a hora, havia cedido às lagrimas dos neophytos. Chegando ao sitio onde estamos, vê o seu divino Mestre indo ao seu encontro, carregado com a sua cruz. Pedro o reconheceu, e exclama: *Domine, quo vadis?* « Senhor, aonde ides? » — *Venio iterum crucifigi*: « Venho para ser de novo crucificado. » Pedro comprehendeu; e voltando a Roma, esperou a cruz em que o Redemptor do mundo devia morrer, não em pessoa como em Jerusalem; mas na pessoa do seu vigario (1).

---

(1) Alem da tradição constante dos fieis de Roma, temos, sobre este facto, testemunhos es-

O paganismo vencido, o mundo pacificado e submettido ao Evangelho, tal foi, com o tempo, o fructo da morte de Pedro e de seus collegas: o arco de Constantina, por baixo do qual nós pas-

---

criptos, entre outros, o de Santo Ambrosio; n'um discurso contra Auxencio, o grande Doutor exprime-se assim: « Idem Petrus postea, victo Simone; cum præcepta Dei populo seminaret et doceret castimoniam, excitavit animos gentilium. Quibus eum quærentibus, christianæ animæ deprecatae sunt, ut paulister cederet, et quamvis esset cupidus passionis; tamen contemplatione populi inflexus est: rogabatur enim, ut ad instituendum, et confirmandum populum se reservaret. Quid multa? Nocte muro egredi cœpit; et videns sibi in porta Christum occurrere, urbemque ingredi, ait: Domine, quo vadis? Respondit Christus: Venio iterum crucifigi. Intellexit Petrus ad suam crucem divinum pertinere responsum. Christus enim non poterat iterum crucifigi; qui carnem, passione suscepta mortis, exuerat: quod enim mortuus est, mortuus est semel; quod autem vivit, Deo vivit; intellexit ergo Petrus, quod iterum Christus crucifigendus esset in servulo. Itaque sponte remeavit: interrogantibus christianis responsum reddidit; statimque correptus, per crucem suam honorificavit Dominum Jesum. — Bar. An. t. I, 477, n. 6. Foggino, *Exercit.* XVII, p. 404, etc., etc. — A respeito deste facto é bom referir as notaveis palavras de Suares que se applicam a todas as outras tradições romanas de que se tem fallado nas *Tres Romas*: « Inter traditiones quæ in Ecclesia inve-

samos bem depressa, continua a repetil-o com estas duas immortaes palavras: *Fundatori quiteis.*

---

## 21 de Março,

Frascatti. — Villas. — O cardeal Micara. — Tusculum. —  
Grotta Ferrata.

As grandes ceremonias da Semana Santa, começadas domingo de Ramos, só continuam na quarta feira á tarde: assim a segunda e terça feira são dois dias de sueto de que nós nos aproveitamos para visitarmos os arredores de Roma. A 21 de março ás seis horas da manhã, duas carruagens rodando átravez da Campina romana, pela antiga via Asinaria, transportavam a Frascatti a nossa pequena caravana. As gigantescas arcarias do aqueducto de Claudio, correndo n'uma extensão de muitas milhas, marcavam a nossa estrada no meio do deserto: em breve se corta a via Latina. A sua direcção faz-se conhecer pelas

---

« nuntur, quædam sunt universales totius Ec-  
« clesie catholice; aliæ particulares quarundam  
« Ecclesiarum; ut experientia constat.... Parti-  
« culares per se non sunt regulæ fidei, nisi ali-  
« unde accedat Ecclesie definitio quæ illas appro-  
« bet. Et ideo particulares traditiones Ecclesie  
« Romanæ, ut est specialis episcopatus, sunt ma-  
« joris auctoritatis; quia solent esse a Pontifici-  
« bus approbatæ. » *De tripl. virt. theol. Dis-*  
*put. V, sect. 4.*

ruínas dos tumulos estacionados nas margens: lugubre espectáculo a que vem assombrar mais a sombra do feroz Totila; este terrivel destruidor de Roma tinha aqui o seu acampamento. As ruínas que se vêem fallam delle, como a porta por que acabamos de sahir recorda a traição dos soldados isaurienses encarregados da sua guarda, e a entrada eternamente deploravel do barbaro vencedor.

Duas horas de caminhada bastam para conduzir à fralda do gracioso monte em cuja encosta está situada a villa de Frascati: Tuscolum, que ella substitue, occupava o cume. Esta ultima cidade destruida em 1191 pelos Romanos e Tiburtinos, deu origem a Frascati, que é hoje a sede do terceiro bispado suburbicario. Toda a costa está esmaltada de villas deliciosas, onde os Romanos vão procurar, sob a espessa folhagem das oliveiras selvagens e dos carvalhos verdes, um abrigo protector contra o sol de julho e contra as febres do outono. Entre estas habitações reaes distinguem-se as *Delizie* Aldobrandini, Taverna, Conti e Bracciano; as duas primeiras pertencem à familia Borghese. Jardins, cascatas, repuchos d'agua, bellas vistas, objectos d'arte, tudo se reúne para as fazer uma morada encantadora. Na villa Aldobrandini admira-se uma ampla camera, resplândecente de frescos do Dominiquino, no meio da qual se ergue o Monte Parnasso em relevo. A poetica montanha, é habitada por musicos de bronze que juntam o som de seus instrumentos ao murmurio das aguas cuja queda os anima. A villa Conti faz admirar a sua escada real, a Ruffina; a sua architectura do Bernino, e a Montalto, a sua abobada pintada pela escola do Dominiquino.

Entre as nossas excursões na montanha e a nossa ascensão a Tusculum, veio intercalar-se muito a proposito um jantar que temperaram uma fome de quaresma e vivas disputas com os burriqueiros de Frascati. De-pai a-filho, estes altos e poderosos senhores estão na posse de conduzirem os estrangeiros a Tusculum, e de lhes allugarem burros ou machos para fazerem a viagem; é esta a sua industria, e teem o seu monopolio. Faça-se idéa se o *forestiere* que chega é bem tractado, rodeado, instado para que aceite a honra de ser servido!

Mas o preço do serviço! eis o que ainda ha pouco não estava fixado; e não o estava, porque ninguem ousára cortar esta delicada questão: portanto era arbitrario, isto é exorbitante. Foi necessario o cardeal Micara, para se atrever a limital-o ao maximo d'uma piastra; a Italia ficou estupofacta: é um verdadeiro golpe d'Estado. Os nossos parlamentarios invocaram pois a tarifa, e mediante a promessa d'uma boa quantia supplementar, os interessantes quadrupedes nos foram affiançados: eram-nos precisos quatorze.

Em quanto os preparavam, nós visitamos o paço episcopal, illustrado no decimo-oitavo seculo pelo cardeal d'York, ultimo dos Stuarts; depois a cathedral dedicada a S. Pedro, onde se vêem alguns monumentos da antiga familia real d'Inglaterra; finalmente a morada do cardeal Micara, actual bispo de Frascati. No angulo da praça vizinha da cathedral está um edificio de mesquinha apparencia e mediocre dimensão. Encerra o grande e o pequeno seminário; porque o bispado de Frascati não conta mais que seis mil diocésanos. Uma estreita e pobre escada conduz a uma

antê-camara que serve de salla de comer. Alli estavam assentados ao pé d'um fogão italiano dois criados de libré, segundo a etiqueta. Uma simples porta de tabuas nuas nos separava da camara do cardeal Micara, gloria do Sacro Collegio, theologo, jurisconsulto, administrador e o maior orador da Italia.

Imaginal um velho de sessenta e sete annos, de estatura mediana, direita e bem proporcionada; com os cabellos brancos bem densos, e uma magnifica barba, branca como uma neve, descendo até ao meio do peito; nos olhos de fogo, scintillantes na sua profunda orbita, assombrados por espessas sobranceiras regularmente arqueadas; uma ampla fronte quadrada, labios delgados e roseos, nos quaes vaguêa sempre um sorriso de uma finura e graça inexprimiveis; contempla este velho, este principe da Egreja, que tantos votos chamam á honra da tiara, vestido do grosseiro borel dos capuchinhos, assentado n'uma má cadeira de pau que compõe, com uma mesinha coberta de papeis e uma pequena cama sem cortinas, elevada um pé acima do solo, toda a mobilia desta unica camara successivamente salão, gabinete d'estudo e quarto de dormir: imaginal tudo isto, e tereis visto a pessoa, o palacio e a mobilia do illustre e santo cardeal.

Filho d'um rendeiro de Frascati, irmão d'um rendeiro da mesma cidade, este homem admiravel não quiz habitar o magnifico palacio de seus predecessores. « Os grandes quartos fazem-me medo, nos dizia elle surrindo-se; e depois, eu aqui acho-me no meio de meus filhos. » Com effeito, o seu seminario é a sua familia, e elle é o seu director e seu pai; porem a sua solli-

cidade estende-se ao exterior. Posto que pobre, e muito pobre, encontra, com as suas oitocentas piastras de renda, meio de mandar fazer estradas, edificar um hospital, estabelecer um monte-pio, abrir escolas, aonde conduz elle proprio pela mão as crianças que encontra nas ruas: é o typo resuscitado do padre da Igreja. Assim que os habitantes de Frascati teem orgulho de o terem por bispo e concidadão: *Il nostro*, dizem fallando d'elle; e na sua justa estima essas palavras dizem tudo. Sua Eminencia nos fallou em muito bom francez da França, aonde nunca foi, mas que conhece como se nunca houvesse sahido d'elle; exprimio-se sobre as grandes questoes que agitam não só a nossa patria, mas a Europa inteira, com aquella firmeza de juizo e aquella altura de vistas que caracterisam ao mesmo tempo o homem pratico e o homem de genio.

Como foi o humilde capucinho tirado da obscuridade da sua cella? Que mão collocou a luz no candelabro? A elevação do cardeal Micara é uma prova entre mil, de que em Roma a sciencia e a virtude são, mais que nas outras partes, o caminho certo das honras. Era em 1824; o padre Micara prégava em Roma na presença de Leão XII. Com toda a liberdade do Evangelho e toda a eloquencia da sua palavra, elle fez ouvir uteis verdades com destino a alguns dos seus ouvintes. Compreenderam-o; e os personagens interessados foram-se queixar ao Summo Pontifice, pedindo-lhe chamasse á ordem o temerario prégador, e em caso necessario lhe impozesse uma severa penitencia: o Santo Padre prometteu fazer boa justiça.

Alguns dias depois, os descontentes pergun-



taram a Leão XII se havia cumprido a sua palavra, e castigado como merecia o audaz capuchinho. « Si, si, respondeu o Papa. — Que penitencia lhe deu vossa Santidade? — Fil-o cardeal. »

A benção do velho traz sempre felicidade; depois de termos sollicitado e recebido a do veneravel Pontifice, partimos para Tusculum. Entre margens de loureiros de vinte e cinco pés de elevação, chéga-se por um suave declivio à Rufinella. Esta graciosa *villa*, propriedade de Luciano Bonaparte, foi comprada pela rainha viuva da Sardenha. Alguns passos mais adiante se abre uma via romana cujas lageas gastas attestam que sobre ellas rodaram os carros de illustres personagens, entre outros de Cicero que tinha aqui uma das suas habitações, de Catão natural de Tusculum, de Lucullo cuja *villa* continha, no dizer dos censores escandalizados, mais espaço para varrer que para cultivar (1). No meio das ruínas espalhadas de todas as partes pelo chão, crê-se reconhecer o sitio e os restos da casa do brador romano, immortalizada no mundo classico pela composição das *Tusculanas*. Vêde comtudo a distancia entre a mais alta razão pagan e a mais fraca intelligencia christian! Que alma baptisada accitaria o movel das acçoens, a regra dos costumes e a recompensa da virtude preconizada por Cicero? Era aqui em Tusculum que dirigindo a si proprio a pergunta: « Que é a gloria? » o grande philosopho respondia: « A gloria é um bem real e solido, e não uma sombra enganadora;

---

(1) Plin. lib. XVIII, c. 6.

um concerto d'elogios dados á sabedoria; a voz desinteressada dos bons juizes que celebram o merito brilhantè; o ecco, a mais bella recompensa da virtude. Só a gloria nos indemnisa da brevidade da vida, com a recordação da posteridade; ella nos faz presentes nos logares onde não estamos, e nos faz viver além da morte; é finalmente como que o degrau que eleva os homens á classe dos immortaes (1). »

Depois de ter ligado todas as esperanças do homem a uma chimera tam van como a gloria, Cicero procura dar uma guia ás suas acçoens, uma consolação ás suas dores. E' então que exclama, e as ruinas da *villa* pareciam resoar ainda com as suas palavras: « O' philosophia! unica capaz de nos guiares! O' tu, que ensinas a virtude e expulsas o vicio, que seriamos nós sem ti, e todos os homens! Tu creaste as cidades, tu inspiraste aos homens espalhados o amor da sociedade; tu lhes fizeste aproximar suas habitaçoens, contrahir casamentos, inventar uma lingua e uma escripta communs; tu dictaste as leis, formaste os costumes, civilisaste os povos. Eu procuro um asylo junto de ti; imploro o teu auxilio; contente até agora com seguir em parte as tuas liçoens, hoje entrego-me à ti inteiramente. Oh! a que poder recorreriamos nós antes que ao teu, para nos dar a tranquillidade da vida, e tirar-nos o terror da morte (2) ? »

No dia, talvez na hora em que Cicero escrevia.

---

(1) *Tuscul.* III, 2; o mesmo pensamento se encontra no discurso *Pro Milone*, 35.

(2) *Tuscul.* V, 2.

este faustoso elogio da gloria e da philosophia, mães da virtude, Bruto, amigo de Cicero, adorador da virtude, filha da philosophia e da gloria, se suicidava nos campos de Philippes exclamando: « Maldita virtude, tu não és mais que uma palavra; vão phantasma, ou vil escrava da fortuna, sê para sempre dote dos meus inimigos. »

Cavalgando nas nossas facéis cavalgaduras pelas grutas de Cicero, pelas Thermas, pelo Theatro, pelos aqueductos e pela cidadella de Tusculum, tihamos chegado ao ponto culminante do outeiro, entulhado de ruínas desliguradas. D'alli, a vista abrange todo o panorama da campina romana. Arrebatada com este grande e solemne espectáculo, a nossa caravana partiu com saudade para *Grotta Ferrata*. Por um privilegio exclusivo, offerece a Italia a cada passo o encantador contraste das glorias do paganismo e do christianismo. N'uma gruta fechada por uma grade de ferro e visinha de Tusculum, se achava, na idade media, uma milagrosa estatua de Maria: os fieis, em grande numero, iam alli em romaria. Em volta da gruta se levantou no anno de 1000 um mosteiro de Basilenses. Um dia, os religiosos viram chegar um veneravel velho que pedia para passar o resto da vida entre elles. Era S. Nilo, gloria da Italia, admiração dos reis, fundador de varios mosteiros na Calabria.

O santo homem tinha fugido, sabendo que o principe de Gaeta só esperava a sua morte para arrebatá-las suas reliquias. Quando elle ainda habitava o Monte Garano, o imperador Othão III o foi visitar e lhe offereceu um terreo para construir um mosteiro. « Pedi-me, ajuntou o principe, tudo quanto vos approuver, meu padre, que eu

vol-o concederei com alegria. — A unica coisa que vos peço, lhe disse o santo pondo-lhe a mão no peito, é que penseis na salvação da vossa alma.» S. Nilo morreu em *Grotta Ferrata* em 1005. Seu corpo descança sob o altar. Nos immortaes frescos que decoram a igreja do convento, representou o Dominiquino a visita do imperador Othão, a resurreição d'uma criança, e outros factos da vida do santo anachoreta. O mosteiro conserva ainda a recordação do illustre Bessarion, que foi alli buscar um asylo depois da tomada de Constantinopla. Rendidas as nossas homenagens á Virgem milagrosa, tomamos a toda a pressa o caminho de Palestrina. A aldêa da Colonna, o lago Regillo, as ruinas de Gabias, não tiveram mais que um rapido volver d'olhos: a noite envolvia a antiga Prenesto quando nós lá entramos.

---

**22 de Março.**

Palestrina. — Recordaçoes de Pio VI. — Subiaco. — Tivoli. — Cathedral. — Recordaçoes de santa Symphorosa. — Templo de Vesta, — da Sibylla. — Villa de Mccenas. — As Cascatellas. — Villa de Varro ou *Madonna del Quintigliolo*. — Gruta das Sereias. — Villa d'Este. — Villa d'Adriano. — Tumulo da familia Plaucia. — A Solfatarre. — Ponte *Mammolo*. — Volta a Roma.

Para as cidades e para os reinos, assim como para os individuos, ha momentos solemnes que decidem do seu futuro: Prenesto offerece disto um memoravel exemplo. Altiua da sua origem muito anterior à de Roma, altiua das suas muralhas cyclopeas, altiua sobretudo do seu templo

da Fortuna, aonde o Imperio romano inteiro ia consultar a Sorte (1), a cidade Latina fazia havia muito um elevado papel no theatro do mundo; porem aproximava-se a hora da sua decadencia. Dividida entre Mario e Sylla, estava Roma em chammas e punha em chammas toda a Italia. Prenesto toma o partido de Mario. A altura dos seus muros, a força da sua cidadella a fazem escolher pelo filho de Mario para seu asylo e seu campo entrincheirado. Sylla se apresenta por sua vez; a cidade é tomada, o vencedor degolla os habitantes, e a antiga cidade desce a um tumulo sanguento d'onde nunca mais sahio. Em balde o vencedor reedifica em bases mais amplas, e com nova magnificencia, o templo da Fortuna; vãos esforços: o prestigio passou para sempre. Parece-nos que assim devia ser. Aproximava-se o momento em que o oraculo eterno da verdade, a verdade mesma ia fallar ao mundo; e na destruição de Prenesto, fortaleza secular onde o pai da mentira reinava como no Capitolio, vê o christão attento brilhar a acção divina que adianta um passo a obra da preparação evangelica

Não offerecendo Palestrina outro interesse que o das recordaçoes, deixamol-a muito cedo para nos dirigirmos a Subiaco, Subiaco! que encantadora romaria! que prazer para o viajante francez encontrar, n'esta poetica solidão, religiosos que fallam a sua lingua como elle proprio a falla, e que, sem nunca o haverem visto, o amam e o recebem como irmãos! Subiaco foi o primeiro retiro de S. Bernardo; pôde-se dizer que elle

---

(1) Cicer. *De Divinat.*, lib. II.

lançou allí as bases do seu immortal instituto, e ha treze seculos, os filhos do patriarcha venerando guardam com religioso respeito o berço querido da sua numerosa familia. Estão divididos em dois mosteiros, o de S. Bento e o de Santa Escholastica. Com que amor elles nos mostraram o *Sacro Specchio*, mysteriosa caverna, onde seu pai viveu longo tempo, como Ignacio em Manreza, como Moisés no deserto, preparando com Deus os grandes projectos que devia executar! Uma bella estatua representa allí o Santo, absorto na meditação; ao seu lado está um açafate, recordação do que empregava S. Romano para passar a seu mestre um frugal sustento. Em outra parte, eis o grande crucifixo em que está engastado o que trazia o illustre fundador.

No convento de Santa Escholastica, encontra o archeologo as riquezas de que foram em todas as partes creadores e guardas os Benedictinos. É um claustro do decimo seculo, outro do decimo-terceiro, uma sacristia do decimo-sexto; preciosos manuscriptos com estampas illuminadas, bem como as *ediçoens Princeps* das obras impressas em Subiaco, primeiras que o foram na Italia.

Da bibliotheca descemos à egreja para venerarmos os santos martyres Audax e Anatolia, cujos corpos descansam debaixo do altar-mor. Anjos da oração e martyres; velando ha tantos seculos n'esta solidão sanctificada pela presença do patriarcha dos religiosos no Occidente, tudo isto é um mysterio de graça, uma harmonia providencial cujo segredo nos foi dado alguns passos mais adiante. Nero e seus dignos successores tinham aqui a sua villa. Por todas as partes a mancha, depois a purificação; e a segunda sem-

pre na razão directa da primeira. Tivoli nos offerecerá em breve o mesmo contraste. Ao deixar Subiaco, outra recordação se apresenta ao viajante. Aqui, como nas lagoas Pontinas, mostrou-se Pio VI monarcha intelligente e magnifico. A soberba igreja de Santo André, as fabricas de papel, as grandes forjas e outros estabelecimentos d'utilidade publica, foram obra sua. Pelo que um arco de triumpho de marmore, collocado á entrada da cidade, perpetua a memoria do benefico Pontifice. Nobre tributo de reconhecimento e amor, que amarga aproximação tu inspiras ao viajante francez! Santo martyr, esquecei Valença e a sua cidadella: Vigario do Deus que abrangem todos os homens na sua immensa charidade, oraí pelo povo fiel que vos ergueu monumentos de gloria, e oraí tambem pelo povo cego que vos deu ferros.

No pitoresco valle que rega o Anio de aguas limpidas, corre serpenteando a bonita estrada de Tivoli. Os cavallos romanos andam depressa, e em breve nós avistamos a antiga Tibur: gruta das Sereias, cascatinhas, recordações d'Horacio, recordações de Varo, recordações de Mecenas, recordações de Santa Symphorosa e de seus sete filhos; eis ahí coisas que interessem o artista, o archeologo e o christão. Apesar da sua população de sete mil almas, parece-se Tivoli mais com uma aldêa que com uma cidade; as ruas são irregulares, montanhosas, e as casas, com algumas excepções, de mediocre apparencia. - A grande *Hospedaria da Rainha* teve a honra de nos dar hospitalidade, e ninguem adivinharia qual foi a primeira coisa que se offereceu aos nossos olhos ao subirmos a escada do primeiro andar. N'uma

caixinha pregada na parede, lêmos em mui bom francez: *Esmola para a Propagação da fé nos dois mundos*. Com uma alegria completamente franceza, misturada com um grão d'orgulho nacional, cada um de nós se apressou a depositar alli a sua apostolica offrenda. A obra da Propagação da fé, estabelecida na cidade de Mecenas, de Sallustio e Horacio, não é um curioso monumento do triumpho do christianismo?

Tivoli offerece muitos outros. A cathedral, dedicada a S. Lourenço, está construida sobre as ruinas do templo de Neptuno, do qual ainda se vêem a Cella e os porticos. Este templo é celebre nos annaes do martyrio por factos cuja historia é necessario conhecer, se se quizer visitar com intelligencia e respeito o logar que foi theatro delles. Adriano acabava de terminar os edificios da sumptuosa villa que visitaremos d'aqui a algumas horas; segundo o costume foram dedicados no meio das pompas religiosas e dos sacrificios. O supersticioso velho quiz conhecer a duração dos seus soberbos palacios, e os Deuses consultados responderam: « Uma viuva christã retirada em Tibur nos fecha a bôcca. Chama-se Symphorosa, e é mãe de sete filhos; se nos offerecer incenso responderemos. »

O imperador manda buscar a nobre matrona, esposa e cunhada de Getulio (1) e Amacio, generaes dos seus exercitos, já martyrizados pela fé. Promessas, ameaças, tudo se emprega para determiná-la a um acto d'idolatria. Vãos esforços! Adriano, atacando-a então pelo lado mais sensi-

---

(1) Ou Zotico.



vel, lhe diz: « Sacrificai aos Deuses ou vós propria sereis sacrificada com vossos sete filhos! — Pois eu serei tam feliz que seja sacrificada oito vezes ao meu Deus! — Não è ao teu Deus, tornou o imperador com colera, é aos meus que tu seràs sacrificada. — Os vossos Deuses não podem receber-me em sacrificio; eu para elles não sou victima. » Então Adriano mandou conduzi-la diante do templo d'Hercules; pisar-lhe o rosto com punhadas, suspendel-a pelos cabellos, e depois de tel-a açoitado cruelmente, precipital-a no Anio. Cesar, o odio-te cega, e comtudo tens rasão: era preciso que as aguas onde se banhavam as prostitutas de Tibur, fossem purificadas pelo corpo ensanguentado d'uma christian.

No dia seguinte, o imperador manda erguer sete postes em volta do templo d'Hercules, atam-lhes os sete filhos da illustre Matrona, e todos expiram no meio de torturas coja cruel variedade faz estremecer (1).

Tal é o primeiro acontecimento que assalta o viajante no limiar do templo: eis aqui segundo. Esta terra que trilhais bebeu o sangue d'outro

---

[1] Estes gloriosos martyres são chamados na historia os sete *Biothanates*, isto é mortos de morte violenta. Enterrados pelos christãos na via Tiburtina, foram transportados a Roma pelo papa Estevam, para a egreja do Santo Anjo *in Peschiera* onde ainda descansam. Ao pé do seu tumulo lêmos nós a inscripção seguinte: *Hic requiescunt corpora sanctorum martyrum Symphorosæ, viri sibi Zotici et filiorum ejus a Stephano papa translata.*

christão verdadeiramente digno do seu nome. Chamava-se *Generosus*; e este nome que elle tinha illustrado na carreira das armas, tornou-o immortal com a morte. Ha quinze seculos que elle triumpho no mesmo lugar onde venceu: o seu glorioso corpo descança debaixo do altar, não longe de S. Quirino, outro martyr de Tibur, e da illustre Symphorosa da qual era muito justo conservar aqui algumas reliquias.

Da cathédral passamos ao templo de Vesta. Na ponta d'uma rocha que domina a grande cascata do Anio e dá para um profundo valle, se ergue um gracioso edificio, de forma circular, sustentado por dez columnas de travertim delicadamente caneladas e coroadas d'uma cornija trabalhada em festoens. As suas paredes revestidas interior e exteriormente de pequenos polygonos de tufo irregulares, a sua architectura irreprehensivel, tudo annuncia que este edificio é da melhor epocha. Mas qual foi o seu destino? Os sabios não estão d'acordo; a opinião o faz um templo de Vesta. Como quer que seja, elle pôde offerecer ao desenhador o primeiro plano d'uma encantadora paizagem.

Menos incerta é a sciencia, quando attribue á Sibylla o pequeno templo, visinho do precedente. Forma um quadrilongo sustentado por quatro columnas jonicas de frente, e pôde ter trinta pés de comprimento por quinze de largura. Bem que este edificio, tornado na igreja de S. Jorge, quasi nada offereça interessante debaixo do ponto de vista da arte antiga, é comtudo impossivel penetrar n'elle sem recordar-se o celebre oraculo attribuido á Sibylla. Penetrando a noite dos seculos, os olhos de Albunea vêem uma grande

luz, e sua bôcca proclama a gloria d'uma moça virgem, mãe d'um Deus, nascido nos campos de Bethlehem :

Vivax ipse Deus dedit hæc mihi numina fandi  
Carmine quo sanctum potui monstrare PUELLAM,  
Concipiet quæ Nazareis in finibus illum,  
Quem sub carne Deum Bethlemitica rura videbunt,  
O nimium felix cœlo diguissima mater,  
Quæ tantam sacro lactabit ab ubere prolem [1] !

Descendo pela encosta occidental da collina : chega-se em breve á villa de Mecenas. Estranha vicissitude ! A magnifica habitação do favorito d'Augusto, é hoje uma forja. Seus muros de marmore, de compartimentos doirados, estão damnificados ou ennegrecidos por um fumo secular. Pelos *atria* onde passeavam os elegantes sybaritas da côrte imperial, vão e vem ferreiros meio nus ; e as brilhantes sallas onde resoavam as harmonias d'uma musica voluptuosa, não repercutem mais que o ruido ensordecedor de vinte martellos, que resaltam sobre a bigorna. Por baixo dos largos porticos da villa de Mecenas passava a via *Valeria*, e uma antiga inscripção mostra que ella formava uma galleria coberta, à maneira sem duvida, das nossas passagens parisienses. Continuando a seguil-a até à aba do monte, atravessamos o rio por uma pequena ponte de madeira, a fim de chegarmos ao outeiro opposto e gozarmos a vista das cascatellas. Contam-se oito, compre-

---

[1] Veja-se Canisio, de *Maria deipara Virgine*, lib. II, c. 7, p. 147.

hendendo a grande cascata. Na sua queda d'uma altura mediana, formam sete largas toalhas cuja brancura de leite sobresahe vivamente na verde relva da collina, e produz a mais graciosa vista.

A' proporção que a gente se eleva sobre o outeiro, encontra ruínas cujo mesmo nome se perdeu. Quem sabe com certeza onde era a real villa do cavalleiro romano Manlio Vopisco, tam magnificamente cantada por Stacio [1]; a de Catullo, licencioso poeta; a de Sallustio, rapace proconsul; a do mesmo Horacio, que elle julgara immortalizar com estes versos:

Laudabunt alii claram Rhodon, aut Mytilenem, etc.(2).

Mais feliz é a villa de Quintilio Varo. Eru-dito, cicerone, simples pastor, todos sabem mostrar o sitio e os destroços della. D'onde lhe vem este privilegio? Serà porque a celebridade da desgraça é mais duradoira que a da gloria? Chamado do governo da Judêa ao commando do exercito romano na Germania, Varo se deixou surprehender por Arminio, e perdeu com a vida as mais bellas legioens do imperio. *Varo, que fizeste das minhas legioens?* Este grito afflictivo que Augusto não cessava de repetir, á nova do desastre, parece resoar mais forte em volta da villa de Varo e protegê-la como o anathema protege um lugar funesto. Mas não; o verdadeiro conservador destas ruínas celebres, é o sanctua-

---

[1] Carmen. III.

[2] Od. VI, lib. 1.

rio de Maria que as cobre com a sua sombra. O seu nome, junto ao da augusta Virgem, as fará sempre immortaes: a villa de Varo chama-se a *Madonna del Quintigliolo*. Encontramos alli, prostrado ante a antiga imagem de Maria, um moço pastor cujo rebanho de cabras brancas pastava nas proximidades, sob a guarda do cão fiel. Este espectaculo inesperado nos recordou de repente a visita que M. de Châteaubriand fizera a esta capella solitaria, e nos associou deliciosamente aos sentimentos que elle exprime.

Como elle nós haviamos passado o Teverone pela ponte Lupo, para entrarmos em Tivoli pela porta Sabina; como elle haviamos atravessado o bosque de velhas oliveiras; como elle, finalmente, estavamos na capellinha branca, dedicada á *Madonna Quintigliana*. « Era um domingo, diz o illustre escriptor..... um só homem, que tinha ares de muito desgraçado, estava prostrado junto d'um banco; orava com tanto fervor que nem mesmo levantou os olhos para mim ao ruido dos meus passos. Eu senti o que tenho experimentado mil vezes ao entrar n'uma igreja, uma certa *quietação* das perturbáçoens do coração, como dizem as nossas velhas biblias, e não sei que desgosto da terra. Puz-me de joelhos a alguma distancia daquelle homem, e inspirado pelo logar, pronunciei esta oração: Deus do viajante, que quizeses que o peregrino vos adorasse n'este humilde asylo edificado sobre as ruinas do palacio d'um grande da terra! Mãe de dor, que estabelecestes o vosso culto de misericordia na herança deste Romano desgraçado, morto longe da sua patria nas florestas da Germania! estamos aqui só dois fieis, prostrados aos pés do vosso altar

solitario. Concedei a este desconhecido, tam profundamente humilhado ante as vossas grandezas, tudo quanto elle vos pede; fazei que as oraçoens deste homem sirvam por sua vez para curar as minhas enfermidades, a fim de que estes dois christãos que são estranhos um ao outro, que se não encontraram senão um instante na vida, e que vão deixar-se para nunca mais se tornarem a ver n'este mundo, fiquem todos admirados, ao encontrarem-se de novo aos pés do vosso throno, de se deverem mutuamente uma parte da sua felicidade, pelos milagres da charidade. \*

Entre a villa de Varo e a porta Sabina, achase a gente em frente da gruta das Sereias e da grande cascata do Anio. O rio desemboca d'uma rocha perforada ha pouco por ordem de Gregorio XVI, e cahe com estrondo n'um abysmo profundo, d'onde torna a sahir escumando, para correr depois tranquillamente pelo valle. Um monumento erguido ao Soberano Pontifice consagra o reconhecimento dos habitantes por estes uteis trabalhos que poem a cidade ao abrigo das inundaçoens. A fim de podermos dizer que nada haviamos esquecido, fizemos, antes de deixarmos Tivoli, uma excursão á villa d'Este. Ver uma casa, jardins, fontes, outr'ora magnificos e hoje arruinados; recordar o cardeal Hippolito d'Este, fundador desta villa, e o Tasso que recebeu aqui uma nobre hospitalidade; tal é quasi que a unica vantagem desta visita.

Sabidos pela porta de Santa Cruz, deixamos em breve a via Tiburtina, para nos dirigirmos á villa d'Adriano, situada à esquerda, na Campina romana. Não me demorarei a descrever esta gigantesca habitação d'um dos senhores do mundo.

Para dar uma idéa da sua magnificencia, basta dizer que a villa d'Adriano é maior que Pompeia, tem pelo menos sete milhas de circumferencia. Da mesma forma que havia tomado o modelo do seu tumulo nos edificios mais notaveis da Grecia e do Egypto, quiz Adriano reunir na sua villa os logares e os monumentos mais celebres, de que lhe tinham dado conhecimento as suas longas viagens. N'ella se achava o Lyceu, a Academia, o Prytaneo, o Pécilo, Canope e os templos de Serapis, o valle de Tempe, os theatros, os principaes templos da Grecia e do Egypto, sem esquecer os Infernos (1).

Mas para aformosear a habitação do seu senhor, Roma, Athenas, Corintho, Alexandria, haviam-se tornado orfans dos seus artistas famosos; o Oriente e o Occidente haviam excavado todas as suas minas d'ouro e prata, todas as suas pedreiras de marmore, de alabastro, de porphyro e de basalto. Vaidade dos homens e dos seus projectos! em vez de ser uma vivenda de delicias, não foi este logar para Adriano senão um theatro de soffrimentos. Lá achou o germe da doença que o conduziu à sepultura; e dir-se-hia que todos estes monumentos, representando as diferentes partes do mundo, não se haviam reunido senão para fazerem assistir o universo inteiro ás angustias, ás coleras, ás sanguinarias raivas do velho imperador. D'alli partiram as fataes sentenças que conduziram á morte, tanto Santa Symphorosa com seus sete filhos, como o velho Ser-

---

(1) Et ut nihil prætermitteret, etiam inferos finxit. — Spartian. *in* Adrian.

viano, gloria do imperio, e até mesmo a imperatriz Sabina [1]. O proprio Adriano obrigado a deixar um successor ao imperio, deixou rapidamente esta sumptuosa morada e foi morrer a Baia.

Taes eram alem disso as riquezas accumuladas n'esta villa, que formam, apezar de quanto se tem perdido, uma parte consideravel dos museus de Roma, e o salão de *Canope* no Capitolio está oheio quasi exclusivamente das estatuas egypcias e dos objectos pertencentes ao culto de *Serapis*, achados na habitação imperial. Deste primor d'arte do luxo e da opolencia colossal do senhor do mundo que resta? Exceptuando os quartéis das guardas pretorianas, cento *Camarelle*, e as paredes vacillantes de não sei que edificios: theatros, thermas, palacios, bibliothecas, porticos, não é tudo mais que um montão informe de destroços amontoados confusamente sobre um solo irregular, coberto de silvas e habitado unicamente por lagartos verdes e outros reptis. No momento em que percorriamos este vasto campo de ruinas, um pobre aldeão o atravessava silencioso: conduzia um burro carregado de compridas cannas, destinadas a sustentar as cepas d'uma vinha plantada na *naumachia* imperial.

Regressando á via Tiburtina, paramos diante do mausoleu da familia *Plautia*, o tempo necessario para termos algumas inscripçoens. Citarei sómente a de Tiberio Plaucio Silvano, companheiro de Claudio na guerra Britanica. Quanto á forma e ás proporçoens, este tumulo parece-se

---

(1) Id. id.



muito com o de Cecilia Metella. Singular destino dos sepulcros Romanos! Aquelles que acabo de nomear, serviram de fortaleza durante as guerras civis da idade media: e o mausoleu de Adriano é ainda a cidadella de Roma.

Brevemente um forte cheiro de enxofre, acompanhado de exhalações muito desagradaveis, nos advertiu da vizinhança da ponte da Solfatarre. Por um largo canal correm com rapidez aguas brancacentas, mas limpidas e azuladas. Provcem d'um profundo lago todo impregnado de materias sulfurosas. Este lago, de *Ilhas Fluctuantes*, que tanto nos haviam recommendado, não vale a pena de ser visitado, senão talvez pelos mineralogistas.

Mais interessante é a Ponte *Mammolo*, pela qual se atravessa o Teverone antes de voltar a Roma. Quatro grandes recordações a tornam para sempre celebre: o joven Manlio conquistou alli o glorioso nome de Torquato, n'um combate que recorda o de David contra Goliath; a imperatriz Mamea a fez restaurar, Totila a destruiu, e Narsés a tornou a erguer.

Acabava de nos surprehender a noite e o ceu em breve se achou semeado d'estrellas. Pozemo'-nos a admirar-o, e a repetir alguns dos psalms em que o real Propheta descreve a magnificencia do firmamento. Não sei que encanto dão o silencio e a solidão da Campina romana a estes sublimes canticos; o certo é que a alma, a esta hora solemne, no meio desta quietação profunda sente mais vivamente a bella harmonia que existe entre a Cidade eterna e o silencioso deserto que a rodêa. Para o christão, é Roma um templo; e, antes de entrar n'este templo, é bom ter de

atravessar um cemiterio. No meio dos tumulos extingue-se o ruido do mundo ; desapparecem as illusoens ; substituem-as graves pensamentos , e os pensamentos graves são irmãos dos pensamentos santos , os quaes são os unicos que devem penetrar no templo : ora , que cemiterio não è a Campina romana !



### 23 de Março.

Egreja da Magdalena. — São Camillo de Lellis. — Trevas na capella Sixtina. — Difficuldade de assistir a ellas. — Idêa geral do officio. — Pinturas da capella. — Canto dos Psalmos e das Lamentaçoens. — *Miserere* de Bainsi, de Bai, d'Allegri. — Juizo de Mons. Wiseman.

Hoje , 23 de Março , dois Francezes haviam combinado acharem-se na praça Columna : reunidos às sete horas da manhan , caminhavam juntos para a igreja de Santa Maria Magdalena. Qual era o objecto da sua peregrinação ? Ver de perto os logares habitados por um heroe da charidade christan , visitar o quarto onde elle morreu , venerar os objectos que foram do seu uso e beber no seu tumulo alguns dos sentimentos que o animaram. Esses dois Francezes eram o sr. visconde W..... e eu. Este heroe é S. Camillo de Lellis. Duplo prodigio de misericordia e charidade, as suas obras são um beneficio subsistente sempre. Filho d'um soldado e soldado tambem , não tardou Camillo a tomar os habitos pouco regulares dos acampamentos. Fez-se jogador ; mas jogador apaixonado. Licenciado depois da campanha de Tunis , em 1574 , não tinha trazido do

serviço militar senão o seu armamento: jogou-o: jogou primeiro a espada, e perdeu-a; o mosquele, e perdeu-o; a patrona, e perdeu-a; o capote, e perdeu-o; a camisa, e perdeu-a [1].

Despojado de tudo, o novo prodigo cahiu em si; converteu-se e mostrou na pratica do bem, com a dedicação sem limites d'uma grande alma, a franqueza e lealdade d'um soldado. Os pobres de todas as esnecies, mas sobretudo os doentes foram a sua repartição, os lazaretos e o hospital do Espirito Santo, em Roma, o seu domicilio. Porque não hade o tempo permittir-me que relate um dos dias tam admiravelmente preenchidos do santo homem? Tudo quanto o pai mais dedicado, digo mal, tudo quanto a mãe mais terna pôde inventar para alliviar, para consolar seu filho doente e ajudal-o a sanctificar os seus soffrimentos, fazia-o Camillo, e ainda mais: Doente tambem, e exaustado pelos anqos, via-se de pè todo o dia e parte da noite, passando d'um leito a outro, e não contando nunca consigo em quanto havia uma dor a socegar, uma consciencia a tranquillisar. Era a ponto que os mesmos doentes, tocados de compaixão por aquelle venerando velho, lhe diziam: « Padre, vós não podeis mais; ides cahir, descançai. » E elle lhes respondia, com o sorriso nos labios: « Meus filhos, eu sou vosso servo; é necessario que eu cumpra o meu dever. » Para o auxiliar fundou a Congregação dos Clerigos, ministros dos en-

---

(1) *Vita di san Camillo, etc. dai PP. Cicatelli e Dolera*, lib. I, c. 4 in-4.º, Roma, 1837.

*fermos.* Esta admiravel familia, animada do espirito do seu chefe, espanta ainda hoje o mundo christão com a sua dedicação: um voto especial a prende á cabeceira dos pestíferos.

Tal é o homem cujo tumulo iamos venerar. Na egreja da Magdalena está uma magnifica capella scintillante de marmores e doirados: um relicario de bronze doirado collocado debaixo do altar encerra o corpo de S. Camillo.

Encontramol-o rodeado de numerosos fieis, e disseram-nos que a concorrência era habitualmente a mesma. O bom padre que nos acompanhava nos fez observar, na capella da direita, 'o milagroso crucifixo que, despreendendo as mãos da cruz, dirigiu um dia ao santo fundador estas consoladoras palavras: « Porque vos affligis, homem pusillanime? Continuai a vossa empresa, que eu serei em vosso auxilio; essa obra não é vossa, mas minha. »

Entrados no convento, chegamos à extremidade d'um longo corredor, e diante de nós se abriu uma porta de taboas de pinheiro: estavamos no quarto do santo fundador. Segundo o costume d'Italia, este quarto é hoje uma capella; nas paredes lateraes brilham dois compridos quadros de grande expressão, que representam os ultimos momentos do santo; nos degraus do altar vêem se atravez de vidros bom numero de objectos que foram do seu uso. Uma janellinha situada no fundo allumia com meio clarão este veneravel sanctuario: eu tive a consolação de n'elle celebrar missa a que ajudou o meu amavel companheiro de peregrinação. Depois d'uma agradavel visita ao R. P. de Géramb, que habita este convento,

combinamos em nos reunirmos na praça de S. Pedro.

A's quatro horas da tarde, as Trevas da capella Sixtina iam abrir a serie não interrompida das grandes ceremonias que fazem da Semana Santa, em Roma, a semana incomparavel. Ora, n'este mundo todo o gozo deve ser comprado; o que nós ambicionavamos o foi por alto preço. Se tenho boa memoria, lê-se nas *Victorias e Conquistas dos Francezes*, que depois da batalha de Moskowa, Napoleão dizia ao seu exercito: « Soldados, quando voltardes a vossas casas, bastarvos-ha dizer: Eu estava naquella grande batelha que se deu junto aos muros de Moscou, para que se responda: Eis aqui um bravo. »

Nós não tivemos a honra de fazermos a campanha da Russia em 1812; não combatemos na Moskowa; e comtudo cada um de nós tem a pretensão de ser chamado bravo. Fizemos a campanha de S. Pedro em 1848; tomamos parte no grande combate que teve lugar junto aos muros do Vaticano, e cujo resultado foi a tomada por assalto da capella Sixtina. As avenidas da praça estavam invadidas por dez mil pessoas, armadas cada uma da inabalavel resolução de penetrar n'um local, capaz de conter seiscentos espectadores, o muito. Em tanto que os soldados do Imperador não tiveram que combater senão os Russos, nós tivemos que lutar contra os filhos da Germania e d'Albion colligados, e contra os Suissos armados de ferro. Entretanto conseguimos occupar na capella cada um um pé quadrado. A' onda que nos impelliu a honra da nossa entrada; mas a nossa gloria propria, é termos guardado a posição por espaço de tres horas,

agarrados a uma balaustrada, e obrigados a defender-nos ao mesmo tempo contra as borrasças da multidão inimiga e contra o calor que ameaçava suffocar-nos.

Mas que ha n'estas *Trevas* tam maravilhoso, que toda a gente quer assistir a ellas, à custa dos mais penosos esforços e até de perigos reaes? Para responder, é necessario ser christão, recolher-se e pôr-se a alma em harmonia com tudo o que impressiona os sentidos. Esta ceremonia retrata a grande epopéa em que Deus e o homem estão em lucta; esta capella é o sublime panorama onde se ostentam os formidaveis mysterios do passado, do presente e do futuro, do tempo e da eternidade; esta assemblea, é o universo representado pelo que tem mais augusto; estes cantos são successivamente a historia pathetica dos mais immensos beneficios, o quadro sombrio de uma ingratição equal, e a elegia d'um Deus moribundo, morrendo n'uma cruz.

Eis primeiramente a palavra *Trevas* que recorda não só essa profunda noite que envolve a natureza, quando a innocente Victima expirou no Calvario; como tambem esses dias antigos, em que a Igreja perseguida foi constrangida a occultar os seus mysterios nas entranhas da terra: trevas lugubres, horrorosas, que parecem derramadas sobre o officio, marcado de dor e tam justamente caracterisado por esta bella expressão italiana: *Uffizio di lutto, e come la rappresentazione dei funerali del Redentore*. Reproduzindo toda a scena nas obras-primas que resplendem na sua abobada e nas suas paredes, mostra a capella Sixtina aos olhos o começo, o meio e o fim do drama.

Por toda a parte a grande figura do Homem-Deus: luz de todas as sombras, realidade de todas as figuras, objecto de todos os oráculos, ultima palavra de todas as coisas. Levantai os olhos; eil-o nos prophetas e nos patriarchas do Velho Testamento, assim como nas Sibyllas, prophetas da gentilidade, que o pincel de Miguel Angelo semeou pela abobada do templo, como a mão de Deus semeou as estrellas no firmamento. A' esquerda, eil-o em Moisés conductor d'Israel; é ainda Miguel Angelo que o offerece aos olhos. A' direita eil-o, feito homem, recebendo o baptismo, e depois, fundador da Igreja, dando a Pedro as chaves omnipotentes que abrem e fecham o ceu: ao Perugino se devem as mais bellas paginas desta divina historia.

Ora, Miguel Angelo e Perugino representam aqui o genio da arte no seu mais alto poder, personificando, o primeiro a escola Umbria; o segundo a escola Florentina. Aquella, fiel às tradições catholicas, parte de Cimabue e Giotto; engrandece com o B. Angelico de Fiesola, e como o facho prestes a apagar-se, brilha com toda a sua gloria na pessoa de Perugino. Esta, entusiasta da forma, toma o genio vigoroso de Buonarrotti, e do primeiro salto se eleva a uma altura que nunca sobrepujou. Dest'arte, por uma coincidência unica nos annos da arte, as duas grandes escolas de pintura trabalharam de concerto para escreverem nas paredes da capella Sixtina a grande epopeia christã. Se pois a religião e a sua historia são o verdadeiro objecto da arte; se na religião tudo quanto ha mais elevado são os mysterios do Homem-Deus: como não sentir todo o interesse que inspira um sanctuario

em que, por tantos esforços reunidos, o genio da arte realiza tam poderosamente a sua divina missão ?

Desprende agora os vossos olhares da abobada; nas partes inferiores o drama se desenvolve, e aproxima-se o desenlace; e vós cahis sobre o Golgotha! O Golgotha, é o altar coroadado da grande cruz envolvida em crepes funebres. Porem se a morte da Victima esgota o poder dos algozes, a própria Victima ainda se torna mais viva e mais forte. A sua obra exige que ella resuscite; e o quadro, situado atraz do altar, a representa sahindo radiosa das sombras do sepulcro. Chegamos aos confins do tempo e da eternidade: aqui ultima scena deve completar todas as outras. O Deus, tractado como rei de theatro e crucificado entre dois ladroens, deve reassumir um dia o papel que lhe compete; os seus algozes, as naçoens revoltadas ou ficias, o mundo inteiro, citados ao seu tribunal, devem dar-lhe conta do seu sangue e da sua morte. E eis que no fundo da capella, se destaca o terrivel fresco de Miguel Angelo, o *Juiso final*.

Tudo está consummado; desde o dia em que o mundo sahe do nada, até ao dia em que o tempo acaba e começa a eternidade, o alpha e o omega se mostram sob o pincel sublime da arte christian, enchendo com suas mysteriosas acçoens toda a duração das edades. Sob este immenso horisonte a alma dilatada não vê mais que a elle, a elle por todas as partes, a elle sempre; e o coração commovido se sente disposto para novas commoçoens.

Ellas lhe chegam numerosas e potentes do espectaculo da assemblea. N'esta capella Sixtina,



onde ha tres seculos se tem succedido todas as glorias do genio, do poder e da virtude, vê-se o peregrino-catholico rodeado de homens illustres do Oriente e Occidente: embaixadores da christandade que veem trazer em tributo à grande Victima, a compaixão e as lagrimas do mundo inteiro. Em volta do altar estão prostrados os conductores d'Israel. Estes velhos de cabellos brancos, cuja attitudo e cujas vestes exprimem a dor, são o senado da Igreja. A' sua frente se distingue o chefe da augusta assemblea. E' o pai dos páis, o representante dos seculos e das naçoens, o que resume na sua sagrada pessoa, todos os titulos de gloria repartidos por outros, e que ajunta outros novos que ninguem partilha com elle; Grão-Sacerdote; Summo Pontifice; Chefe dos bispos; Herdeiro dos apostoos; Abel pelo primado; Noé pelo governo; Abrahão pelo patriarchado; Melchisedech pelo sacerdocio; Aarão pela dignidade; Samuel pela predicção; Pedro pelo poder, o proprio Christo pela sagrada uncção (1). E' elle que traz o lucto.

Apenas elle appareceu quando começa o canto dos grandes funeraes.

Que palavras! que poesia! é o Propheta-Rei que, na sua lingua inspirada, repete as humilhaçoens e os soffrimentos do Deus do Calvario, seu senhor e seu filho. E' Jeremias, ou antes è a propria Victima que, tomando a voz prophetica unica capaz de egualar as lamentaçoens às dores, conta ao ceu e á terra, tanto as con-

---

(1) S. Bernardo, *de Consider. ad. Eug. Pap.* lib. II, c. VIII.

jurações de seus inimigos, como a iniquidade de seus juizes, e a crueldade de seus algozes: e que termina todas as suas queixas com esta supplica tam penetrante que abrandaria uma alma de bronze: *Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.* E' Paulo, finalmente, o mais eloquente interprete do christianismo, que vem gravar em traços de fogo, sobre o tumulto da Victima, o sublime epitaphio que repete tanto a sua realza divina, como o seu sacerdocio immortal, e a sua milagrosa missão, resumo de todas as figuras, cumprimento de todas as promessas, verificação litteral de todas as prophcias antigas. De sorte que nas palavras do historiadore, bem como sob o pincel do artista, se mostra Jesus Christo o alpha e o omega, o principio, o meio e o fim de todas as coisas. Que dizer agora do rhythmo, do accento, do tom finalmente em que chega aos vossos ouvidos toda esta sublime poesia?

Para os psalmos, é o canto Gregoçiano, o que quer dizer a melodia antiga em toda a perfeição da sua magestosa simplicidade: inimitavel linguagem que a musica moderna nunca pôde fallar. Cumpre ajuntar que em parte nenhuma é este canto executado com mais precisão que na capella Sixtina, e conduz mais effizamente á piedade aquelles que a escutam. Para as Lamentaçoens, é alternativamente o canto figurado d'Allegri, e o canto Gregoriano. Pensem o que quizerem da minha expressão; mas direi que ao ouvir as primeiras, sobretudo certas passagens, me parecia que me passava uma mão por sobre o coração cujas membranas me despedaçava. Resta o *Miserere*, digno pela letra e pelo rhyth-

mo de terminar o lugubre e solemne officio. Depois da antiphona *Traditur autem*, deixa o Summo Pontifice a sua mitra branca-e vai pôr-se de joelhos n'um genuflexorio, ao pé do altar. Toda a assemblea se prostra; depois, quando o primeiro mestre de ceremonias ha dado signal, annunciando que o Santo Padre acabou de recitar o *Pater*, começa-se o canto do *Miserere*. As pinturas da capella, os cantos, as palavras, as ceremonias, tudo tende a attrahir os sentidos e o espirito para a grande Victimã do mundo, a concentrar todas as afeições do coração nos seus ultimos momentos fazendo-nos testemunhas das suas angustias e da sua morte. Agora que o crime esta consummado, e consummado pelo homem ingrato, que resta? senão que o pai commum de todos os homens, o representante do genero humano, caia de joelhos, se humilhe com tudo o que o rodêa, e de todas essas almas opprimidas pela dor se escape um longo gemido, um grito prolongado de misericordia. Tal é o sentido do *Miserere*, e a razão do logar que elle occupa no officio das *Trevas*

Os maiores mestres se exercitaram em pôr em musica este psalmo admiravel. Em 1533, Luigi Dentice, Napolitano, publicou um *Miserere* que fez esquecer todos os outros. Elle reinou sem rival ate ao principio do decimo-septimo seculo, em que foi desthronado pelo d'Allegri que ainda conserva o sceptro. Nascido em Fermo em 1587, foi Gregorio Allegri chamado a Roma pelo papa Urbano VIII. Feito membro da capella Papal, compoz o seu *Miserere* cuja musica se achou tam perfeita, que o Summo Pontifice prohibiu sob penas severas copial-o. Affirma-se comtudo

que Mozart o aprendeu de memoria depois de o ter ouvido só duas vezes. Em 1714, Thomaz Bai, tomando-o por modelo, variou o canto para cada versiculo e produziu um *Miserere* quasi tam bello, mas que é sempre uma imitação. Finalmente deve-se um mui notavel a Bainsi, director da capella Pápal. Executa-se na quarta feira, reservando o de Bai para a quinta, e o d'Allegrí para a sexta.

A fim de não ter de voltar a esta materia, direi aqui a impressão produzida em mim por estas tres diferentes composições. Na minha opinião, a musica deve ser para a letra e não a letra para a musica, do mesmo modo que a expressão deve ser para o pensamento e não o pensamento para a expressão.

Alem disso, creio que todos os grandes sentimentos da alma, e em particular a dor, se traduzem em accents d'uma energica simplicidade, pouco variados em sua cadencia e acabando quasi sempre por uma desinencia uniforme. Com effeito, a alma fortemente impressionada repete muitas vezes a mesma coisa, nos mesmos termos e no mesmo tom: é um facto de experiencia de que são prova diaria o pobre e o doente. Segundo este duplo principio, ou para melhor dizer, segundo esta dupla disposição, achei o *Miserere* de Bainsi um pouco trabalhado de mais; bem que os entendedores n'elle achem magestosos effeitos de harmonia. A modulação, que muda em cada versiculo, deixa adivinhar a arte e rompe a sublime monotonia da dor. Exempto, pelo menos em parte, das *qualidades* que acabo de indicar, o *Miserere* de Bai chega melhor ao coração. A phrase lenta e sepulcral se conserva a mesma até

ao fim , sem proromper em sons agudos ou quebrados : é a expressão uniforme e solemne d'um sentimento unico , e não um espelho feito em bocados que não reflecte senão partes separadas e sem connexão.

Comtudo que differença de effeito , quando , de joelhos naquella meia claridade silenciosa da Sixtina , o peregrino fechando todos os sentidos excepto o do ouvido , se entrega a's harmonias uniformes e sempre dirigidas ao mesmo fim do *Miserere* d'Allegri ! Interprete de todos aquelles que tiveram a felicidade de ouvir esta immortal obra , o proprio Mons. Wiseman descrevera' as nossas impressoens ; ellas não podem deixar de ganhar tomando a linguagem d'um tam distincto entendedor.

« A melodia d'Allegri , diz o douto prelado , não é senão um canto duplicadamente variado , sendo os versiculos alternativamente de quatro e cinco partes , até que no final as nove vozes se reúnem n'uma só harmonia. A nota escripta é simples e sem ornatos ; mas a tradição sustentada pela longa experiencia d'um gosto apurado , consagrou aformoseamentos que ainda não foram escriptos nem publicados.

« O versiculo começa por uma bella união , d'um caracter particular , com um ligeiro « crescendo » para a pausa ; as vozes separam-se gradualmente para preparar o fim. Então parecem formar entre si um rico tecido de combinaçoens harmoniosas , até que todas , por modulaçoens successivas , sejam levadas a consonancia perfeita n'uma cadencia suspensa. Na segunda parte do versiculo , é uma consonancia diferente e mais rica , depois da qual todas as partes se di-

videm ainda com mais graça que antes: dir-se-hiam cordas de prata desembaraçando-se por si mesmas e reunindo-se em volta do magnifico e profundo basso, que, durante todas as suas modulaçoens, apenas se tem desviado da sua grave dignidade; e ahi, completando a mais sublime harmonia prorompendo n'um crescendo final que não tem nome na terra.

« Depois que todos os versiculos teem assim vindo, uns depois dos outros, augmentar a impressão produzida desde as primeiras consonancias, e sem que nenhum artificio, nenhum aformoseamento tenha podido distrahir do pensamento dominante; quando a reunião dos dois córos se operou n'este final tam energico e harmonioso, e quando o recitativo da oração: « Dignai-vos, Senhor, ter piedade da vossa familia, » se ergue atravez dos ultimos accents apenas extinctos desta composição arrebatadora, a alma fica sob o imperio dos mais ternos sentimentos, quasi desgostada dos vãos ruidos da terra, e aspirando á morada da verdadeira e perfeita harmonia (1). »

Não fiz mais que gaguejar querendo narrar a belleza e o poder deste officio da Semana Santa; espero ao menos ter dito o bastante para fazer nascer o desejo de ouvi-la e apreciar-a.



---

(1) Cerem. da Semana Santa, p. 119.

**21 de Março.**

Missa na capella Sixtina. — Offertorio de Palestrina. — Procissão na capella Paulina. — Lavagem dos pés. — Mesa da Ceia. — Funcçoens do Penitenciario mór. — Trevas. — Lavagem do altar em S. Pedro. — Exposiçoens. — Sermão da paizão em Santo André *della Valle*.

No universo catholico, a Quinta feira Santa suscita as mais tocantes recordaçõens; porem, em Roma, ella as repete d'um modo mais arrebatador e completo. A fim de representar Nosso Senhor, que na ultima ceia foi o unico e primeiro sacerdote, o bispo ou o parochio só celebra missa em cada freguezia: os outros sacerdotes se absteem disso em signal de lucto. Como Nosso Senhor se deu a si mesmo em alimento a seus discipulos, o pastor o dá às suas ovelhas, mais numerosas à Mesa sagrada n'aquelle dia que nos outros. E' o cardeal decano que celebra missa diante do Santo Padre, na capella Sixtina. Precedido da cruz e do cortejo ordinario, revestido da capa de prata e da mitra d'oiro, foi o Soberano Pontifice collocar-se no seu throno, e recebeu a obediencia do Sacro Collegio. Ao offertorio, cantaram o celebre motete *Fratres ego enim*. Terminada a consagração, dois mestres de ceremonias começaram a distribuição das tochas para a procissão ao sepulcro. Foram levadas pelos capellães ordinarios aos cardeaes, patriarchas, bispos, abbades mitrados, prelados, protonotarios e geraes d'ordem. Pelo fim da missa, o cardeal-celebrante metteu a hostia dos *Presanctificados* n'um calix, chamado o *Calix do Sepulcro*. Este calix é de crystal de

rocha, engastado em prata dourada esmaltada; vê-se n'elle Nosso Senhor com os doze Apostolos: dois circulos de pedras preciosas cercam a taça e o pé. A vista deste soberbo vaso nos recordava dolorosamente que elle tinha sido roubado no tempo da dominação franceza: mas tendo sido mais tarde encontrado, foi restituído ao seu primeiro destino.

Em breve o Sacro Collegio reveste os ornamentos sagrados de cor branca, e o Summo Pontífice, descendo do throno, vai collocar-se diante do altar onde recebe o calix do sepulcro. A procissão põe-se em marcha, e atravessa a 'salla Real. Este soberbo vestibulo da capella Sixtina está illuminado por doze cornos d'abundancia, d'onde sahem multidão de vellas. Durante a procissão um magnifico pallio sustentado por bispos está estendido por cima do Summo Pontífice, que leva o SS. Sacramento; todos os cardeaes vão descobertos, levando n'uma mão a sua tocha accesa, e na outra a mitra encerrando o seu solideo vermelho: o côro canta o *Pange lingua*. No momento em que o Santo Padre transpõe o limiar da capella Paulina, entoa-se o *Verbum caro*. Chegado ao pé do altar, S. Santidade entrega o SS. Sacramento ao prelado sacristão, que o depõe na urna do sepulcro. Fecha a porta della com uma chave que é confiada ao cardeal penitenciario-mor, chamado a officiar no dia seguinte. Não fallo da benção papal que se segue á procissão: ella virá em dia de Paschoa. Quando a multidão nol-o permittiu, visitamos a capella Paulina cuja illumination tinha aquella magnificencia e aquelle exquisito gosto que se não encontra senão na Italia.



A estas duas recordações da instituição da santa Eucharistia e da morte do Senhor, succede a representação dos dois actos de humanidade sublime com que elle coroou a sua vida. Acompanhado de toda a sua corte, dirige-se o Santo Padre ao Vaticano para a capella dos santos Procces e Martiniano: aqui tem logar a cerimonia do *Mandatum* ou lavagem dos pés. O throno pontificio está collocado n'um recinto circular sobre um estrado elevado, entre as duas columnas do altar. No fundo se desenha uma bella tapeçaria que representa a *Providencia assentada no globo do mundo, entre a Justiça e a Charidade*; na parte inferior, vêem-se dois leões sustentando os estandartes da Igreja. Atraz está pregada na parede a magnifica tapeçaria da Ceia, trabalhada no hospicio de S. Miguel, segundo o fresco de Leonardo de Vinci. A' esquerda do throno ricas credencias tem em cima os gomis, as salvas, as flores, as toalhas e outros objectos necessarios á cerimonia: a direita está um longo estrado onde se acham assentados os Apostolos.

Dá-se este nome a treze sacerdotes aos quaes o Santo Padre lava os pés. Porque o numero treze e não doze? Segundo o douto Fornelli, é para representar os doze Apostolos e Maria, irman de Lazaro, derramando um balsamo precioso nos pés de Nosso Senhor; outros julgaram que era uma recordação do Anjo que veio juntar-se aos doze pobres, alimentados todos os dias por S. Gregorio Magno na sua residencia do Monte Celio.

Como quer que seja, em virtude d'uma concessão pontificia, a escolha dos Apostolos pertence: ao cardeal camarlengo, que nomêa um; ao cardeal prefeito da Propaganda, dois; ao cardeal

protector dos Americanos, um; ao embaixador de França, um; d'Austria, um; d'Hispanha, um; de Portugal, um; ao mordomo, tres; ao capitão dos Suissos, um.

Os apóstolos, vestidos á antiga, trazem uma longa toga de fina lan branca, uma tolica com cinto de fita de seda, uma capa branca de capuz, apertada sobre o peito com dois colchetes; em volta do pescoço uma especie de volta franzida; na cabeça um barrete elevado, de forma conica, ornado d'uma borla, tudo de lan branca, à excepção dos parâmentos e outras guardiçoens que são de sêda branca: estão calçados de sapatos de coiro branco. Quando o Summo Pontifice está assentado no seu throno, o primeiro cardeal diacono canta o Evangelho: *Ante diem festum Paschæ*; depois os cantores entoam a antífona *Mandatum*. Então o Papa se levanta e depõe a capa; mas conserva o amito, a alva, o cordão, a estola roxa, o formal e a mitra ornada de palhetas de prata. O cardeal diacono o cinge d'um gremial de linho branco, guardado de rendas; e o vigario de Jesus Christo, precedido dos maceiros, do sub-guarda-roupa, do primeiro mestre de ceremonias e de dois cardeaes diaconos, se dirige para o estrado dos Apóstolos, para alli renovar o exemplo do seu divino Mestre.

A' aproximação do Pontifice, o banheiro apostolico, de veste preta, descalça o pé direito de cada Apostolo. Um subdiacono de tunica branca e sem manipulo, se conserva á direita do Papa e sustenta o pé dos peregrinos, em tanto que o Pontifice o lava com a agua lançada por um *bussolante*, e que cahe n'uma bacia de prata dourada. O papa o esfrega ligeiramente, limpa-o

com uma toalha, beija-o e inclina-se. Dois *bus-solanti*, de capa vermelha, seguem o Santo Padre, levando duas salvas de prata, uma das quaes contem as toalhas destinadas a limpar os pés dos Apostolos, e a outra treze ramos de flores naturaes. Depois da lavagem dos pés, cada Apostolo recebe da mão do Papa um guardanapo e um ramo de flores; e da mão do prelado thesoureiro, de capa, duas medalhas, uma d'oiro e outra de prata. Teem o diametro de meio escudo romano, e apresentam, d'um lado, a effigie e o nome do papa reinante, e o anno do seu pontificado; do outro lado, vê-se Nosso Senhor lavando os pés a S. Pedro, e por baixo lê-se a inscripção seguinte: *Ego Dominus et magister exemplum dedi vobis*. Estas medalhas estão encerradas o'uma bolsa de damasco carmesim agalooda d'oiro (1).

Durante esta cerimonia, em que se vê o vigarario de Jesus Christo, o augusto chefe da christandade, humilhar-se e abaixar-se treze vezes diante do pobre e do peregrino, e fazer-se realmente n'este dia servo dos servos, nós diziamos comnosco mesmos: Se um velho Romano, se um dos Cesares voltasse à terra, e contemplasse n'esta grande Roma, sobre as mesmas ruinas do palacio imperial, semelhante espectaculo, qual seria o seu espanto? Elle que não via nos pobres senão seres despreziveis, que pensaria ao ver os monarchas a seus pés? Magnifico poder do catholicismo, que d'uma só das suas ceremonias restabelece a verdadeira noção do poder, e mostra a to-

---

(1) Veja-se *Capellas papaes*, p. 268.

das as geraçoens que entre o paganismo e nós, collocou o Evangelho o infinito!

Um pouco mais, e esta grave lição ia ser completada. Na grande salla situada por cima do peristyllo de S. Pedro, está posta a meza dos Apostolos: com incrível trabalho conseguimos lá penetrar. A meza apostolica ergue-se sobre um estrado separado do publico por uma barreira; è comprida, elegantemente ornada de toalhas franzidas, de vasos de flores, de diversas peças de argenteria e de treze estatuasinhas de prata doirada, representando Nosso Senhor e os doze Apostolos.

De distancia em distancia vêem-se dispostos com symetria vasos doirados, carregados de fructas e de dores. No logar de cada Apostolo está um talher de prata com dois pãesinhos. Os mesmos Apostolos estavam em pé, atraz da meza, esperando a chegada do Summo Pontifice. Precedido da camara e dos prelados de *mantellone* roxo, appareceu o Santo Padre, e todos os Apostolos dobraram o joelho: Sua Santidade trazia a sutana branca e o capuz vermelho, bordado d'arminho. O mestre da camara lhe poz um avental de linho fino, bordado de rendas, e lhe apresentou a bacia de prata; depois do que os peregrinos foram successivamente diante do Papa, que lhes offereceu agua para se lavarem: depois, voltando aos seus logares, esperaram, para se assentarem, que o Santo Padre houvesse abençoado a meza. Depois do *Benedicite* um capellão começou a leitura: Logo se viram caminhar do fundo da salla bispos e prelados, trazendo em guardanapos pratos que entregaram ao Santo Padre dobrando o joelho. O Santo Padre recebia-os de suas mãos e os apre-

sentava aos Apostolos, a quem deitou muitas vezes vinho e agua. Durante a comida, eu via aquelle bom Padre Santo passar e tornar a passar no estrado, por diante da meza, vigiando porque nada faltasse. Estava muito commovido, e corriam lagrimas dos seus olhos; para enxugar-as tirou do bolso um pobre lenço de algodão de quadrados, e era o Papa!! No momento da partida, o Santo Padre lavou as mãos, abençoou os Apostolos e se retirou. Os sobejos da meza assim como os vestidos com que estão pertencem aos Apostolos.

Eis ahi uma d'aquellas scenas que é impossivel esquecer jamais. Abrahão e os patriarchas, o Filho de Deus e a primeira Igreja passaram por diante dos vossos olhos. O que foi, o que é, o que ha de ser sempre, acaba o christianismo de vol-o mostrar em acção. O poder feito um cargo, a grandeza feita serva da fraqueza, o amor no lugar da auctoridade, a dedicação succedendo ao egoismo, o pobre e o pequeno rehabilitado, a fraternidade de todos os homens sem distincção de raça, de dignidade, de nascimento, n'uma palavra, a milagrosa revolução operada nas idéas e nos costumes do genero humano pelo christianismo: tudo está alli! Que livro foi jamais tam eloquente como semelhante cerimonia!

De tarde, o penitenciario-mor se dirige a S. Pedro, para exercer alli as funcções do seu cargo: lá o seguimos. Foi recebido pelos penitenciaros nacionaes e pelos conegos. Depois de ter adorado o SS. Sacramento no sepulcro da Basilica, assentou-se no estrado levantado ao lado d'um pilar da cupula, ouviu as confissoens e concedeu as indulgencias, segundo o antigo costume de que já dei explicação.

Da Basilica voltamos á capella Sixtina, para assistirmos ás trevas do dia seguinte. Que espectáculo de lucto e tristeza! Toda a capella despojada dos seus pannos e dos seus adornos; o throno do papa sem docel, os bancos dos cardaes sem tapetes, a tribuna dos principes, orphan dos seus velludos carmesins de franjas de oiro, o pavimento da capella privado do seu largo tapete verde; o altar desguarnecido de toalhas; o painel do retabulo coberto d'um veu roxo e a cruz d'um veu preto; seis velas de cera amarella allumiando toda esta scena e confundindo a sua claridade duvidosa com as vellas da mesma natureza, collocadas no candelabro triangular ao lado do altar. O Santo Padre traz um grande manto de sarja vermelha de capuz, e a mitra de tela de prata; o Sacro Collegio a capa roxa: os alabardeiros e maceiros, as alabardas e as massas em funeral. Quando, no meio deste lugubre apparatus e deste melancholico espectáculo, a voz dos cantores faz resoar aos vossos ouvidos as Lamentações de Jeremias ou o *Miserere*, é impossivel subtrahir-se a gente a um sobresalto profundo e universal. Estaes n'um enterro, e que enterro, grande Deus!

A impressão fortifica-se e completa-se, quando depois das Trevas se volta a S. Pedro para a lavagem do altar. Esta cerimonia é feita pelo capitulo, no meio d'uma pompa lugubre e ao canto da antifona *Diviserunt vestimenta mea*: « Repartiram os meus vestidos: » e do Psalmo, *Deus, Deus meus, quare me derelinquisti?* « Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes? » E parece ouvir-se a grande victima repetindo ainda, do seio dos seus altares despojados, aquelle

longo grito de dor com que fez resoar os eccos do Golgotha.

Entretanto o capitulo se retirou, o altar fica inteiramente descoberto, e as cento vinte e duas tochas que rodêam a confissão estão apagadas. N'este momento de despojo e silencio, alguma coisa fria e desacostumada impressiona a alma mais fortemente talvez que em qualquer outra epocha do anno; as proporçoens da Basilica parecem dobradas; as mysteriosas trevas que reinam nas suas profundezas mais remotas, alguns claros longiquos que se avistam no fundo da igreja para dirigir os passos daquelles que, ultimos, deixam aquelle immenso templo, fazem nascer como um religioso terror na alma do espectador habituado ás ricas claridades da esplendida Basilica (1).

O tempo nos permittiu visitassemos algumas exposiçoens. Aquellas que pelo seu bom gosto, pela sua brilhante illuminação e pelo piedoso concurso dos fieis, nos causaram mais doce commoção, foram as do *Jesus* e de *Santo Antonio dos Portuguezes*. Terminamos este dia rico de tantas graças e recordaçõens assistindo em *Santo André della Valle* ao sermão da Paixão. Era à terceira hora da noite, e a igreja estava cheia; e nós desejamos a todos os peregrinos ouçam, como nós, contar as dores do Filho de Deus ao padre Ventura.



---

(1) *Capellas papaes*, p. 274.

**25 de Março.**

Sexta-feira Santa. — Vista d'olhos sobre Roma. — Veneração das reliquias em Santa Cruz em Jerusalem. — Officio na Capella Sixtina. — Adoração da Cruz. — Tributo real. — Exposição da vera Cruz. — Trevas. — Veneração das reliquias em S. Pedro. — As tres horas d'agonia. — A Via Sacra. — A hora de Maria afflicta. — Officio segundo o rito Grego. — A academia dos Arcades.

Sexta-feira Santa! Roma está de lucto; é Maria no Calvario. Tudo quanto possui dos vestigios da Paixão, ou dos instrumentos do deicidio, a Jerusalem do Occidente o expõe á piedade dos peregrinos e o venera ella mesma com as lagrimas nos olhos. Desde pela manhã o thesoiro de Santa Cruz em Jerusalem está aberto: o titulo da cruz, o cravo e as outras grandes reliquias estão expostas solememente á veneração dos fieis. A' noite na outra extremidade da cidade, na Basilica vaticana, egual espectaculo será dado; terá por têtimunhas o proprio Vigario de Jesus Christo, todos os chefes da catholicidade e multidão de peregrinos idos de todas as partes do mundo. N'este intervallo, Roma faz ouvir continuamente a sua voz plangente, todos os seus sanctuarios resoam com os accentos da dor: em parte alguma são mais tocantes que na capella Sixtina.

O officio começou no meio d'um lugubre aparato; Moisés e os prophêtas choraram a morte do justo; o justo orou pelos seus algozes; as oraçoens sacerdotaes estão acabadas; tudo se prepara para a adoração da cruz: um pouco mais, e vêdes o Pontifice de cabellos brancos e todo o Sa-



cro Collegio prostrados por terra. O cardeal celebrante está só em pé, descobrindo um depois do outro os braços da cruz, como para manifestar o grande mysterio do Calvario. Quando elle a depositou sobre um rico coxim, eis quatro prelados e um ajudante de camara que se aproximam respeitosaente do Summo Pontifice, subido de novo ao seu throno. Poem-se de joelhos diante do Santo Padre e lhe tiram os sapatos. O Vigario de Jesus Christo, revestido sómente da alva, do cordão, da estola roxa e da mitra branca, caminha, descalço e com as mãos erguidas, para a extremidade inferior dos bancos do Sacro Collegio: alli lhe tiram ainda a mitra e o solideo. Despojado de todas as insignias da sua suprema dignidade, faz a primeira genuflexão seguida de outras duas, á porporção que caminha para a cruz, que adora e beija. Tres vezes a fronte do augusto velho toca o pavimento do sanctuario; e quando, prostrado no meio da capella, pousa os labios nas chagas sagradas do Deus crucificado, a fé do christão se exalta, ao ver a cruz, outr'ora objecto d'ignominia, receber n'este dia, depois de ter subjugado o mundo, as homenagens de tudo quanto ha maior sobre a terra (1).

Mas o coração, quem dirá o que elle experimenta durante esta sublime e tocante cerimonia? No momento em que o Santò Padre faz a primeira genuflexão, começa o coro, em voz baixa e plangente, o tam terno canto do *Improperium*: *Popule meus, quid feci tibi?* « Meu povo, que te fiz eu? » E' impossivel descrever o

---

(1) *Capellas papaes*, p. 488.

efeito destas divinas exprobraçoens. quando a gente as ouve repetidas na capella Sixtina nas immortaes notas de Palestrina. As palavras do Salvador são cortadas pelo Trisagion angelico: *Sanctus Deus, Sanctus fortis, Sanctus immortalis, miserere nobis*: « Deus santo, Deus forte, Deus eterno, tende compaixão de nós: » é isto tudo quanto, na sua admiração e na sua dor, a milicia dos Cens pôde dizer á grande Victima. O Trisagion canta-se em grego e em latim; é a Igreja do Oriente e do Occidente, ou melhor é a só e unica esposa do Homem-Deus que toma todas as linguas, para exhalar os sentimentos que a opprimem.

Depois do Santo Padre, todos os cardeues, petriarchas, primados, arcebispos, bispos e geaes de ordens, vão descalços e com as mãos postas a' adoração. Quando o Summo Pontífice ha rendido as suas homeoagens ao Deus crucificado, lança na salva de prata doirada que está à direita da cruz, uma bolsa de damasco roxo, que contem um escudo d'ouro: todos os cardeaes depositam alli cada um um escudo d'ouro. Rei no berço e rei no instrumento do supplicio, Jesus tem direito ao tributo do mundo. Em Bethlehem, este tributo lhe foi pago ante os olhos de José e Maria pelos monarchas do Oriente: em Roma, è-lhe offerecido na presença dos principes e dos embaixadores das naçoens civilisadas, pelo rei da Cidade Eterna, chefe augusto de toda a christandade.

Terminado o officio, expozeram no altar uma porção consideravel da vera cruz: fica alli até depois das trevas: Roma quer que a recordação da grande Victima encha até mesmo os instantes

do dia, deixados livres pelas ceremonias publicas.

A's vinte e uma horas e meia d'Italia, entravamos nós na capella Sixtina para assistirmos ás trevas. Todo o officio é uma longa e sublime elegia: a Igreja é uma esposa afflicta que chora sobre um tumulo. Todavia ella não chora como aquelles que estão sem esperança; a sua dor é socegada; e de seu coração magoado escapam de longe em longe alguns accents d'ineffavel consolação. Para ella como para o real Propheta cuja voz ella toma, a morte e a resurreição da grande Victima se tocam e confundem. D'onde um duplo sentimento de tristeza e alegria que domina o officio e põe successivamente em acção as duas molas da alma christan, a natureza e a fé. Debaixo deste ponto de vista, as trevas cantadas em Sexta-feira Santa parecem-me mais dramaticas ainda que as da vespera. O *Miserere* d'Allegri termina o officio, e, por um instante, a Igreja se abysma de novo na sua immensa dor.

Este sentimento de que vós mesmo não podeis abster-vos é uma preparação para a cerimonia que vai seguir-se. Todos os assistentes, silenciosos e recolhidos, se dirigem á Basilica de S. Pedro. Os granadeiros da milicia urbana formavam a fileira na grande nave; na frente do cortejo caminhava vagarosamente a cruz papal, dominando todas as frentes inclinadas; vinham depois a familia pontificia e a casa de honra. Eram seguidas da guarda suissa e da guarda nobre, formando a escolta do Santo Padre e do Sacro Collegio. Chegado á confissão, o Summo Pontifice se poz de joelhos e recitou as oraçoens

do costume. Os cardeaes e os bispos igualmente prostrados as recitaram por seu turno. Elevai agora os vossos olhares para a cupula, e fitai-os na grande tribuna de Santa Veronica, cuja balaustrada esta guarnecida de aranhas cheias de tochas accesas. No meio destas resplandecentes luzes, apparecem dois conegos do Vaticano que mostram em silencio a santa Face, a lança, uma porção da vera cruz e outras reliquias maiores, preciosos monumentos da Paixão de Nosso Senhor e da nossa feliz redempção. E todo o povo assim como as diversas confrarias da cidade, solememente reunidas, adoram em silencio, oram, e pedem misericordia.

E' assim que a capital do mundo christão desperta, no dia anniversario do deicidio, infaveis sentimentos de compunção e amor, e que expia cada anno, no primeiro templo do universo, as sacrilegas irrisoens do Golgotha. Acabada a adoração, levanta-se o Santo Padre só, deixando toda a assistencia prostrada; e precedido da cruz levada por um auditor da Rota, sahe da Basilica para voltar ao Vaticano, aonde o acompanham os guardas nobres com as tochas accesas. Tal é o profundo respeito que cerca aquellas preciosas reliquias, que pondo de parté os dias de ostentação publica, ninguem pôde veneral-as sem um indulto especial do Summo Pontífice.

Entretanto que se passava tudo isto em S. Pedro, repetiam as outras egrejas de Roma aos numerosos fieis as dores do Homem-Deus. No *Gesú*, em Santa Maria *in Trastevere*, em Santa Maria do Suffragio, *del Pianto*, em S. Lourenço, e ainda em outras partes se celebravam as tres horas d'agonia. Sahindo de todos estes sanc-

tuarios, a multidão enternecida se dirigia ao Coliseu; ao Caravita, e ao cemiterio de S. Francisco de Paula *ai Monti*, para alli fazer a Via Sacra, isto é para cobrir com seus beijos e regar com suas lagrimas a via dolorosa que o Salvador regou tambem com seu sangue. Mas ao lado do rei dos martyres está Maria, mãe da grande Victima e tambem rainha dos martyres: a piedade romana não o pôde esquecer. Se, depois da queda do dia, entrardes nas egrejas de Santa Luzia *alle Boteghe oscure*, de S. Marcello no Corso, dos Santos Vicente e Anastacio, junto da fonte Trevi, encontráis um povo inteiro celebrando a hora de Maria afflicta. Finalmente, para que nada falte à catholicidade da dor, pelas tres horas da tarde, a egreja grega celebra em Santo Athanasio, segundo o seu rito particular, os fueraes do Salvador; e durante parte da noite, a Academia dos Arcades repete em verso e em prosa o maior, mais lugubre, mais feliz acontecimento que pôde ser inscripto nos annaes do mundo.

Ao voltarmos da assemblea, visitamos as lojas dos toucinheiros, especialmente junto da Ronda. Todos estes armazens estão dispostos com perfeito gosto, e illuminados interiormente por centenaes de lampioens de diversas côres. Flores, grinaldas de folhagem, bandas de papel dourado e prateado ornam os presuntos, as salchichas, e outras peças de salchicharia, dispostas com arte. No fundo apparece sempre uma Madonna, ou algum mysterio de Nosso Senhor, n'um transparente do melhor effeito. D'onde vem semelhante costume? Os toucinheiros regosijam-se do fim da abstinencia e celebram com estas inno-

centes demonstraçoens a volta do seu commercio. Que variedade espalha a religião na vida d'um povo christão! De tempos a tempos, encontravamos as patrulhas levando, como todos os regimentos da guarnição, a espingarda em funeral em signal de grande lucto. Durante os ultimos dias da Semana Santa, ninguem se pôde servir de carruagens: o rei e a familia real andam a pé e sem pompa exterior, do mesmo modo que os seus subditos. Salutares habitos da fè cujo valor todo se comprehende, quando se entra n'um paiz onde elles não existem.

---

### 26 de Março,

Capella Sixtina. — Canto do *Exsultet*, das Prophecias e das Ladainhas solemnes. — Missa do papa Marcello. — Biographia de Palestrina. — Canto do *Gloria in Excelsis*. — A *Alleluia*. — Visita do tumulo de Palestrina. — Aspecto de Roma. — Missa armenia. — Coroação da Santa Virgem. — A Trindade dos Peregrinos. — O Coliseu, ao luar.

Durante toda a Semana Santa o posto do viajante é na capella Sixtina: hoje, a missa do papa Marcello nos chamou lá de manhan cedo. Na historia de arte, é esta missa um acontecimento. Eu o referirei breve assim como a biographia de Palestrina, auctor da immortal composição. A capella havia reassumido alguns dos seus adornos; o pavimento e os assentos do Sacro Collegio estavam cobertos dos seus tapetes; o altar e o throno estavam ainda armados de roxo. O Santo Padre de capa vermelha, de mitra de laminas d'ouro e os cardeaes de capa roxa estavam nos seus lugares.

Como em todas as igrejas catholicas, o officio começou pela Benção do fogo novo e do cirio Paschal.

Ao *Rassultet* toda a gente se levantou como no Evangelho, e ouvimos, se não, a musica dos anjos celebrando a resurreição do Salvador, pelo menos o mais bello recitativo que, no pensar dos entendedores, pôde regozijar na terra os ouvidos do homem. Eu por mim quizera que o *Rassultet* durasse todo o dia.

A's suas ultimas melodias succedeu o canto alternativamente grave e melancolico das Prophecias e das Ladinhas solemnes; assim toda a antiguidade perpassa por diante dos vossos olhos, e julgaes-vos transportado áquellas brilhantes noites em que a Igreja primitiva conduzia ás sagradas pias os seus numerosos enxames de cathecumenos vestidos de branco, e chamava sobre todos estes candidatos do ceu a protecção dos gloriosos habitantes da bemaventurada Jerusalem. O baptismo está realisado; e a venturosa Mãe; que acaba de dar ao seu divino Esposo um povo de filhos, exulta d'alegria. N'este momento o Summo Pontificê toma o pluvial branco, e os cardeaes a capa vermelha; accendem-se as tochas da balaustrada e ás do altar postas em seis candelabros de prata doirada. Chegado ao pé do altar, o Santo Padre depõe a mitra e começa o *Psalmo Judica me*, recita a confissão e sobe ao seu throno onde recebe a obediencia do Sacro Collegio. Um cardeal sacerdote vai celebrar missa, porem, antes de segui-lo ao altar, devo desempenhar a minha palavra e contar a historia de Palestri-na (1).

---

(1) Os pormenores seguintes são tomados

No correr do decimo-sexto seculo, havia a musica religiosa cahido n'um tal estado de corrupção, que o Summo Pontifice resolvera banil-la da sua capella. E' então que surge o genio de Palestrina, puro como se os anjos lhe houvessem inspirado a sua harmonia e capaz de recuar aos seus ultimos limites a perfeição da arte musica. Giovanni Perugi, chamado Palestrina do nome da sua cidade natal, recebêra a vida em 1524 de pais pobres; o seu talento não tardou a fazel-o notavel, e entrou como menino de choro no serviço de qualquer egreja. Os resultados que obteve n'este modesto theatro realçaram o seu genio, e aos vinte e sete annos foi nomeado director da musica na capella Giulia no Vaticano, depois musico da capella Papal, e por fim director da musica da Basilica de Latran. Foi em 1560 que elle compoz os seus celebres *Impropria*; assim como o *Trisagion* que se lhes junta como estribilho. A impressão produzida por esta composição simples e sublime foi tal, que no anno seguinte, o papa Pio V pediu a Palestrina deixasse tirar uma copia della para a sua capella, onde, desde então, ella se executou todos os annos, no dia da Sexta-feira Santa. Os *Impropria* são verdadeiramente o triumpho da natureza sobre a arte, e só um grande genio podia conceber que as mais simples combinaçoens devessem produzir um effeito admiravel. O doutor Burnet chama a Palestrina « o Homero da antiga musica »; e talvez nenhuma composição lhe me-

---

de Mons. Wiseman, que eu não faço mais que traduzir em resumo.



recesse mais este titulo do que esta. Porem a sua gloria não devia ficar alli: póde-se tambem chamar-lhe o salvador da musica.

O concilio de Trento havia decretado sabiamente a abolição de toda a musica lasciva e profana nas egrejas. Em 1564, o papa Pio IV nomeou uma Congregação de cardeaes encarregada de prover a' execução dos decretos do Concilio. Entre os illustres mandatarios se achava S. Carlos Borromeu, homem de gosto como todos os verdadeiros santos. Conhecia a habilidade de Palestrina, então addido a' capella de Santa Maria Maior. O eminente e modesto compositor foi chamado a 10 de janeiro de 1565; a Congregação lhe pediu escrevesse uma missa, na qual o thema não tivesse relação alguma com as cantigas profanas e em que as palavras podessem ser distinctamente ouvidas. Não lhe occultaram que do resultado desta experiencia dependia a sorte da musica d'egreja: se elle se sahisse mal, ella devia ser banida para sempre como profana da casa de Deus.

Imagina-se facilmente a inquietação e tambem o nobre orgulho de semelhante genio, quando, medindo a responsabilidade que sobre elle pesava, viu que só aos seus esforços estavam ligados os destinos da sua sciencia favorita; mas não recuou.

Em tres mezes apresentou tres novas missas: as duas primeiras foram muitissimo admiradas, mas a terceira decidiu a causa. A 29 de junho de 1565, executou-se diante do Santo Padre, na capella Sixtina, a victoriosa missa. No meio do arrebatamento universal, o Papa exclamou: « Taes deviam ser os accents que o apostolo João ouviu

na Jerusalem celeste, e que outro João renovou na terra (1). »

Tal é a magnifica composição que nós imos ouvir. E' a seis vozes, tendo dois baixos e dois tenores. D'um lado, Palestrina queria evitar todo o ar profano; do outro, dar a cada parte um andamento variado, a fim de que cada uma, de tempo a tempo, podesse descansar. Resolveu o problema adoptando o modo de que acabo de fallar. Este feliz expediente teve outra vantagem; assegurou uma base magnifica à harmonia, pela estabilidade das suas partes baixas e medias, em tanto que o contralto e o soprano podiam cantar alternativamente. Accrescentai que a musica é rica, harmoniosa, grave e sobretudo essencialmente moral, como deve ser a musica d'egreja; accrescentai tambem que n'esta missa não ha barytono, e cada parte é uma parte real tam importante como as outras, tam cheia de vida e movimento: e podereis julgar do prodigioso effeito desta obra unica.

A fim de melhor o sentirmos, escutavamol-a com os olhos fechados, quando á entoação do *Gloria in Excelsis*, um movimento involuntario nol-os fez abrir. N'este momento dois clerigos da *Floresia* collocados atraz do altar, descobriram a tapeçaria do retabulo, que representava a Resur-

---

(1) O titulo que ella tem de *Missa papa Marcelli*, não lhe foi dado senão na epocha da sua publicação, feita a rogos de Philippe II, rei d'Hispanha, no pontificado do papa Marcello. — O Sabbado Santo é o unico dia do anno em que ella se executa.

reição de Nosso Senhor: um raio de sol foi ferir o painel e fez resplandecer o rosto do vencedor da morte. Com a rapidez do relampago; um estremecimento de felicidade se communica a toda a assemblea; os guardas nobres levantam suas espadas, abaixadas desde a vespera; os suissos, as suas allabardas; os maceiros, as suas maças; os porteiros, as suas varas; todos os sinos da cidade, mudos desde a Quinta-feira Santa, tocam a repique, e unem seus sons alegres ao estrondo solemne dos morteiros da guarda suissa e dos canhoes do castello do Santo Anjo.

Depois do canto do hymno angelico, eis que chega um subdiacono auditor de Rota, vestido de tunica branca e acompanhado d'um mestre de ceremonias. Fez uma genuflexão diante do altar, e se dirigiu ao pé do throno pontificio, onde disse em voz alta: *Pater sancte, annuntio vobis gaudium magnum, quod est ALLELUIA*: « Santo Padre, annuncio-vos uma grande alegria, que é a *Alleluia*. » A estas palavras prostrou-se, beijou os pés do Pontifice e voltou, para não apparecer mais, á sacristia. « Igreja da terra, terna irman no exilio, consola-te; um dia dirás com tua irman mais velha o cantico da alegria. Recebe o pehor da tua futura felicidade, n'esta palavra que um mensageiro fiel te traz hoje: guagueja essa palavra da lingua do ceu, em quanto não vais cantal-a comigo debaixo dos brilhantes tectos da eterna Jerusalem. » Eis ahi tudo quanto diz esse mensageiro mysterioso, e essa palavra mais mysteriosa, ainda que o levita vem trazer ao chefe da Igreja militante.

Terminado o annuncio, o celebrante canta a *Alleluia* tres vezes, elevando successivamente a

voz um tom; e de cada vez respondem os cantores em contra-ponto, e não fazem a cadencia final senão á terceira vez. Occupados um instante com estas bellas ceremonias, voltamos á missa de Palestrina, que nos fez gozar até ao fim um prazer vivo como as sensações, e socegado como as idéas. Tal foi o prazer que ella nos causou, que ao sairmos da capella fomos, penetrados de reconhecimento, orar sobre o tumulo do immortal compositor.

Enterrado por ordem do Papa na Basilica de S. Pedro, Palestrina descança ao pé do altar dos apóstolos S. Simão e S. Judas. Na pedra tumular lê-se esta inscripção: *Joannes Petrus Alexis Palestrinæ, Musicæ princeps.*

Desde o canto do *Gloria in Excelsis*, havia Roma inteira mudado d'aspecto. Um ar de jubilo respirava em todos os rostos; as ruas estavam cheias de gente. Entre estas ondas populares, uns desciam como nós de S. Pedro; outros vinham de S. João de Latran, onde, segundo o antigo costume, se havia administrado o baptismo solemne a alguns cathecumenos judeus e mahometanos, mostrado as cabeças de S. Pedro e S. Paulo, e dado ordens geraes. Todas as outras egrejas forneciam tambem seu numeroso contingente; e não se ouvia na multidão senão estas palavras mil vezes repetidas: *Buona Pasqua.* A esta saudação christão se uniam, em todas as ruas, descargas de mosquetaria em signal de regosijo; e entretanto que elegantes carros passeavam, no meio das acclamações das crianças, enormes salchichas suspensas nos seus doces de folhagem, para annunciar o fim da quaresma, viam-se os pais levando nos braços o branco anho que cada

familia olha como um dever comer em dia de Paschoa. Este espectáculo, que revelava uma cidade religiosa primeiro que tudo, é para o viajante francez um manancial de amargos gozos. Como os Romanos, conheceram nossos pais estas alegrias santas e ingenuas, que cortam tam utilmente a monotonia da peregrinação no valle das dôres. Nós as fulminamos d'um soberbo desdem e as bannimos completamente dos nossos costumes e até mesmo das nossas idéas: resta saber se com isso nos tornamos melhores ou mais felizes!

Prazeres da mesma especie, posto que de differente natureza, nos estavam reservados para de tarde. Pelas quatro horas, celebram os Armenios catholicos, na igreja de Santa Maria Egypcia, a primeira missa do dia de Paschoa. Um bispo desta nação, cercado d'um numeroso clero, estava ao altar. O trajo oriental do Pontifice, dos sacerdotes e dos fieis, a sua lingua, o seu canto, o seu rito, dão grande interesse a este officio, que desdobra aos olhos do christão uma pagina magnifica da nossa veneravel antiguidade. Não deixamos o officio armenio senão para nos dirigirmos a S. Marcello, aonde nos chamava outra *funzione* cheia de graça e de oportunidade: quero fallar da coroação da SS. Virgem. Hootem, havia Roma chorado com a Mãe das dores; hoje, associa-se ás suas alegrias, e, na effusão da sua ternura filial, vai cumprimental-a na resurreição do Salvador. Em volta do seu altar, magnificamente illuminado, numerosos fieis cantam as alegrias da divina Mãe. Felicitam-a, bemdizem-a, imploram-lhe, dizem-lhe tudo quanto os filhos bem creados podem dizer, no entusiasmo do seu amor e da sua alegria, a uma

mãe unicamente querida. A *Gloria in Excelsis* da manhã, a coroação da Santa Virgem à tarde, essas duas grandes felicitações dirigidas a Jesus e a Maria, pagaram o tributo da piedade romana, e todos os corações satisfeitos esperam com impaciência a solemnidade do dia seguinte.

Tanto amor da parte das duas augustas victimas do Calvario não será uma lição perdida para a sua familia. « Eu vos dei o exemplo, a fim de que vós fizesséis como eu fiz; » tal foi a prescripção do Mestre depois de ter lavado os pés de seus discipulos. Unica, entre todas as cidades do mundo, Roma cumpre fiel, publicamente estas divinas palavras. Eram oito horas da noite, quando chegamos ao hospicio dos Peregrinos, onde nos esperava este maravilhoso espectáculo de charidade. O magnifico edificio deve a sua fundação a S. Philippe de Neri. Recebem-se alli gratuitamente por espaço de tres, quatro e até mesmo sete dias, os peregrinos homens e mulheres a quem a piedade leva a Roma. Para serem admittidos, devem chegar d'um paiz desviado mais de sessenta milhas, e apresentar um attestado do seu bispo ou dos seus vigarios capitulares, attestando que vão a Roma para visitar os santos logares. Alguns confrades chamados recebedores examinam esses attestados, a fim de evitar qualquer fraude. Na Paschoa o numero dos peregrinos é de tresentos a quatrocentos. O hospicio forma dois corpos de edificio separados; um para os homens e outro para as mulheres. O numero total das camas é quatrocentas oitenta e oito, e em todos os refeitórios reunidos podem-se servir ao mesmo tempo novecentas quarenta e quatro pessoas.

Ào chegarem, encontram os peregrinos irmãos e irmanas a quem nunca viram, e que os recebem como a velhos conhecimentos. Esses irmãos e essas irmanas são os membros da confraria do SS. Sacramento, fundada por S. Philippe de Neri. O seu traje, symbolo da charidade, compõe-se d'uma ampla toga vermelha, apertada por um cinto com uma longa volta branca, semelhante á dos nossos magistrados. O da maior parte dos peregrinos recorda a idade media, e a Terra Santa, e os Cruzados, e S. Thiego de Compostella, e os outros logares cuja historia, contada ao lar domestico pelo avô de cabellos brancos, nos encantou a infancia. O grande chapéu de feltro de abas compridas, a murça de tela encerada coberta de conchas, cabaça ao lado e bordão na mão, tal é o seu piedoso e poetico traje.

Uma attenta charidade se informa das suas precisoens e provê a tudo. Depois quando é sufficiente o numero dos peregrinos, os confrades lhes dão o braço; cada confrade leva dois: e tres a tres, dirigem-se em procissão para S. Pedro, a fim de irem dar graças ao Pai commum pelo bom exito da viagem, e depor *ad limina Apostolorum* a primeira homenagem da sua piedade. De volta á Trindade, entra-se no lavatorio; é ao rez do chão e compõe-se de duas sallas destinadas à lavagem dos pés. A dos homens contem sessenta pessoas ao mesmo tempo, e a das mulheres cincoenta. Assentados em bancos pregados nas paredes, aquelles pobres estrangeiros de todas as edades e de todos os paizes recebem o humilde serviço da mão de tudo quanto Roma conta mais illustre. Vi lá mancebos de familias distinctas,

ricos negociantes, principes, bispos, cardeaes, grandes e nobres damas. Os seus brilhantes trens cobriam a praça da Trindade: entretanto que elles proprios, senhores e senhoras, feitos, pelo amor de Jesus Christo, servos e servas dos pobres, estavam de joelhos diante dos queridos do Deus Redemptor, prestando-lhes com amor todos os deveres da hospitalidade christã.

A' lavagem dos pés succede a ceia. Os rectorios são compridas sallas abobadadas, em volta das quaes correm duas mezas cortadas de distancia em distancia para facilidade do serviço. Era em Sabbado da Alleluia; a comida era frugal, mas acceadamente servida: o cardeal Acton presidia a ella. Vestido como todos os confrades do grande sacco vermelho, e reconhecivel sómente pelo seu solideo, o principe da Igreja veio dizer o *Benedicite*. Todos os peregrinos se levantaram, fizeram oração com elle, depois tornaram-se a assentar, e começou a leitura. Contava ella o acto de charidade que as santas mulheres tinham querido exercer para com Nosso Senhor no sepulcro, levando perfumes para embalsamar seu corpo. Voltando à cozinha, o cardeal, ajudado por um bispo francez e por outros personagens eminentes, fazia as porçoens de *minestra*, que tirava d'um caldeirão. A sopa assim como os outros pratos chegavam aos peregrinos nas mãos de confrades d'uma classe igualmente distincta. Notamos entre outros os jovens principes d'Hispanha e o cardeal Schwarzenberg. Circulavam em redor das mezas, e serviam com perfeita graça os hospedes da charidade, confusos com tanta honra e enternecidos a ponto de derramarem lagrimas.



Como quer que seja , o espectador não pôde abster-se de partilhar a sua commoção , e de bendizer ao mesmo tempo o Deus que soube fazer de todos os homens um só povo de irmãos ; e a Egreja Romana que perpetua d'uma maneira tam tocante as instrucçoens do divino Mestre ; e aquelles nobres confrades que , no nosso seculo d'egoísmo , praticam á letra as liçoens de dedicação que salvam as sociedades ; e aquelles pobres peregrinos , crianças , velhos de cabellos brancos , ternas mães , irmans dedicadas , todos viados a pé e de tam longe , para obterem a saude d'alguma pessoa querida , cumprirem alguma promessa , e continuarem essa longa procissão que , ha dezotto seculos , se dirige de todos os pontos do mundo aos gloriosos sepulcros dos Apostolos.

O refeitório das mulheres apresentava o mesmo espectáculo. Depois da acção de graças , todos os peregrinos se dirigiram á capella para alli fazerem em commum a oração da noite. Abriram-se os dormitórios , e cada viajante encontrou n'elles um leito preparado pelas mãos maternas da charidade.

A recepção dos peregrinos não é , da parte dos fieis de Roma , uma dessas facéis demonstraçoens que a vaidade produz e que a moda conserva por algum tempo ; é uma obra seria que tem atravessado os seculos e que impõe enormes sacrificios. As solemnidades de S. Pedro , do Corpo de Deus , da Porcioncula e ainda muitas outras , conduzem a Roma um grande numero de peregrinos. Durante a Semana Santa , varia de quatrocentos a quinhentos. Nos annos do Jubileu è muito mais consideravel. Os archivos da Trin-

dade dão a estatística seguinte dos peregrinos albergados no estabelecimento n'estas epochas solemnes.

Jubileus.	Total das bocças.	Balanço por dia.
1575	116,848	320,04
1600	324,600	889,31
1625	582,760	1,596,60.
1650	308,533	845,29
1675	311,777	854,18
1700	300.000	821,91
1725	382,140	1,046,95
1750	194,832	533,78
1775	271,970	745,12
1825	273,299	745,12

Assim, á despeza annual, que é d'uns cem mil francos, tanto para os convalescentes como para os peregrinos, se une todos os vinte e cinco annos uma despeza extraordinaria de mais de quinhentos mil francos. Ora, é a charidade romana que se impõe todas estas despezas.

Para completarmos as nossas impressoens, ou, se quizerem, para as tornarmos mais vivas com um grande contraste, dirigimo'-nos ao Coliseu. Nove horas da noite soavam no *Gesú*; fazia um luar magnifico, e Roma inteira estava em silencio. Sobre as lageas da via Sacra, não se ouvia mais que os passos da nossa caravana composta d'umas quinze pessoas. Eu tinha visto muitas vezes o Coliseu de dia; tinha-me parecido grandioso: ao luar, parecem-me medonho. Quando os raios obliquos do astro da noite, atravessando as largas brechas daquelles altos muros, penetram nos vomitorios meio arruinados, allumiam todas

as anfractuosidades do colossal edificio , e vos deixam entrever em todas as suas partes esse montão de ruínas denegridas , silenciosas , ameaçadoras , um estremecimento de terror vos passa pelas veias , apertaes o braço do vosso vizinho , e não sabeis se deveis ficar ou se deveis fugir.

Na extremidade da arena , um guia nos esperava munido d'um comprido archote resinoso. Seguindo-o subimos vagarosamente os degraus que conduzem ao primeiro andar , o qual corremos em volta , quanto o permitem as largas fendas da plata-forma. Tinhamos de passar por todos aquelles assentos occupados n'outr'ora pelos Cesares , pelò Senado e pelas Vestaes. D'alli, subimos ao andar superior , unico que està accessivel. Chegada à galeria , toda a chusma viajante se poz a cantar. Este volume de som , posto que fraco , mas cuja força augmentam singularmente os eccos das vastas paredes , da uma idéa do effeito produzido , quando o Coliseu existia inteiro , pelos urros das feras , pela musica dos orchestras , pelos gritos dos gladiadores , pelas vociferaçoens e pateadas de cem mil espectadores ebrios de sangue e voluptuosidade. Que spectaculo ! que contraste ! Sahiamos da Trindade dos Peregrinos onde tinhamos visto os principes e as priozezas de joelhos diante do pobre ; e estavamos no Coliseu onde o rico e o poderoso faziam devorar , para seu prazer , o pequeno e o fraco ; alli immensas riquezas despendidas em obras da mais tocante charidade ; aqui o oiro do mundo prodigalizado para scenas de carnificina : tal é comtudo o intervallo que o Evangelho collocou entre nós e o paganismo. A Trindade dos Peregrinos e o Coliseu aproximados um do outro e vistos no mesmo dia

da Semana Santa., apresentam, ao espirito do observador imparcial, a divindade do christianismo no seu mais alto poder; fazem mais, fazem-a sentir ao seu coração.



## 27 de Março.

Paschoa. — Vista de Roma e de S. Pedro. — Entrada do Papa. — Missa. — Vista da praça de S. Pedro. — Benção solemne. — Festas nas familias. — Illuminação do Vaticano.

A artilheria do castello do Santo Anjo annunciou, logo ao romper da alva, a repetição da grande solemnidade. Toda a população romana, augmentada com sessenta mil estrangeiros, se apertava nas egrejas, atulhava as praças, e se dirigia em apressadas ondas para a ponte Elia e para a Basilica de S. Pedro. Um ar de jubilo respirava em todos os rostos: o ceu estava magnifico.

Apenas aqui e alli algumas ligeiras nuvens moderavam os ardores do sol, sem tirarem coisa alguma aos seus raios do vivo resplendor que devia allumiar o mais bello dia da Cidade eterna e do mundo. Mas como descrever estas augustas ceremonias! A pena póde sim fazel-as conhecer em todas as suas particularidades; quanto a pintar a impressão que ellas produzem, o espectador destas grandes scenas recuará sempre ante essa tarefa impossivel.

A pompa dos officios excede a do Natal; os

mais ricos ornamentos, os vasos sagrados mais preciosos ostentam a sua magnificencia sobre o altar, em volta do throno pontificio, nos bancos do Sacro Collegio e em todas as partes da Basilica. As avenidas do portico e a nave principal até á confissão de S. Pedro, estão occupadas pelos regimentos pontificios. As guardas suissas, as guardas nobres, os generaes das tropas romanas, de grande uniforme, fazem o seu serviço junto do Summo Pontifice. S. Santidade è recebida debaixo do portico pelo capitulo do Vaticano, que tem à frente o cardeal arcepreste. Ao desfilar do cortejo diante da estatua de Constantino, os tambores tocam a marcha, os sinos da Basilica repicam e as trombetas da guarda nobre rompem em alegres tangeres. O Papa transpõe o limiar da porta principal do templo, e os cantores da capella entoam a antífona *Tu es Petrus*: este momento tem alguma coisa grave e solemne que se não pôde descrever. Levado sobre a *Sedia*, caminha o Santo Padre magestosamente para a confissão; alli põe pé em terra, e depois d'uma breve adoração, sobe ao throno de Terça, recebe a obediencia do Sacro Collegio e a missa começa. E' seguida da ostentação das reliquias maiores da Cruz, do Santo Sudario e da Lança; depois Benção solemne do alto da grande varanda.

Antes das onze horas, apresentava a praça de S. Pedro uma vista unica na terra. Nas extremidades inferiores, estacionavam mil e quinhentos a dois mil trens de magnificencia real, que eram as carruagens dos cardeaes, dos embaixadores, dos prelados, dos principes e de toda a nobreza romana e estrangeira. O centro da praça, diante do obelisco, era occupado pelas tropas de infan-

teria e cavalleria que formavam um vasto quadrado. Na grande frente que olhava S. Pedro estava formada a musica dos diversos regimentos. Finalmente em toda a extensão da praça até ao limiar da Basilica, nas duas galerias que a cercam, se apertava uma multidão tam compacta, que todo o movimento parecia impossivel: havia sem exaggerar cem mil espectadores pelo menos.

Do lugar elevado aonde nós tínhamos chegado, os nossos olhares se estendiam por toda aquella immensa multidão, palpitante de commoçoens, quando pelo meio dia todos os sinos da Basilica tocam a repique; a artilheria do castello do Santo Anjo dá uma descarga geral, á qual vai juntar-se o rufo dos tambores e o som ruidoso das trombetas: é o annuncio da proxima chegada do Santo Padre.

Todos os olhos se dirigem para a grande Varanda, assombrada por um soberbo pavelhão es-carlate. Breve uma palavra parte de todas as bôccas, e cem mil vezes repetida forma como um vasto murmurio: *Ecco! Ecco! Eil-o! eil-o!* E todas as cabeças se descobrem, e todos os joelhos dobrariam se houvesse lugar; e vê-se chegar ao balcão todo o cortejo pontificio: cem prelados com o seu magnifico traje, triola e um cardeaes de mitra branca, vinte e quatro bispos do Oriente e Occidente. Finalmente o Vigario de Jesus Christo, o augusto velho levado na *Sedia gestatoria*, de tiara na cabeça, appareceu com infinita magestade aos olhares do povo immenso. Havia-se estabelecido universal silencio: apenas se respirava; toda aquella multidão immovel não parecia viver senão pelos olhos.

Assentado na *Sedia*, aproximada da parte ex-

terior do grande balcão, o Santo Padre recitou com voz firme as orações do costume [1].

D'um lado e d'outro estavam dois bispos de joelhos, um com a tocha accessa, outro apresentando o livro das orações. Terminada a formula, o Santo Padre, revestido da capa bordada a ouro, e com a fronte ornada da triple coroa, se levantou magestosamente, abriu os braços, estendê-os ao alto como para ir tomar no mesmo ceu a benção que ia espalhar, e depois formando o signal da cruz, as juntou sobre o peito, como um pai que abraça seu filho e o aperta ao coração: e este filho, é Roma e o mundo. Este movimen-

---

(1) Sancti apostoli Petrus et Paulus, de quorum potestate confidimus, ipsi intercedant pro nobis ad Dominum.

Precibus et meritis Beatæ Mariæ semper Virginis, Beati Michaelis archangeli, Beati Joannis Baptistæ, et sanctorum apostolorum Petri et Pauli, et omnium sanctorum, misereatur vestri Omnipotens Deus, et demissis omnibus peccatis vestris, perducat vos Jesus Christus ad vitam æternam. Amen.

Indulgentiam, absolutionem, et remissionem omnium peccatorum vestrorum, spatium veræ et fructuosæ pœnitentiæ, cor semper pœnitens et emendationem vitæ, gratiam et consolationem Sancti Spiritus, et finalem perseverantiam in bonis operibus, tribuat vobis omnipotens misericors Dominus. Amen.

Benedictio Dei omnipotentis Patris, et Filii, et Spiritus sancti, descendat super vos et maneat semper. Amen.

to é d'um effeito indizível. Nunca e em parte nenhuma viram olhos humanos coisa alguma tam solemne, tam arrebatadora. N'este momento unico, á vista do Summo Pontifice, metade de cujo corpo somente se desenha aos olhares, não se sabe se é um homem, um anjo, ou o proprio Deus que apparece nos arés. Quanto á impressão, repito, não quero nem mesmo tentar fallar dello. E' tal que um dos nossos philosophos do seculo passado exclamava, depois de a ter experimentado: *N'este momento eu era catholico.* E' tal que uma princeza protestante chegada havia pouco a Roma para alli fazer propaganda, cahiu desmaiada e se levantou catholica! E' tal que todos os viajantes, quaesquer que sejam a sua religião e o seu character, repetem com voz unanime. Não ha nada comparavel debaixo do ceo.

Ao pronunciar as ultimas palavras da benção, o Santo Padre havia-se tornado a assentar; o *Amen* tinha sido repetido solememente quatro vezes pela immensa voz da multidão, quando de repente uma voz mais forte a redisse a seu modo. Os sinos da Basilica, a artilheria do castello do Santo Anjo, os tambores e as trombetas dos regimentos, rompendo ao mesmo tempo, levaram a acclamação da eternidade até ás montanhas longiquas da Sabina e do Lacio. Os dois cardeaes assistentes lêram, um em latim, outro em italiano, as formulas da indulgencia plenaria concedida aos fiéis que tinham recebido a benção nas disposições convenientes. Estas formulas impressas foram lançadas ao povo; o Santo Padre havia desaparecido: tudo estava concluido.

A multidão commovida deslisou lentamente, e em breve dividida em mil fracções, estava



assentada a innocentes banquetes com que cada familia celebra, comendo o cordeiro paschal, a festa da grande familia christian. A fim de que todos tenham parte na alegria commum, dão-se soccorros a todos os pobres que se apresentam no Vaticano; distribuem-se abundantes esmolos aos presos ou levam-se as familias necessitadas; e poem-se captivos em liberdade. Roma imita deste modo o Salvador cuja appareção no limbo foi para os justos o feliz signal do livramento. Em fim, como as academias e as reunioens litterarias haviam cantado ha pouco as dores da grande Victima, hoje celebram o seu triumpho. A prosa e a poesia repetem alternativamente a victoria do Homem-Deus, as maravilhosas conquistas da fé, os seus beneficios ainda mais maravilhosos e as suas gigantescas luctas: brilhantes coroas são outorgadas aos vencedores. Tudo isto mostra que as festas religiosas, em Roma, são festas verdadeiramente populares.

A alegria publica se manifesta á noite pela celebre illuminação da Cupula. Como a benção da manhan, ella é tal que nenhuma outra capital pôde offerecer aos olhos espantados do viajante um espectaculo semelhante. Imagiae-se o templo mais magnifico do mundo, com suas proporçoens colossaes, com sua cupula de quatrocentos vinte e quatro pès d'altura, com sua immensa praça cercada de duas columnatas ornadas de milhares de estatuas de marmore, e todo este edificio tornado uma montanha de fogo! Mil e quatrocentos lampeoens de luz coberta estão collocados na fachada exterior do templo e dos porticos, a partir do chão até á extremidade da cruz do zimbório. Estes lampeoens desenham todos os espigoens do

edifício cujas linhas architectonicas marcam , curvando-se onde ellas se curvam , parando onde ellas param , quebrando-se onde ellas se quebram.

Dois pontos são indicados para bem gozar a illuminação: o Monte Pincio e a entrada da praça de S. Pedro.

Do primeiro vê-se ella ao longe como um immenso meteoro , cuja scintillação derrama na atmosphera a luz d'um incendio. Do segundo , vê-se de perto e admira-se a symetria de todas as suas linhas de fogo que allumiam os sabios desenhos da fachada e da cupula , traçados pela mão de Miguel Angelo. Descidos do Pincio ás oito horas e vinte minutos , chegamos , através das ondas do povo , à praça de S. Pedro antes das nove horas e um quarto. Era tempo , a primeira illuminação começada ás oito horas estava a ponto de acabar: ás nove horas ha mudança de luz.

A' primeira pancada da hora , alguma coisa inflammada , semelhante a estrellas cadentes corre pelo zimbório , pela cruz , pelas pequenas cupulas , pela fachada , pelo perystilo , pela columnata , pela praça , fazendo-se ver por todas as partes e não parando em parte alguma ; e quando soa a ultima pancada da hora , este não sei que não se move mais , não se vê mais ; porem setecentas noventa e uma novas luzes foram accensas , e florens , grinaldas , candelabros , focos de uma chamma brilhante se acham misturados ás linhas um pouco amortecidas da primeira illuminação. Nada pôde descrever a ligeireza desta mudança de luz , assim como nada pôde fazer comprehender áquelles que a não viram , o gran-

dioso deste incendio da cupula (1). Trescentos sessenta e cinco *pietринi* suspensos com cordas operaram de repente este effeito magico, sem que se tenha podido perceber-os; e accenderam no tempo que eu emprego em escrevel-o cinco mil novecentos noventa e um lampeoens. E' segredo seu e uma das glorias do genio italiano, sem rival nas bellas artes e na ordem d'uma festa.

O que realça o caracter deste bello espectaculo e augmenta a impressao, é o pensamento que o inspira. Nos outros paizes illumina-se por festas civis; em Roma, só por festas religiosas: alli, pelas alegrias soffredoras do exilio; aqui, pelas esperanças deliciosas da patria; e tudo toma aqui o caracter do infinito; e o espectador elevado acima de si mesmo se retira abençoando a Providencia por tel-o feito testemunha destas grandes solemnidades, as mais arrebatadoras depois das do ceu.



### 28 de Março.

Adeus a Roma pagan. — Fogo de artificio do castello do Santo Anjo. — Reflexoens sobre as solemnidades Romanas da Semana Santa e da Paschoa.

A' excepção do fogo d'artificio do castello do Santo Anjo, que nos estava reservado para a noite, tinhamos visto tudo quanto Roma e o mundo podem offerecer mais magnifico. O objecto da

---

(1) *Manual da capella Sixtina*, p. 114.

vijagem estava satisfeito, era necessario cuidar na partida. Tinhamos vindo para estudarmos as tres cidades encerradas n'uma so. A fim de conservarmos mais vivas e mais certas as recordaçoes da triplicada Roma, quizemos vel-a pela ultima vez nos grandes monumentos que a resumem: d'esta visita de despedida foram empregados os nossos ultimos instantes. Roma pagan personifica-se nas ruinas colossaes dos seus edificios; e o Capitolio, o Foro, a Prisão Maimertina, o Coliseu, o Aqueducto de Claudio, as Thermas de Diocleciano, o Obelisco d'Augusto nos viram de novo, recolhendo o irrecusavel testemunho que elles dão ao genio, á religião, ás leis, e aos costumes da poderosa rainha da força.

Deste testemunho mudo, mas eloquente, eis aqui a traducção: « Houve um mundo de que Roma era capital e de que Cesar era senhor; um mundo que divinizou o homem e as suas paixoes grosseiras e os seus instinctos cruéis; que viu todos os povos prezos successivamente ao carro da victoria trazerem ao homem dedicado a homenagem do seu oiro e do seu mais puro sangue; que rugiu como a hyena e o tigre, quando doze pescadores, armados d'uma cruz de pau, vieram disputar-lhe o imperio das intelligencias; que despedaçou durante tres séculos os corpos palpitantes de dez milhoens de martyres, e que, algoz omnipotente, foi vencido pelas suas fracas victimas, não deixando após de si senão monumentos do seu orgulho, da sua força, da sua voluptuosidade e da sua fabulosa barbaria; monumentos gigantescos cujo ultimo vestigio teria desaparecido, se a cruz victoriosa não tivesse tido cuidado de o cobrir com sua sombrá tutelar.

« Graças a ti, mundo de Jupiter e de Nero! sempre vivo em tuas ruínas, instrues eternamente os seculos; e, mais eloquente que todos os oradores, elevas ao seu mais alto poder o milagre da divindade da minha fè e o sentimento da minha gratidão para com o Deus libertador do genero humano; adeus, a tua missão está cumprida: descança no teu vasto tumulo; e, se é possível, a terra te seja leve. »

A nossa visita a Roma pagan, junta a alguns preparativos de partida, havia occupado parte do dia. De tarde, às sete horas, atravessavamos a passo acelerado a Ponte Sixto, e, em quasi toda a sua extensão, seguíamos a Longara. Aonde iam tão depressa? A casa da boa viuva Buffalo. Que queríamos nós a esta excellente mulher que nos era perfeitamente desconhecida? Queríamos tomar os logares allugados para nós na sua saccada, situada na margem do Tibre defronte do castello do Santo Anjo, a fim de gozarmos alli muito á nossa vontade da magnifica *Girandola*. Dá-se este nome ao fogo d'artificio dado da mole d'Adriano, em signal de regosijo pela Resurreição do Salvador. Toda Roma está n'este espectáculo, o mais bello que se póde ver com os da vespera.

A's oito horas e três quartos, varios tiros de canhão deram o signal de festa. N'um abrir e fechar d'olhos a plata-forma do castello do Santo Anjo lançou aos ares columnas de chammas que representavam ao natural uma erupção do Vesuvio. A fim de completar a illusão, as chammas se erguiam às golfadas, como se houvessem sido violentamente expellidas pelo ar compresso no seio do volcão, em quanto que o estrondo do

canhão imitava os aluimentos subterraneos da montanha. A este terrivel espectaculo succedeu uma doce e graciosa representação. O castello foi repentinamente illuminado por milhares de lampoens de luz tam viva, que se teria dicto uma profusão de diamantes na cabeça d'uma mulher. Por terceira scena, tivemos as Cascatellas de Tivoli. De todas as canhoneiras da cidadella desceram regatos de fogo, semelhantes ao ferro em fusão. Nada se esqueceu, nem mesmo a grande cascata, cuja luz destumbrante, reflectida pelas aguas do Tibre, dobrava para nós o prazer do magico-espectaculo.

Vieram depois, para gloria do divino Triumphador, uma vasta coroa de espigas scintillantes, cada uma das quaes parecia um aloés; depois velas romanas, cometas e foguetes. Estalando nos ares, todos estes brilhantes meteoros deixavam escapar chusmas de peixinhos alados que pareciam combater-se, apoz morrerem um instante depois daquelle que os vira nascer. Não era isso mais que o preludio da grande batalha dada ao mundo pelo divino Crucificado. O proprio combate nos foi offerecido n'um cerco, notavel sobretudo pelo numero dos foguetes e dos tiros de canhão que se succediam com extrema rapidez. Finalmente a girandola compoz-se d'uma profusão de velas romanas que, erguendo-se a grande altura, estalaram todas juntas e formaram ao cahirem um immenso feixe de chammas, cujos vivos matizes scintillavam como rubis, diamantes e topazios, aos raios do sol. Graças ao lugar que occupavamos na margem do Tibre, foi-nos dado gozar duplicadamente o fogo d'artificio. A realidade nos apparecia na mole d'Adria-

no, e a imagem do rio, cujas aguas tranquillias reproduziam aos nossos pés todas aquellas graciosas e terriveis maravilhas.

A girandola termina as festas da Paschoa. Deixando com saudade os logares onde experimentou tantos gozos, o viajante reflexivo sente a precisão de se entranhar em si mesmo, e perguntar: Porque estes grandes espectaculos? Todas estas pompas dispendiosas não serão mais que um vão divertimento? D'onde vem às solemniidades romanas o mysterioso privilegio de fazer sentir impressoens que nenhuma outra festa produz? Porque dá a Cidade eterna todos os annos semelhantes festas ao mundo? O bom senso não tem difficuldade em responder: Roma é tam grave que possa esquecer-se a ponto de gastar periodicamente em prazeres inuteis, as esmolas dos fieis ou os suores de seus filhos? A sua historia a absolve de semelhante insinuação. Qual é pois o seu intuito? A mesma natureza das suas festas o revela e dá o segredo das impressoens ineffaveis que ellas produzem.

São necessarias festas ao povo, e por povo, deve-se entender todos os homens. Mas tomar sentido, as festas, conforme a sua natureza, são uma poderosa causa de salvação ou de ruina para as naçoens. Sejam as festas publicas juntamente uma recreação e uma alta lição de virtude, e o povo levará alegremente o peso do trabalho; sollicitaes todos os nobres instinctos do coração, engrandeceis o caracter nacional, estabeleceis o principio fecundo d'acçoens generosas que são a gloria e o sustentaculo das sociedades. Ora, só as festas catholicas, reunindo no mais alto grau este duplo character, teem o privilegio de produzir esta

dupla vantagem. Roma comprehende-o; e se o seu procedimento houvesse mister de justificação, ella o encontraria na historia das naçoens que desdenham as festas religiosas. Mettestes a ridiculo as pompas salutaes do catholicismo: empobrecestel-as ou supprimestel-as: o povo se afastou dellas, mas não perdeu o gosto das festas; são-lhe precisas, e tel-as-ha. Os theatros, os bailes, as orgias das barreiras, os immundos divertimentos das nossas grandes cidades substituirão os nobres prazeres que a religião lhe offerencia gratuitamente. Em vez de se espiritualizar, se materializa; e a excitação febril de todos os maus instinctos, e a corrupção dos coraçoens, e a perversidade das intelligencias, e a depressão do character nacional e o odio da ordem, e a ruina precoce da saude, e a desordem moral, e a miseria material sua inevitavel consequencia; taes serão os amargos fructos que o povo colherá do desprezo e da suppressão das festas religiosas: não é uma profecia que eu faço, é historia que escrevo.

Justificadas na sua existencia, as solemnidades romanas nos occultam ainda a razão do seu maravilhoso poder. Ella se descobre ao mesmo tempo na sua magnificencia exterior e na sua natureza intima. O que eu disse da capella Sixtina, das suas pinturas, dos seus cantos, das suas ceremonias, da benção papal, da illuminação da cupula, basta para ensinar que só Roma possui os elementos, cuja reunião faz das suas solemnidades as mais formosas festas depois das do ceu. Se se accrescentar que estas festas em que a riqueza das partes e o bom gosto das disposições se juntam á grandeza do objecto, se celebram sob



o magnifico ceu d'Italia, na Cidade eterna, no meio das obras primas deslumbrantes do genio christão, diante dos olhos de tudo quanto a terra conhece mais augusto, na presença d'uma nuvem de testemunhas idas das quatro partes do globo: comprehender-se-ha que o espectador, subjugado por este maravilhoso todo, experimenta impressões desconhecidas em todas as outras partes, e sente a sua admiração elevar-se até o entusiasmo, e a sua felicidade até á embriaguez.

Todavia, as solemnidades romanas da Semana Santa e da Paschoa devem o seu incomparavel poder, muito menos á sua pompa exterior do que á sua natureza intima. Ha no coração humano duas grandes fibras cujo estremecimento abala profundamente e com certeza todas as outras: a dor e a esperanza. Agitadas separadamente, exercem uma poderosa acção; agitadas ao mesmo tempo, levam a impressão á sua mais alta energia. Ora, pôr em acção estas duas molas da alma, pol-as em acção simultaneamente, pol-as em acção com uma força sobre-humana, eis o privilegio das solemnidades romanas de que fallo. A morte, a resurreição d'um Deus immolado pelo homem, resuscitado para o homem, isto é o espectáculo mais lugubre e a dor mais profunda, de subito seguidos do triumpho mais brilhante e glorioso, tal é o assumpto, ou para melhor dizer, a alma destas festas. Como conceber que semelhante drama, representado com todos os recursos da arte e do genio, não abalasse o espectador até ás profundidades da alma, e não elevasse as suas impressões ao seu maior poder?

Cumpre ajuntar que na sua parte dolorosa

assim como na sua parte consoladora, o drama do Golgotha tem um sello de catholicidade que contribue maravilhosamente para augmentar o interesse ao mesmo tempo que, pelas suas relações intimas com cada um de nós, nos associa ás suas peripecias lugubres e ao seu glorioso desenlace.

Para fallar somente das alegrias que elle produz, comprehende-se qual deve ser a sua vivacidade? Illuminar um palacio, dar um fogo de artifício pelo nascimento d'um principe, com motivo d'uma victoria, em memoria d'uma revolução, e uma festa essencialmente particular: o acontecimento celebrado é de interesse local; até muitas vezes, se faz a felicidade d'úns, faz a dor dos outros. Tal é, em geral, o caracter de todas as festas politicas. Ora, o homem é de tal natureza, que goza pouco, goza mal quando está só. Para estar contente, seu coração quer-se sentir em consonancia com outros corações; quanto maior é o numero delles, mais augmenta a sua felicidade. Alem disto, o prazer que elle experimenta reveste o caracter do motivo que o produz. Será alternativamente superficial, passageiro, inquieto, fútil, conforme o seu principio for marcado com alguns destes caracteres.

Pelo contrario, é o motivo de regosijo pela sua extensão commum não só a uma provincia, a uma nação, a uma parte do mundo, mas a todas as nações do globo, ao mesmo ceu; local pela sua natureza nas profundezas da humanidade e nas grandezas de Deus; n'uma palavra, é catholico segundo toda a energia da palavra? no mesmo instante a impressão que elle produz toma um caracter d'intimidade, doçura e força que

abysma n'uma deliciosa embriaguez o coração e os sentidos.

Ora , o templo mais magnifico do universo , resplandecente de luzes no meio das trevas da noite , e allumiando com seus claroens o mesmo Circo de Nero , que illuminaram outr'ora os christãos transformados em archotes vivos ; o colossal mauseu d'um perseguidor da Igreja feito theatro em que o genio celebra o triumpho do vencedor dos Cesares e do mundo ; esse mesmo vencedor , que não é homem , mas um Deus , um Deus que combate não por si , mas pela humanidade cahida , que a salva , que a rehabilita , e collocando-a consigo no seu carro glorioso , a introduz na cidade da eterna ventura : conheceis alguma coisa mais catholica , e por cõsequente mais interessante e mais propria para elevar a alma do espectador ? Por sua vez , vêde como o coração se dilata ! Entregando-se à embriaguez da alegria , sente que nada n'um oceano sem limites nem fundo ; que está em consonancia com o ceu e a terra ; que a sua felicidade não faz correr outras lagrimas que lagrimas d'alegria : sente sobretudo que a sua alegria passageira prende por laços mystériosos ás alegrias do mundo futuro ; que a festa que elle celebra é a sua propria festa , a festa dos seus milhoens d'irmãos de todas as naçoens , de todas as linguas e de todas as tribus , a festa dos anjos , a festa do proprio Deus , realizada nos confins do tempo e da eternidade.

Comprehende-se desd'agora a profunda sabedoria de Roma , mãe dos povos e guarda das sociedades : para todas as naçoens , estabeleceu ella estes sublimes espectaculos que multiplica para

seus filhos. A's grandes solemnidades da Paschoa e de S. Pedro, succedem no decurso do anno as festas dos padroeiros das suas cincoenta e duas freguezias. N'aquelle dia cada freguezia tem sua illuminação, seu fogo d'artificio, e sua orchestra diante do frontispicio. Kis ahi outras tantas liçoens de espiritualismo dadas, outras tantas victorias ganhas em proveito da familia e da sociedade, contra as más inclinaçoens da natureza.

---

### 29 de Março.

Adeus a Roma christan e a Roma subterranea. — Cadeia de S. Paulo, em S. Paulo *fóra dos muros*. — Cadeia de S. Pedro, em S. Pedro *in Vincoli*. — Palavras de S. Chrysostomo.

Era o dia dos nossos adeuses a Roma christan. Mas como haviamos de dizer-lh'os e por onde haviamos de começar? Porque em todas as suas obras, é Roma christan chera ao viajante catholico, e as suas obras são innumeraveis como os monumentos que as resumem: foi necessario escolher. Para nos lembrarmos eternamente da sua intelligente piedade para com Deus, para com Maria e para com os homens, fomos primeiro adorar o seu chefe invisivel, o Filho de Deus, na igreja onde as Quarenta horas o expunham ás homenagens dos Romanos. Bemdita seja a devoção totelar que, todos os dias, oppondo à justiça divina, armada contra as iniquidades do mundo, a grande Victima de propiciação, desvia flagellos muitissimo merecidos, eleva incessantemente os

corações ao cen e faz correr sobre o universo inteiro um rio de misericórdia e de graça !

Alguns instantes depois, transpunhamos os degraus de Santa Maria Maior, Basilica querida da augusta Mãe de Deus. A exemplo dez vezes secular de tantos pontífices, estávamos prostrados diante da milagrosa imagem da Rainha dos anjos e dos homens, e bendizíamos Roma por ter animado, defendido, exaltado e feito tam perfeitamente popular, o culto da mais doce das virgens, da mais amavel das mães, dessa filha de Judá cujo sorriso, cujo olhar, cujo só nome leva a todas as almas a serenidade, a coragem, a pureza e a confiança infantil.

De Santa Maria Maior, fizemos a ultima visita ao cemitério do Janiculo. Ajoelhados n'aquella terra santa, theatro catholico da piedade para com as almas do Purgatorio, unimos as nossas oraçoens ás que todos os dias alli são espalhadas pelos numerosos Confrades da Morte. A divina intelligencia e o maternal coração da mestra de todas as egrejas se haviam revelado de novo inteiramente aos nossos olhos enternecidos. N'esta triplice devoção para com Nosso Senhor no SS. Sacramento, para com Maria e para com as almas do Purgatorio, tínhamos nós visto o segredo mais intimo e como que a essencia da piedade catholica. Simples fiel, eu teria benedicto Roma, por abalar assim quanto ha mais elevado, mais terno e mais social no coração do homem; sacerdote, encarregado de espalhar o verdadeiro espirito do catholicismo, quaes foram as minhas acçoens de graças por esta preciosa revelação ! Adeus, Mãe querida ; intelligente esposa do Homem-

Deus, porque haveis vós de ser tam pouco comprehendida!

Roma que ora dia e' noite por seus filhos, cujos eternos destinos ignora, véla com grande sollicitude pelos gloriosos tumulos daquelles a quem a victoria coroou com seus immarcessiveis louros. Com santo orgulho os mostra ella a seus amigos e inimigos: de pé no limiar das catacumbas, ella diz como Deus a Moisés: Tirai os sapatos, que a terra que ides pizar é terra santa. Pela ultima vez quizemos pizar-a, pizar essa terra tres vezes santa, pelo sangue de que foi ensopada, pelos mysterios que viu realizarem-se, e pelas heroicas virtudes de que foi theatro. Entrados nas catacumbas de S. Pancraccio, dissemos os nossos adeuses aos martyres. Gloriosas testemunhas da nossa crença, benedictas sejaes pela coragem que vos fez affrontar os tyrannos; ao vosso heroismo somos nós devedores da fé, das luzes da civilisação que nos elevam tanto acima do mundo antigo; como penhor da sua ultima visita, fazei correr na alma destes obscuros peregrinos, vossos filhos e irmãos, a seiva da fé primitiva, principio fecundo das virtudes cuja aureola incommunicavel deve cercar a fronte da Egraja nos ultimos annos da sua velhice, como nos primeiros dias da sua infancia. Adeus! e antes morrer que deshonnar o nome que vós nos conquistastes!

Das catacumbas fomos ao hospital do Espirito Santo e ao hospicio de S. Miguel, magnifico resumo da charidade romana para com os vivos. Desde o berço até à sepultura, o pobre, o doente, o fraco e o pequeno, todos esses entes que Roma pagan entregava para se divertir aos den-

tes dos leões e á espada dos gladiadores, nos appareceram de novo n'estes dois estabelecimentos, rodeados d'attençoens, de respeito, de cuidados; que farão eternamente de Roma christã a mãe da charidade, como é a mestra da fé. Adeus, cidade providencial; sede rainha, pois que tal é o vosso immortal destino; estendei sobre todos os povos, tirados por vós da barbaria, o sceptro glorioso da intelligencia e do amor, como outr'ora impozestes às naçoens, vencidas pelas vossas armas, o humilhante jugo da escravidão; e ao tributo de sangue succeda o tributo d'um agradecimento eterno.

No meio das nossas excursões, disseram-nos que havia estação na Basilica de S. Paulo *fóra dos muros*: esta noticia foi para nós um grande motivo d'alegria. Ia-nos ser dado ver a cadeia do immortal preso de Jesus Christo. Uma carruagem d'aluguer nos transportou rapidamente diante da frontaria da veneravel egreja. Em dois passos achamo'-nos na capella, onde estão depositadas as preciosas reliquias. Um padre de roquete e estola foi-nos abrir o tabernaculo que as encerra: nós estavamos de joelhos no degrau do altar. Depois d'uma breve oração, o sacerdote pega na cadêa e a deposita nas nossas mãos. Ver com os proprios olhos, tocar com as proprias mãos, levar aos proprios labios, cobrir de beijos e lagrimas ardentes aquella cadêa mais preciosa que os collares dos reis; aquella cadêa com que Paulo estava tam orgulhoso, e que elle trazia, escravo voluntario, para despedaçar os ferros do genero humano: que momento! que sensação!

A cadêa apostolica compõe-se de anneis oblongos e mal forjados, que bem annunciam a fa-

brica antiga; não é muito pesada, talvez porque S. Paulo era cidadão romano.

Para pôr o cumulo a nossa felicidade, não faltava mais que ver as cadêas igualmente gloriosas do companheiro de S. Paulo, de S. Pedro; chefe dos conquistadores do mundo, dos salvadores da humanidade. Ora, ao voltarmos de S. Paulo, tivemos de visitar o sabio professor d'história ecclesiastica, o snr. abbade Tizzani (1). Membro da Congregação dos conegos regulares de S. João de Latran, encarregado de servir S. Pedro in *Vincoli*, móra no convento contiguo á Igreja. Depois de lhe termos fallado da felicidade que acabavamos de disfructar, eu perguntei-lhe se seria impossivel completal-a vendo as cadêas de S. Pedro. « A difficuldade é extrema, me disse elle; as cadêas de S. Pedro não são expostas a' veneração dos fieis senão no primeiro do mez d'agosto! Podereis vós esperar até então. continuou sorrindo-se? — Partimos amanha. — Como ha-de ser? Tres chaves fecham o relicario onde se conservam as cadêas: uma está nas mãos do Santo Padre; uma em casa do cardeal protector; a terceira é confiada ao abbade de *San Pietro in Vincoli*. Para abrir o relicario, è preciso tel-as todas tres. »

O excellento amigo que assim nos tinha tido suspensos, apressou-se a accrescentar: « Socegai, que ha, hoje uma licença para as quatro horas; achai-vos na igreja; juntar-vos-heis aos outros viajantes e sereis admittidos. » Faça-se idéa da

---

(1) E' a elle que se deve o *Thesaurus historiae Ecclesiasticae*. 19 vol.



nossa alegria e da nossa fidelidade à combinação. Ora, daquellas veneraveis cadêas que iamõs contemplar, eis a historia: S. Pedro, preso em Jerusalem e mettido n'uma prisão por ordem d'Herodes, foi atado com duas cadêas (1). O anjo do Senhor libertou o preso. Seus ferros que ficaram no carcere foram recolhidos pelos guardas que o Apostolo tivera tempo de converter. A Igreja nascente de Jerusalem conservou, como o mais precioso thesoiro, este penhor dos soffrimentos de seu pai, e o cercou sempre de respeito e ternura filial (2). O mesmo succedeu até ao quinto seculo. Foi então, quero dizer no anno de 436, que a imperatriz Eudoxia, mulher de Theodosio o Moço, tendo ido a Jerusalem, trouxe as cadêas do Apostolo para Constantinopla. Conservou uma que foi depositada na soberba Basilica construida expressamente para a receber; enviou a outra a Roma; a sua filha Eudoxia, mulher do imperador Valentiniano.

Entretanto o Summo Pontifice quiz comparar esta cadêa com aquella com que S. Pedro foi preso na Prisão Mamertina por ordem de Nero, e que a exemplo de seus irmãos de Jerusalem, os fieis de Roma tinham conservado com religioso cuidado. Na preseça de todo o povo as aproximou uma da outra. Por um milagre sempre subsistente, as duas cadêas se uniram logo, de forma que hoje não constituem senão uma só. Em memoria do prodigio e em honra de S. Pedro, o

---

(1) *Vinctus catenis duabus. Act. c. XII.*

(2) *S. Procl. apud Lippom. t. VII; Baron. Annot. ad Martyr. die 1 Aug.*

papa, de acordo com a imperatriz, edificou a Basilica de S. Pedro nas cadêas. A cadêa foi alli depositada.: ainda là está, depois de ter recebido as homenagens de todas as geraçoens que se teem succedido desde o quinto seculo até os nossos dias. Desde tempo immemoriai os papas teem estado no costume de enviar limalha desta cadêa e da de S. Paulo aos imperadores e aos reis que se hão tornado benemeritos da religião. Esta limalha é encerrada n'uma chavinha d'ouro, que a piedade dos principes christãos lhev suspeade ao pescoço como preservativo contra os perigos e advertencia do que devem ser (1).

A's cadêas de S. Pedro juntaram-se quatro anneis das de S. Paulo, a fim de não separar, nas homenagens do reconhecimento catholico, os dois illustres presos de Jesus Christo. Entrados

---

(1) As cadêas de S. Paulo foram conservadas com o mesmo cuidado e depositadas primeiro com as de S. Pedro, na Basilica vaticana. S. Gregorio, escrevendo á imperatriz Constancia, diz-lhe: « De catenis quas ipse S. Paulus in collo et in manibus gestavit, ex quibus multa miracula in populo demonstrantur, partem aliquam a vobis transmittere curabo; si tamen hanc tollere a limando prævaluero. » *Epist. l. III, epist. 30.* — Sete anneis da cadêa com que Nero carregou S. Pedro, assim como as chaves da Prisão Marmertina, conservam-se na egreja de Santa Cecilia. A piedade dos fieis as adornou de pedras preciosas. Boldetti, *Osservaz. etc. lib. I, c. LX. p. 313*; veja-se tambem Bar. *Annot. ad Martyrol. 1 Aug.* — Id. *Annal. t. I an. 69, p. 30.*

no thesouro da Egreja , encontramos o abbade em pé diante do relicario semi-aberto : fez-nos signal de nos aproximarmos. Quando estavamos de joelhos , elle pegou na cadêa chumbada por um dos aneis á parte inferior do relicario , e nol-a apresentou. Póde ter cinco pés de comprimento : em cada extremidade está uma charneira destinada a prender as mãos e o pescoço. Os aneis , de forma antiga , são muito mais grossos que os da cadêa de S. Paulo. Por um insigne favor , o excellente guarda abriu uma das charneiras , nol-a fez cerrar aos labios e nol-a poz ao pescoço. N'este instante solemne , eu me lembrava de S. Chrysostomo , e mais feliz que o illustre patriarcha , eu gozava a felicidade que elle tanto tinha ambicionado :

« Que me não seja dado , exclamava elle , ver os logares onde se conservam as cadêas dos Apostolos ! Como eu quizera ver essas cadêas que o inferno teme , e que o Ceu reverencêa ! Se os deveres do meu ministerio e a fraqueza do meu corpo me não contivessem , com que felicidade eu emprehenderia a peregrinação de Roma , unicamente para ver essas cadêas e a prisão de Pedro e Paulo ! Bemdictas cadêas ! bemdictas mãos que com ellas foram ornadas ! Oh ! se eu houvesse vivido n'aquelle tempo , como teria coberto com meus beijos aquellas mãos dignas de serem presas por amor do meu divino Mestre ! Mais gloriosas eram as mãos de Paulo carregadas de cadêas , que quando endireitavam os coxos de Lystre ; mais feliz elle mesmo na prisão , do que no terceiro ceu ; mas glorioso no seu obscuro carcere que sobre um throno scintillante d'ouro e de pedras preciosas. Não , não , nada é tam bello

como uma cadêa trazida por amor de Jesus Christo. Ser encadeado por amor d'elle, é mais do que ser apostolo, do que ser doutor, do que ser evangelista, do que ser anjo! Oh! cadêa bem-dicta, mais bella que todos os collares, que todos os diademas, que todas as corôas dos reis, quem me dera ver-vos (1)!



### 30 de Março.

Quarto de S. Luis de Gonzaga. — Adeus a S. Pedro e S. Paulo. — Retratos dos doze Apostolos. — Adeus final.

Começava o dia a romper, quando nós chegavamos ao andar superior do collegio Romano. O padre F....., que nos dirigiu nós numerosos corredores do vasto estabelecimento, parou diante d'uma portinha de pinheiro dizendo-nos: E' aqui. Estávamos no umbral do quarto de S. Luis de Gonzaga. A humilde, cella que o anjo da terra fez tam veneravel pela sua preciosa morte, pôde ter doze pés de comprimento por oito de largura. Bem que transformada em capella, a disposição é a mesma. Por cima do altar brilha o verda-

---

(1) Si quis mihi offerret totum cœlum, aut illam catenam, ego illam præferrem: si quis me apud superiores collocaret, cum angelis, aut cum Paulo victo, eligerem carcerem... et jure quidem: nihil enim est illa catena beatius. *In epist. ad Ephes. c. IV. homil. VIII, p. 61-68, edit noviss.*

deiro retrato do amavel santo e devo dizer que não se parece em nada com os que se vêem em casa dos vendedores de estampas. O santo tem o rosto comprido, a cor pallida, o nariz aquilino, as maçans salientes, antes encovadas que cheias. Certo mixto da força e doçura espalhado na physionomia harmonisa todas as feiçoens, e dá ao rosto um character de madureza que justifica a historia do joven heroe christão e estas palavras da escriptura consagradas ao seu elogio: *Morto na flor da idade, tinha vivido os annos do velho: Consummatus in brevi explevit tempora multa.*

Poderia o viajante catholico deixar Roma sem visitar similhante sanctuario? Luis de Gonzaga, a flor da Companhia de Jesus, e juntamente um dos santos mais populares da Cidade eterna e o protector da juventude christian: por estes dois titulos merecia os nossos adeuses e as nossas oraçoens. O augusto sacrificio foi offerecido no seu altar; e ardentes votos subiram ao Ceu pelas geraçoens que nos seguem, trazendo em suas mãos inexperientes a felicidade e a desgraça do futuro.

Do collegio Romano dirigimo'-nos ao Vaticano. Reis da cidade dos Sete Montes, conquistada pelo seu sangue, governada pelo seu poder, animada pelo seu espirito, dirigida pelo seu auxilio, ennobrecida pelos seus templos, sanctificada pelas suas cadéas, protegida pelos seus sagrados corpos, S. Pedro e S. Paulo tinham recebido a nossa primeira visita, e deviam ter a ultima.

N'elles se resumem, ainda que de modo diferente, Roma pagan, Roma christian e Roma subterranea. Fiquelhe a recordação dos vencedores de Nero, dos fundadores da Egreja, dos

chefes dos martyres completa na memoria, e o viajante leva consigo a triple Roma inteira. Prostrados ante a immortal *Confissão*, offerecemos aos dois Apostolos os nossos ultimos votos, e os votos dos nossos amigos; depois, como o filho saudá o Pai querido que vai deixar para sempre, nós saudamos aquelles pais da grande familia catholica adoptando as palavras d'um grande Santo, digno interprete da admiração, do respeito filial e do reconhecimento dos seculos.

Adeus! portas do ceu, duplo facho deste vasto universo; Paulo cuja voz retumba como o trovão, Pedro cuja mão arremeça o raio do seto das nuvens!

Adeus, Paulo, que pela doutrina; Pedro, que pela dignidade, brilhaes acima de todos os chefes coroados do immortal Senado! Adeus, Paulo que abris os coraçoes, e vós, Pedro que abris o ceu! Adeus, Paulo que mostraes o caminho, e vós Pedro que tendes as chaves da Jerusalem eterna!

Adeus, vós, fundamento immovel, e vós, architecto do templo, onde Deus encontra um altar digno de si!

Adeus, cidadellas da fé, torres inexpugnaveis que Roma, senhora do mundo, oppõe a todos os assaltos dos seus inimigos!

Adeus, brilhantes luzes do corpo de Jesus Christo, cujo resplendor dirige as operações de todos os outros membros; adeus (1)!

A fim de nos tornarmos mais presente e mais viva a recordação dos dois Apostolos, quizeamos

---

[1] Venant. FORTUNAT. lib. III. Carm.

possuir os seus retratos. Eil-os taes quaes os recebemos da tradição primitiva (1). S. Pedro era

---

[1] Facil é de comprehender que os primeiros christãos quizessem conservar as feições de seus pais na fê. A historia nos diz que elles realizaram esta vontade de mil modos. Entre todos os padres cujos testemunhos fôra facil multiplicar, baste citar o grande historiador da Igreja primitiva, Eusebio, cujas palavras são estas: « Sed quandoquidem hujus urbis (Paneades seu Cæsareæ Philippi) mencionem fecimus, non incongruum fuerit rem quandam memoriam in primis dignam posteris tradere. Ethnici mulierem illam sanguinis profluvio laborantem, quam ex sanctis Evangeliiis discimus a Servatore nostro curatam fuisse, ex hac civitate originem traxisse ferunt, domumque ejus ibidem conspici, et collati in eam a Servatore nostro beneficii illustria exstare monumenta. Quippe juxta januam domus illius ænea mulieris effigies stare decitur, columnæ lapideæ imposita, genibus flexis, protensisque manibus instar supplicantis. Ex converso autem effigies viri ex eodem metallo conflata stantis ac diplouide decenter ioduti, manumque mulieri porrigentis. Ad cujus pedes in ipsi basi ignota quædam nasci dicitur planta, quæ ad limbriam usque æneæ diplouidis assurgens, debellendis omnis generis morbis præsentissimum remedium est. Hanc statuam Jesu Christi speciem referre aiebant. Mansit porro ad nostra usque tempora, nosque adeo urbem illam ingressi ipsam conspeximus. Nec vero mirandum est, gentiles a Servatore nostro beneficiis affectos, hæc præstitisse, cum et apostolo-

d'estatura mediana, direita e bem lançada; tinha a cor pallida e branca, a barba e os cabellos espessos, encrespados, curtos e completamente brancos; os olhos pretos e salientes, mas habitualmente vermelhos por causa das abundantes lagrimas que derramavam; as sobrancelhas levantadas e quasi nullas; o nariz comprido, direito e antes arrebitado que aquilino.

O seu vestuario compunha-se d'uma tunica e d'um manto; e quando não andava descalço, umas sandalias constituam o seu calçado (1).

---

rum Petri ac Pauli, Christique ipsius pietas imagines ad nostram usque memoriam servatas in tabulis viderimus. Quippe prisci illi absque ullo discrimine cunctos de se bene meritos gentili quadam consuetudine tanquam servatores colere hujusmodi honoribus consueverunt. *Hist.* lib. VII, c. 18. edit. Vales. — O pincel de S. Lucas reproduziu muitas vezes o retrato da SS. Virgem; e as differentes artes multiplicaram os rostos de S. Pedro e S. Paulo. Encontram-se os dois Apostolos nos copos das catacumbas, nas pranchas de marmore que fecham os *loculi* dos martyres, nos dypticos e em multidão d'outros objectos cuja origem toca no berço do christianismo. Ao lado da iconographia caminha a tradição, est'outra pintura que dá a vida e a cor ás figuras, que descreve a pessoa, o seu rosto, o seu vestido, a sua estatura, etc. Uma e outra se reúnem para nos darem o retrato dos Apostolos.

(1) Petrus haud crassa corporis statura fuit, sed quæ aliquanto esset erectior, facie subpallida et alba admodum, capilli capitis et barbae crisperi



S. Paulo era baixo, delgado, um pouco corcovado, e tinha a cabeça de mediocre volume, o rosto pallido, annuaciando uma velhice precoce; os olhos cheios de graça; as sobrancelhas abaixadas, o nariz comprido e aquilino; a barba espessa, comprida e grisalha como os cabellos, e a cabeça um pouco calva [1].

---

et densi, sed non admodum prominentes fueri: oculi quasi sanguine respersi, nigri; supercilia prope evulsa; nasus autem longior ille quidem, non tamen in acumen desinens, sed pressus potius, et simus. *Niceph. lib. III, c. 37.* — Eis aqui segundo retrato conforme com o primeiro: « Erat autem facie albus, pallidus, recalvaster, « crinibus densis crispus, oculis prominentibus, « sanguineis, nigris, capite barbaque canus, na- « sum habebat longiorem, supercilia summe re- « tracta, statura mediocri erectiorique præditus, « habituque corporis probe coactus. » *Mencæ græca ad diem XXIX Junii.* — Vide tambem Foggino, *Exercit. XX, p. 254.* Baron. *Annal. t. I, an. 69, n. 31, etc.*

[1] Quando enim me Galilæus ille convenit recalvaster, naso aquilo, qui tertiom usque ad cœlum per aerem ingressus est, quæque optima et pulcherrimo sunt inde didicit. — Lucian. in *Philop.* — Qui tricubitalis est, et cœlum attingit. — Chrysost. *Homil. princip. Apost.* — Paulus autem erat parvo et contracto atque incurvo et paululum inflexo corpore, facie candida, annosque plures præ se ferente, et capite modico; oculis multa inerat gratia, supercilia deorsum versus vergebant, nasus inflexus idemque longior; barba

Estes dois retratos, que se podem chamar originaes, differem n'um ponto das copias tantas vezes reproduzidas pelos pintores e esculptores. Representam-nos S. Pedro com a cabeça calva, e S. Paulo com cabellos espessos; é o contrario da realidade. D'onde vem esse erro? Fogginio attribue-o á obra apocrypha que appareceu no quinto seculo, e na qual S. Pedro é representado com a fronte desguarnecida, e isso em opposição com os monumentos e auctores mais antigos (1).

A esta preciosa observação para a iconographia, cumpre accrescentar outra de grande importancia para a theologia catholica. Quando os dois Apostolos são representados juntos, S. Pedro

---

densior et satis promissa, eaque non minus quam capitis coma canis respersa erat. — Niceph. lib. II, c. 37. Baron. Ann. 69, n. 14.

[1] Descrevendo um copo das catacumbas, exprime-se assim o sabio archeologo: « Illud  
« quoque animadvertendum máxime est, fronte  
« calvum esse Paulum, quem profecto anti-  
« quissimus auctor Philopatridos eum describit;  
« capillis autem undequé fluentibus, brevibus li-  
« cet, et circum attonsis, divum Petrum, ut  
« quidem fere omnes, præsectum vero antiquiores  
« eum referent imagines, cum quibus Nicephorus  
« concitat, etsi Hieronymi ætate [Hieron. in ep.  
« ad Gal., 1. 8.], in apocrypho de Petri itine-  
« ribus libro et Petrus calvus fuisse diceretur;  
« unde exortum esse puto, quod et calvus ali-  
« quando repræsentatus sit, ut inferius etiam  
« decendum est. » *Exercit. XX. 642.*

occupa sempre a direita. Salvas algumas rarissimas excepções devidas á ignorancia do pintor ou esculptor, esta regra é constantemente observada em todos os monumentos primitivos de vidro, marmore, barro cozido, bronze e marfim. A significação de similhante costume não é duvidosa. Deus quiz que, até mesmo nas mais pequenas coisas, a fiel tradição prestasse testemunho á supremacia de Pedro não só sobre os Apostolos em geral, senão tambem sobre o seu mais illustre collega. Assim se acha confirmada por todas as especies de provas, uma verdade, fundamento de toda a jerarchia catholica, e que, por esta razão, tem sido e será em todos os tempos objecto dos mais vivos ataques dos sectarios e dos impios [1].

Foi necessario finalmente arrancarmo'-nos da Basilica. Adeus pois, templo augusto, que teus visto tantas vezes prostrados em teus atrios os imperadores, os reis, os principes, os pontifices, todas as glorias do Oriente e do Occidente! Adeus, collina Vaticana, antiga morada d'um oraculo mentiroso, hoje veneravel habitação do oraculo vivo da propria verdade! Adeus, obelisco de Nero, immortal monumento da victoria ganha pelo Evangelho sobre a omnipotente crueldade dos Cesares! Adeus, praça immensa, brilhante reunião das artes, terra santa ensopada até ás entranhas

---

(1) Boldetti, *Osservar. etc.* lib. I, c XXXIX, p. 191; Fabretti, *Inscript. antiq.* c. VIII, p. 594; Mamachi, *Origin. et antiq. Christ.* t. V, lib. IV, c. II, p. 475.

pelo precioso sangue dos martyres [1]! Adeus, Roma, cidade sem igual, theatro de todos os grandes acontecimentos, mysteriosa solda dos dois mundos (2), rainha da força e rainha do amor, rainha das artes e rainha da fé, mãe e mestra de de todas as Egrejas; que do cume das vossas reaes collinas, illuminaes as quatro partes do globo e conservaes a ordem e a vida no mundo das intelligencias, como o sol, do alto do ceu, allumia toda a natureza e conserva a harmonia entre os astros do firmamento!

Louvem outros a vossa antiga origem, o poder dos vossos exercitos, a gloria dos vossos trium-

---

[1] D'ahi vem a profunda veneração que Roma tem tido sempre por esta praça. Um dia o papa S. Pio V passeava n'ella, quando o embaixador da Polonia lhe pediu algumas reliquias para enviar á sua patria. Por toda a resposta, o papa inclinou-se, pegou n'um punhado daquella terra, deitou-a n'um lenço, e dando-a ao embaixador, lhe disse: « Levai esta terra para a Polonia, é uma preciosa reliquia; não ha uma só parte desta praça que não fosse ensopada com o sangue dos martyres: « Nullam esse ibi vel minimam soli partem, quæ sacro martyrum sanguine non esset imbuta et consecrata. » De volta a casa, o embaixador abre o lenço, e encontra com grande admiração sua toda a terra mudada n'uma massa de sangue. *Vita di S. Pio da Gabuzio, etc.; Constanzi, t. II, p. 80.*

(2) Terrarum Dea gentiumque Roma, cui par est nihil, et nihil secundum. *Mart. Epigram.*

phos, a magnificencia dos vossos edificios, a multidão das vossas riquezas, a belleza das vossas obras-primas, a magestade das vossas ruínas; eu por mim, louvo-vos porque sois a columna da verdade, o baluarte da fé, a bemfeitora dos povos, a fonte da sua civilização, a salvaguarda da sua liberdade, a bussola da humanidade, o deposito de todos os seus titulos de nobreza, o asylo de todos os infortunios, a respeitosa guarda de todas as ruínas vivas ou mortas, a patria de tudo o que crê, de tudo o que ama, o tumulo mysterioso de tres milhoens de martyres, o relicario scintillante onde descançam as duas maiores glorias do mundo, Pedro e Paulo. Feliz por possuil-os, mais feliz por um dia restituil-os ao ceu, ante os olhos dos anjos e dos homens, que espectáculo haveis de apresentar n'esse grande dia, ultimo do tempo e primeiro da eternidade!

Do seio das vossas catacumbas, immenso tumulo que o vosso amor maternal protege, do seio desse relicario glorioso que abrigam as abobadas douradas do primeiro templo do universo, ver-se-hão sahir, resplandecentes de luz, Pedro e Paulo seguidos d'um povo d'heroes, e todos juntos, com as mãos ornadas das palmas da victoria, irem ao encontro do supremo Juiz. Que rosa, que corôa enviareis ao Christo vencedor! Mais bella então mil vezes que nos dias dos vossos triumphos, a terra e os ceos unirão suas vozes para vos acclamarem ainda a rainha das cidades: eis ahí porque eu vos louvo (1).

---

(1) Ego Romam propterea diligo... ob id illam beatam prædico, quod erga illos Paulus dum

É porque vós sois minha-mãe, mãe de meus avós, de meus irmãos e de minhas irmãs na fé, por mais remoto que seja o seculo, por mais longiquo que seja o clima onde elles hajam vivido, eu vos amo, eu vos bendigo, eu vos choro: como penhor eterno do meu reconhecimento, do meu respeito e da minha piedade filial, recebei este derradeiro adeus.

---

viveret adeo fuit benevolus, adeo illos amavit, coram disseruit, et postremo vitam apud eos finivit. Unde et civitas ista hinc facta est insignis plusquam a reliquis omnibus, et quemadmodum corpus magnum ac validum duos habet oculos illustres, sanctorum videlicet illorum corpora. Non ita cœlum splendescit quando radios suos sol ex sese dimittit, quemadmodum Romanorum urbs duas illas lampades ubique terrarum effundens. Hinc rapietur Paulus, hinc Petrus: considerate et horrete, quale spectaculum visura sit Roma, Paulam videlicet repente ex theca illa cum Petro resurgentem in occursum Domini sursum ferri. Qualem rosam Christo mittet Roma! qualibus coronis duabus ornatur urbs ista! qualibus catenis aureis cincta est! quales habet fontes! Propterea celeberrima hanc urbem, non propter copiam auri, non propter columnas, neque propter aliam phantasiam, sed propter columnas illas Ecclesiæ. — D. Chrys. *In epist. ad Rom. Homil. 32.*

---

**31 de Março.**

Partida de Roma. — Cività — Castellana. — Recordação de Macdonald. — Otricoli. — Narni. — Cathedral. — Tumulo de S. Cassio. — Recordação do imperador Ner-va. — Terni. — Recordação de Tacito. — Combate do general Lemoine. — Martyres. — Cascata *delle Marmo-re*. — La Somma. — Spoleto. — Recordações pagans e christans. — Foligno. — Casa-Pia. — Cathedral. — O Santo martyr Feliciano.

Acompanhados por alguns amigos, descemos á praça de Monte Citorio onde nos esperava a carruagem. Todos estávamos tristes e silenciosos; porque, em todos os paizes, nada se parece mais com um enterro do que uma partida. Em Roma é quasi a mesma coisa; e eu não sei se teria tomado logar no fatal vehiculo se não fosse o pouco de esperança que dei a mim mesmo dizendo: Tu voltarás! Sahidos pela porta do Povo, atravessamos rapidamente o deserto, e em breve tocamos em *Cività Castellana*. Debaixo d'este nome moderno, reconhecei a antiga *Falisca*, tantas vezes mencionada na historia primitiva de Roma. Rodeada de profundos barrancos, cobertos d'arbustos, esta villa offerece uma vista mui procurada pelos artistas. A ponte de cincoenta metros d'elevação, lançada sobre o Rio Maggiore, anima a paizagem que completam as altas muralhas da cidadella. Como Falisca, é *Cività Castellana* uma das chaves de Roma. D'onde o privilegio de ter visto muitas vezes, desde a sua origem, os seus fossos juncados de cadaveres e as suas muralhas inundadas de sangue. O ultimo espectáculo desta especie remonta a 4 de dezembro de 1798, quando Macdonald, á testa

d'oito mil Francezes, desbaratava quarenta mil Napolitanos commandados pelo general Mack.

Otricoli, antigo *Oriculum*, situado n'uma graciosa collina, veio depois animar a solidão do valle e cortar a monotonia da estrada. A ponte *Felice*, lançada sobre o Tibre a pequena distancia, recorda a brilhante victoria ganha, em 1799, pelos Francezes sobre as tropas napolitanas.

Narni, a *Narnia* dos Romanos, é ainda uma forte posição. Podemos visitar a ponte do Nera, construida segundo a tradição pelo imperador Augusto, e a cathedral cuja crypta offerece grande interesse. Prégado na Ombria pelos Apostolos em pessoa ou pelos seus enviados, foi o christianismo alli conservado por uma longa successão de martyres e de pontifices [1]. No meio destes ultimos, teve Narni a ventura de contar S. Cassio que floresceu no tempo de Justiniano. Depois de vinte e um annos nove mezes e dez dias d'episcopado, desceu o glorioso Pontifice ao tumulo que elle proprio para si havia preparado: este tumulo é á entrada da crypta. N'elle se observa no meio uma grande cruz, e, nas duas extremidades, dois anjos em relevo que olham um para o outro; no campo lê-se a seguinte inscripção, attribuida ao proprio Santo:

Cassius immerito præsul de munere Christi,  
Hic suo restituo terræ mihi credita membra:  
Quam fato anticipans consors dulcissima vitæ,  
Ante meum in pace riquiescit Fausta sepulcrum.

---

(1) Vide Ughelli, *Italia sacra*, t. I, p. 1007; Papebrock, t. I, art. 35 mensis Maii, p. 386; Jacobelli, *SS. dell'Umbria* edit. an. 1647.



Tu, rogo, quisquis ades, prece nos memorare benigna,  
Cuncta receptorum te noscens congrua factis.

Narni deu a luz ao imperador Nerva; mas nenhum monumento recorda a memoria do senhor do mundo. Todavia o viajante catholico não pôde ver a patria deste bom principe sem offerecer-lhe um tributo d'agradecimento. Foi elle que fez cessar a viuvagem da Igreja d'Epheso e que enchou d'alegria todos os christãos, chamando o discipulo querido da ilha de Pathmos para onde o cruel Diocleciano o havia desterrado.

Continuando a seguir as margens do Nera, guarnecidas, d'um lado por planicies cobertas de oliveiras, e do outro, pelos cumes cobertos de bosques dos Apenninos sobre os quaes se ostentam umas por cima d'outras brancas habitaçoens, chegamos a Terni, encantadora villa. A antiga *Interamna* foi o berço de Tacito o historiador, e do imperador do mesmo nome: taes são, com numerosas inscripçoens e com as ruinas d'um theatro, os seus titulos de gloria humana.

Em 1797 correu o sangue francez debaixo das suas muralhas, junto com o dos Napolitanos em quem o general Lemoine fez uma grande matança. Aos christãos recorda Terni outras memorias: foi aqui que a moça virgem Agapia, e os santos bispos Proculo e Valéttimo, com seus discipulos Ephebo e Apollonio, colheram a gloriosa palma do martyrio, e para sempre livraram seus concidadãos do jugo da idolatria. A hora e a rapidez da nossa passagem não permittiram que venerassemos as suas reliquias, nem que visitassemos a famosa cascata *delle Marmore*, a duas leguas de distancia da cidade. Esta catarata,

uma das mais bellas do mundo e feita pela mão do homem , é formada pelo Velino , que se precipita de tresentos trinta e dois pés d'altura no Nera.

Ao sahir-se de Terni , entra-se nas gargantas da Somma , serra aspera que apresenta as bellezas grandiozas da natureza selvagem. Puchados por oito bois pardos de longos cornos, transpozemos vagarosamente este medonho desfiladeiro, que desemboca allim no bello valle de Spoleto. Vicissitudes das coisas humanas ! Estes pacificos quadrupedes , que , de concerto com os cavallos cançados da diligencia , alavam obscuros viajantes, eram descendentes das grandes victimas, heuradas com o privilegio de conduzir aos templos dos deuses os triumphadores romanos. O Clitumno , gracioso rio em cujas margens pastavam seus avós, ainda rega os deliosos prados de Spoleto ; as pastagens são as mesmas ; a cor , a forma , a raça dos animaes que com elles se nutrem , são ainda o que foram ; só o destino mudou.

*Hinc albi , Clitumne, greges , et maxima taurus  
Victima , sæpe tuo perfusi flumine sacro ,  
Romanos ad templa deum duxere triumphos.*

Uma encosta suave , plantada de pequenas arvores verdes , nos conduziu áquelle famoso aqueducto , um dos mais altos da Europa , sobre o qual passa uma ponte estreita. Foi acaso mão romana ou mão lombarda que lançou este monumento sobre a profundeza do valle ? A sciencia hesita em responder. Como quer que seja , o aqueducto vai dar a Monte Luco , graciosa montanha habitada por alguns religiosos , e coroada

por uma torre e um mosteiro do decimo seculo. Spoleto, amplamente assentada sobre um terreno desigual, conta umas sete mil almas de população, alguns palacios notaveis e varias egrejas dignas de toda a attenção do viajante christão. O arco de triumpho, chamado Porta d'Annibal, recorda ás geraçoens um facto que fez Spoleto celebrê na historia e chara aos Romanos. Animado pela recente victoria de Trasimeno, Annibal foi pôr sitio àquella cidade. Os habitantes defende-ram-se com vigor, e obrigaram o general carthaginez a afastar-se, depois de ter soffrido o primeiro revez que recebeu na Italia. Outros monumentos perpetuam a recordação d'um triumpho mais glorioso. O templo da Concordia na igreja do Crucifixo; as ruinas do templo de Jupiter no convento de Santo André; as do templo de Marte na igreja de S. Julião, attestam a grande victoria alcançada aqui como em outras partes pelo christianismo nascente (1). Mas esta victoria, que nobre sangue custou, e como se ha de passar em Spoleto sem render-lhe homenagem?

No anno 175, toda a cidade estava em movimento; conduzia-se um martyr ao pretorio, de onde devia passar ao supplicio. O juiz espera-o assentado no seu tribunal, circumdado pelos lic-tores. O accusado chama-se Poncio; o juiz, Fabião. O interrogatorio è curto e brutal. E's christão? — Sim. — Sacrifica. — Não. — Açoitem-

---

(1) Vide Ughelli, *De Orig. christ. Relig. Spoleti*, t. I. p. 1250; e Ferdin. Campelli, *Delle storie sacre di Spolet.* lib. IV, p. 103.

n'o ; e o corpo do martyr não é mais que uma chaga. — Cessarás d'atacar os deuses do imperio ? — Não. — Façam-n'o passar descalço por cima de brasas ; e o santo passa sem soffrer , como por cima d'uma verde relva. — Respeita a religião dos antepassados. — É' uma fabula vergonhosa. — Estendam-n'o sobre o cavalete ; e o martyr é estendido com cordas passadas por polés e apertadas por dois tornos. — Sacrifica. — Não sacrificarei ; e rasgam-lhe as costas com unhas de ferro , e elle não morre ; e o juiz vencido occulta a sua vergonha mandando o heroe para o fundo d'um carcere escuro , aonde os anjos brilhantes de luz vão consolal-o.

Reappareceu o dia ; Fabião quer que o sol testemunha da sua derrota d'hontem allumie o seu triumpho d'hoje.

Eis a victima. — Sacrifica. — Não. — Exponham-n'o aos leões ; e longos rugidos se fazem ouvir , com que os reis dos animaes saudam o vencedor dos demonios e dos Cesares. O juiz apedera-se de novo da victima e a inunda de chumbo derretido. Vãos supplicios ! Então o cutello do confector consumma o holocausto. O martyr morreu , mas venceu. Jupiter , os teus templos estão abalados ; juiz , o teu poder cahiu no desprezo ; lictores , as vossas fascas estão despedaçadas ; confectores , a vossa machada e o vosso cutello estão embotados ; mais algumas golpes , e estarão incapazes de servir , escaparão das vossas mãos , e os filhos e as filhas das victimas os recolherão preciosamente. Muito tempo depois que vós deixardes de existir , elles os mostrarão aos viajantes como um duplo monumento da vossa im-

potente crueldade e da coragem victoriosa de seus nobres passados (1).

No meio de supplicios não menos atrozes, morreram, para cimentar o christianismo em Spolletto, o sacerdote Concordio, os bispos Felix, Sabino, e os simples fieis Exuperancio, Marcello e Venustio, sua mulher e seus filhos. Do fundo dos altares scintillantes d'ouro e marmore, onde os honra a piedade quinze vezes secular, continuam os martyres a velar pela cidade que conquistaram. Os *toristas* passam admiradores da porta de Annibal, mas ignorantes ou desprezadores destes monumentos augustos, que recordam um facto muitissimo mais celebre que a derrota do general carthaginez! Assim se viaja quando se não tem mais que um olho.

Adiante de Spolletto, eis as *vene* que nos offerecem o templo consagrado n'outro tempo ao rio Clitumno, e hoje mudado em oratorio sem perder o seu primitivo nome. Finalmente chegamos a Foligno. O *Fulgium* dos Romanos é hoje uma villa guardada, graciosamente assentada no risonho valle da Ombria, e regada pelo Clitumno, pelo Lapino e pelo Maroggia. Offerece á curiosidade do viajante a sua *Casa Pia*, bellissimo estabelecimento destinado a recolher as meninas vagabundas, e a sua magestosa cathedral poupada pelo tremor

---

(1) Baron. An. 175, n. VII, in *Annot. ad martyr.* 19 Jan. — Foi no amphitheatro que o povo, ebrio do sangue dos gladiadores, pediu christãos para victimas: os seus desejos foram ordens: foi este o começo da perseguição em Spolletto. Vide Bosio, *Rom. Subterr.*, t. I, p. 125.

de terra de 1832; as suas egrejas dos Franciscanos e dos Agostinhos, bem como o convento das Condessas onde se achava, antes de ser levada para Roma, a famosa madona *del Foligno*.

Ainda aqui continuamos a seguir a Igreja primitiva pelo rasto do seu sangue. A irradiação da verdade, cujo foco era Roma, fez-se sentir em Foligno desde os tempos apostolicos. No anno 192, o papa Victor enviava alli um bispo para cuidar daquella christandade nascente, isto é um pastor que devia defender á custa do seu sangue os cordeiros novamente nascidos no divino aprisco; este bispo chamava-se Feliciano. Depois de onze annos de trabalho, foi o santo prelado um glorioso martyr. Immolando-o á sua cega crueldade, pôde Septimo Severo lisongear-se de ter firmado a fé do novo rebanho. O sangue do Pontífice será um grão de semente; e deste grão reunido a tantos outros, ha de sahir uma seara que embalde os senhores do mundo tentarão aniquilar. Consolamo'-nos de não podermos honrar as suas reliquias, pensando que a França tinha a ventura de as possuir. Ellas foram levadas para Metz em 969, pelo bispo Theodorico, no reinado do imperador Othão.

---

1.º d'Abriil,

S. Francisco d'Assis. — Spello. — Santa Maria dos Anjos. — Indulgencia da Porciuncula. — Festa. — Assis. — Igreja e convento de S. Francisco d'Assis. — Volta a Foligno.

Estavamos tam perto d'Assis, que não de-

viamos deixar de visitar este paraizo do Apenni-  
no, este Eden da idade media, d'onde sabiu um  
dos homens mais portentosos que a Providencia  
tem empregado na regeneração do mundo: no-  
mei S. Francisco d'Assis. Seiscentos annos hão  
decorrido desde a apparição do Seraphico; e como  
um suave perfume, a sua memoria embalsama  
ainda todos aquelles valles, aquellas montanhas,  
aquellas cidades, aquellas aldeas, aquellas soli-  
doens da Umbria. Quando se está no caminho  
que elle tantas vezes percorreu, descalço, com a  
corda à cinta e o borel grosseiro sobre o corpo,  
parece ouvirem-se os eccos d'em torno repetir as  
palavras que foram dirigidas ao novo cavalleiro  
de Jesus Christo, ao esposo da santa pobreza, ao  
futuro sustentaculo da Egreja vacillante.

Era em um dos primeiros annos do decimo-  
terceiro seculo, tam fecundo em milagres de san-  
tidade, de genio e d'heroismo; Francisco passeava  
meditando pelo campo, e pensava em alistar-se  
nas tropas de Gualter de Brienne que marchava  
contra Napoles. De subito ouve uma voz que lhe  
brada: « Francisco, que fazes? Vai, e repara  
a minha casa, que, como vês, cahê em roi-  
nas (1). » Francisco cahê de joelhos; mas im-  
pedindo-lhe a sua humildade comprehender o su-  
blime alcance destas divinas palavras, toma-as em  
sentido material. Parte logo para Foligno, vende  
alli até o seu cavallo e leva o importe ao sacer-

---

(1) Corporeis audivit auribus ter dicentem :  
« Francisce, vade, et repara domum meam, quæ,  
ut cernis, tota destruitur. S. Boavent. *Vita S.*  
*Fr. c. II.*

dote Pedro, guardeão da velha egreja de S. Damião, supplicando-lhe que o empregasse na composição da sua egreja. Nós estávamos nos proprios logares onde isto se passara.

Já chegávamos a Spello, distante quatro kilometros de Foligno. Esta villa, toda cheia de antiguidades romanas, pôde deter-nos um instante, mas sem nos distrahir do pensamento que nos preocupava.

Bem depressa descobrimos no meio da planicie uma magnifica egreja e um vasto mosteiro, cujas proporçoens grandiosas e puras recordam o Bramante e Vignola. E' Nossa Senhora dos Anjos, não já humilde e pobre, mas revestida d'um manto de rainha. Debaixo do grande zimbório, encontra-se a maravilhosa, chara Porziuncula, ainda toda perfumada da presença de Francisco. Foi alli onde elle orou, onde elle chorou, onde elle recebeu de Deus a graça de fundar uma grande ordem na Egreja. Em verdade, este logar é santo! Todas as geraçoens alli teem passado, e teem sentido descer sobre si a força, a resignação e a esperança. Nosso Senhor Jesus Christo havia-o promettido ao seu servo Francisco, e a sua palavra é eterna [1]. Como indica o seu nome, a Porziuncula não era, no principio, mais que uma egreginha, ou antes uma porção d'egreja. A instancias do bispo d'Assis, foi dada por esmola a S. Francisco e à sua nascente Congregação, pelo abbade dos Benedictinos de Monte-Sabazio. E' hoje um dos templos mais magnifi-

---

[1] *Vida de S. Francisco*, por M. Chavin, c. XI, p. 180.



cos e um dos mais venerandos sanctuarios da Italia. A sua gloria vem-lhe da visão de S. Francisco, que o pincel d'Owerbeck reproduziu n'um fresco, obra-prima da renascença catholica da arte.

Ora, tal foi a visão. No mez d'outubro do anno 1221, Francisco, prostrado na sua cella, rogava a Deus com lagrimas pela conversão dos peccadores, quando foi avisado por um anjo para ir á egreja. Alli encontrou Nosso Senhor, sua santissima Mãe e multidão de espiritos celestes. « Francisco, lhe diz o Salvador, vós e vossos irmãos tendes grande zelo pela salvação das almas; vós fostes collocado como um facho no mundo, e sustentaculo da Egreja. Pedi pois o que quizerdes para bem dos povos, e para gloria minha. » Francisco pediu para todos aquelles que visitassem esta egreja, uma indulgencia plenaria dos seus peccados, depois de os haverem confessado e de se terem arrependido. A Mãe das misericordias se inclinou para seu Filho, que respondeu a Francisco: « Concedo-vos o que pedis; mas isto seja ratificado na terra por aquelle a quem eu dei o poder de atar e desatar. » No seguinte dia, Francisco partiu para Perugia onde estava o Papa Honorio III, ao qual pediu a indulgencia. O Papa lhe disse: « Francisco, pedis uma coisa grande e completamente contra o costume. — Santo Padre, respondeu Francisco, não vo-lo peço em meu nome, mas em nome de Jesus Christo que me enviou. — Faça-se segundo o vosso desejo, diz o Papa; essa indulgencia será para todos os annos perpetuamente, mas só por espaço d'um dia. » Dois annos depois, dignou-se Nosso Senhor mesmo fixar o dia da indulgencia,

e disse a Francisco: « Será desde a noite do dia em que o apóstolo S. Pedro se achou livre das suas cadêas até à noite do dia seguinte (1). » E os coros dos anjos cantaram o *Te-Deum*. Francisco partiu para Roma: um milagre estrondoso confirmou a indulgencia no dia indicado.

Ha seiscentos e vinte annos, que todas as populaçoens d'Italia e numerosos peregrinos de todas as partes da Europa e do mundo teem acudido a esta festa de misericordia e graça. Nós não podemos ser testemunhas della; mais feliz um viajante catholico vai prestar-nos os seus olhos e a sua penna, e dizer o que viu, o que ainda se vê todos os annos apesar do indifferentismo que gela o mundo. « Que espectáculo que são aquelles bandos de quinze, vinte mil peregrinos, chegando de todas as partes do mundo, e acampando na planicie dois ou tres dias antes da hora santa! Muitos povos não são mais que fracamente representados n'esta santa assemblea d'indulgencia, onde n'outro tempo se contavam cem mil pessoas; porem os Italianos teem-se-lhe conservado fieis.

« E' lá que elles devem ver-se com seus trajos tam graciosos e variados. São os aldeoens da Toscana, os mais asseados, os mais elegantes de todos, principalmente as mulheres com seu vestido curto, sempre azul ou escarlate, sem

---

(1) Volo quod sit dies illa, in qua beatus Petrus fait a vinculis absolutus; incipiendo a secundis vesperis illius diei, usque ad vespervas sequentis diei includendo noctem. — Barth. de Pisa, fol: 198.

mangas, seus cabellos ordinariamente loiros, trançados em circulo na parte posterior da cabeça, seus chapéus de palha, e os longos montões de fitas de diversas côres que fluctuam em volta dellas. São os montanhezes da Ombria e dos Abruzzos com suas bragas justas, seu sobretudo pardo, seus largos chapéus, e aquelles sapatos de tela grossa e couro atados com cordeisinhos; as mulheres com seu toucado tam rico, posto que grosseiro e simples, de tela branca ou de côr, seu corpete de velludo verde ou vermelho bordado de preto; suas saias largas de mil pregas, e sua mantilha, comprida peça de panno ordinariamente vermelho ou azul, bordado de alguma côr viva, e com que ellas se vestem d'um modo tam pitoresco. E' alli n'aquella grande festa popular que o povo italiano apparece realmente povo-rei, rei da graça, da poesia, da arte; essa realeza vale todas as outras.

« Em todo o comprimento da estrada de Perugia a Spoleto, por muitas milhas, armam os vendilhoens suas tendas; vendem-se n'ellas viveires, estofas e especialmente rozarios, medalhas e outras pequenos objectos de devoção; cada qual quer levar uma recordação, um peñhor que deve dar encanto aos abraços da volta.

« O dia é ordinariamente consagrado a visitar a Basilica d'Assis, o tumulo de Santa Clara, S. Damião, e todos os venerandos sanctuarios deste paraizo do Apennino; mas os piedosos bandos, cantando canticos, comprazem-se principalmente em irem orar na humilde e antiquissima capella *delle Carceri*, solidão querida de S. Francisco. A' noite, depois de cada um ter tomado a sua refeição de familia, pois ha familias inteiras,

ou com companheiros de jornada, uns descansam da sua viagem, outros contam edificantes historias, e alguns cantam acompanhando-se com instrumentos do seu paiz. Sob este ceu d'Italia, durante estas noites de verão tam serenas, os anjos descem á terra e recolhem, para as apresentarem a Deus, todas estas alegrias confiadas e dores resignadas. As portas da igreja estão sempre abertas, e mais de trinta confessores estão occupados em tractar e curar as feridas da alma.

« O interior do convento apresenta um aspecto d'uma grande caravançara, onde houvesse pousado uma numerosa caravana. Todos os bons camponezes dos arredores, que, mais d'uma vez, acólheram o irmão pedinte, descem das suas montanhas e vão pedir por seu turno uma hospitalidade que elles nunca recusaram. Alem disso o convento é por excellencia a casa do povo; estabelece-se alli como em sua casa. No patio mette o seu burro ou cavallo; deita-se tranquillamente nos corredores, nos claustros e nos degraus das escadas.

« Entretanto o sino do Sagro-Convento dá o signal solemne de que o dia do perdão se abre no ceu e na terra. Todos os religiosos de S. Francisco desfílam em longas procissoens pelo caminho d'Assis; segue o bispo com o clero, todos os grandes personagens ecclesiasticos e os magistrados. As portas de Nossa Senhora dos Anjos abrem-se com cerimonia, e o povo precipita-se alli com uma paixão, com um delirio de que é difficil fazer-se uma idéa. Tudo são invocaçoens, canticos e lagrimas: cada um a seu modo testimunha a Maria, rainha dos anjos e dos homens, o seu respeito e a sua gratidão: é impossivel

não se ficar profundamente commovido com tal espectáculo (1). \*

Com grande pena nossa , não podemos lançar mais que uma rapida olhadella para esta perola da Italia ; pois està aqui a obra-prima da escola Ombria e o verdadeiro sanctuario da arte catholica. O convento com seus maravilhosos claustros , e o seu rectorio , o mais soberbo dos rectorios , corresponde , pelas suas proporçoens e pelos seus frescos d'Adone Doni e de Solimeno , á magnificencia da egreja. A mesma egreja é uma epopeia que pinta a vida do Santo nas suas duas phases do tempo e da eternidade. A egreja inferior , imagem de Francisco na terra , respira tristeza , pobreza e penitencia. Nos compartimentos de abobada do templo , vêdes as inseparaveis companheiras , ou , para melhor dizer , a personificação do glorioso patriarcha : é a santa pobreza , a santa obediencia , a santa castidade , e mais acima a glorificação de Francisco , assentado em um throno d'ouro , radiante de luz , revestido da rica tunica de diacono , e circumdado dos côros angelicos que celebram o seu triumpho. Os olhos admiram estes primores d'arte , o coração ora diante destas figuras , e o espirito pergunta quem è o auctor dessas paginas inspiradas.

Assis offereceu-nos a cada passo as recordaçoes de S. Francisco. Visitamos successivamente a egreja e o mosteiro de Santa Clara , primeira abbadessa das Claras , e cujo corpo descança debaixo do altar-mor , cercado dos frescos de Giotto ;

---

(1) *Vida de S. Francisco* , c. XI, passim.

S. Damião, onde vimos a porta murada da qual Santa Clara, armada do SS. Sacramento, repelliu os Sarracenos já senhores da cidade; o convento e as duas igrejas de S. Francisco.

Em 1250, o patriarcha da pintura, Cimabue, estava em Assis, pintando as grandes figuras byzantinas da igreja superior. Ora, passeando um dia pela campina de Vespigniano, encontrou um pobre pastorinho que desenhava n'uma pedra chata uma ovelha do seu rebanho: era o rei futuro da arte catholica; chama-se Giotto. Na plenitude do seu inimitavel talento, pintou elle, com amor filial, as grandes figuras ante as quaes seis seculos tem ficado mudos de admiração. Pela sua parte, Giotto, talvez superior a Giotto pelo que toca à forma, à harmonia e ao sentimento, depoz o tributo do seu genio na historia de Nosso Senhor e da SS. Virgem, que decora a janella direita da igreja inferior. Stefano Fiorentino, Puccio Capanna, Buonamico, Buffalmacco e muitos outros foram escrever algumas linhas deste grande poema. Um d'elles exprimia assim o pensamento de todos: « Nós outros os pintores, trabalhando n'este sanctuario das bellas-arts, não nos occupamos d'outra coisa que não seja fazer santos e santas nas paredes e nos altares, a fim de que por este meio os homens, com grande despeito dos demonios, sejam mais inclinados à virtude e à piedade. » Em boa hora seja; eis ahí artistas que comprehendem a sua missão, a missão do genio.

A igreja superior, brilhante, luminosa, imagem de Francisco nos esplendores da eternidade, forma um habil contraste com a igreja inferior. Cimabue pintou n'ella os quatro doutores, Santo

Ambrozio, Santo Agostinho, S. Gregorio, e S. Jeronymo, e os grandes frescos do Velho e Novo Testamento: attribuem-se a Margaritone as gigantescas figuras que ornão os lados d'uma janella. O amigo, e condiscipulo de Raphael, Aluigi d'Assis, a quem o seu maravilhoso talento fez appellidar o *Ingegno*, o talento, suspendeu nas abobadas da capella de S. Luis, os inimitaveis grupos das quatro Sybillas e dos quatro Prophetas.

A mesma egreja, primeiro monumento gothico da Italia, respira o symbolismo profundo dos templos do Norte. E' dupla, e sabemos a mysteriosa razão disso; construida segundo o modelo da cruz, offerece alem disso, na sua parte inferior, a mysteriosa figura do T, impresso na fronte de S. Francisco; dedicada a Maria, Rainha dos Anjos, e aos santos Apostolos, tem as paredes de marmore branco, para significar a pureza de Maria e dos anjos, e as suas doze torruhas de marmore vermelho em memoria do sangue derramado pelos Apostolos (1).

Depois de nos havermos prostrado a' imitação de tantos milhoens de peregrinos ante o tumulo de S. Francisco, o mais glorioso depois do do Calvario, diz um historiador, dirigimo'-nos ao proprio lugar onde nasceu aquelle homem unico nos annes do mundo. Como o divino Mestre de quem devia ser tam perfeito imitador, Francisco viu a luz n'um presepio e foi depositado sobre a palha. Por cima da porta deste venerando lugar, lê-se:

Hoc oratorium fuit bovis et asini stabulum  
In quo natus est Franciscus mundi speculum.

---

(1) *Hist. sacr. Conv. Assis*, p. 26.

Das alturas d'Assis saudamos ao longe Perugia e os seus monumentos etruscos; o lago de Trasimeno e Annibal vencedor, e Flamínio vencido; e os cumes pontiagudos do Apennino, com a sua ermida de Camaldoli e o seu convento de Monte-Corona, habitado pelos filhos de S. Romualdo, nos quaes o modo, a linguagem, e as maneiras distinctas da boa companhia, se reuñem a' humildade dos anachoretas e a' charidade dos religiosos hospitaleiros.

Voltando a Foligno, parecia-nos junto de Nossa Senhora dos Anjos contemplar, na planicie, esses cinco mil religiosos, discipulos de S. Francisco, ridos ao capítulo geral do anno de 1219. A' vista deste exercito alojado não longe de Chiascio em cabanas feitas com esteiras de palha e junco, e acampado assim em torno do seu chefe, não pôde a gente abster-se de admirar a milagrosa propagação desta ordem, e de perguntar a si mesmo qual foi a razão providencial disso. Seria necessario, para a desenvolver, contar a historia da idade media. Baste dizer que a prégação viva das virtudes evangelicas era, entre as populações da Europa e sobretudo da Italia, d'uma oportunidade e necessidade vivamente sentidas. Expulsar as heresias que debaixo de mil diversos nomes se introduziam por todas as partes; restabelecer a paz entre os principes, as cidades, e as republicas, fazendo seccar com illustres exemplos as fecundas fontes de todas as guerras: a concupiscencia dos olhos, a concupiscencia da carne e a concupiscencia do ouro: tal era a grande precissão do mundo. Francisco e Domingos foram encarregados desta missão; cumpriram-a, e a face da terra foi renovada. Ha motivo de se admirar



um homem se a voz unanime dos povos sandou  
com transporte estes dois enviados do Ceu, se as  
artes a' porfia celebraram os seus beneficios, e se  
a Egreja coronou as suas virtudes?



# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS

NOS TOMOS V E VI.



### TOMO V.

*Paginas.*

- 17 *de Fevereiro.* Recordação de Annibal. Capua. Amphitheatro. Mosaicos. Cathedral. Recordação de Bellarmino. Aversa. Estabelecimento de alienados. Napoles. Os Lazaroni. . . . . 5
- 18 — Vista geral de Napoles. Encontro d'um regimento da guarda real. Cathedral. Tumulo de Carlos d'Anjou. Columnas antigas. Baptisterio. Basílica de Santa Restituta. Historia desta santa. . . . . 17
- 19 — Segundo visita á cathedral. Capella do seminario. De' Minutolo. Crypta. Tumulo do rei André. Capella de S. Januario. Thesoiro. Sacristia. Bor-

- dão de S. Pedro. Egreja dos Cartu-  
xos. Palavras d'um papa. . . . . 25
- 20 — Egreja de S. Pedro *ad Aram*, da  
Piedade di Sangri, de S. Paulo Maior,  
de S. Gaetano de Siena, de Santo  
André Avellino. Quarto deste. S. Do-  
mingos Maior. Quadros. Tumolos re-  
aes. Recordaçoes de S. Thomaz. A  
*Incoronata*. Frescos de Giotto. Egre-  
ja de Monte Oliveto. Recordaçoes de  
Tasso, de Santa Maria *del Carmine*.  
Recordação do infeliz Conradino. O  
*Gesù Nuovo*. Quarto de S. Jeronimo.  
Excursão ao lago d'Agnano. Gruta do  
Cão. Villa de Pollião. Tumulo de Vir-  
gilio. Santa Maria *del Parto*. Tu-  
mulo de Sanuazero. Santa Maria *a*  
*pié di Grotta*. . . . . 32
- 21 — Gruta de Pausilippo. Puzzoles. Re-  
cordação de S. Paulo. Cathedral. Re-  
cordação de S. Januario. Pedestal do  
tempo de Tiberio. Templo de Serapis.  
Via Campania. O lago Lucrino. A-  
necdota. O lago Averno e a gruta da  
Sibylla. Baia. Cumas. Bauli. O ca-  
bo Myseno. Piscina admiravel. Os  
campos Elyseos. O Maccaroni. Re-  
cordaçoes e impressoes. . . . . 44
- 22 — Pompeia. Historia e ruina da cida-  
de. Aspecto geral. Impressoes. Exa-  
me dos edificios religiosos, civis e par-  
ticulares. Reflexoes . . . . . 77
- 23 — Os Studj, ou Museu Bourbon. Vida

- religiosa. Vida publica. Vida privada dos antigos. . . . . 103
- 24 — O Vesuvio. Resina. A Ermida. Recordação de Spartaco e Plinio. Chegada ao cume do Vesuvio. Descida á cratera. Fertilidade dos terrenos vulcanicos. Herculannum. Portici. O Corricolo . . . . . 119
- 25 — O Albergo dos pobres. Carlos III. Benedicto XIV. O padre Rocco. Charidade napolitana para com as crianças abandonadas. Ponti-Rossi. S. Januario dos Pobres. Catacumbas. Collegio chinez. Gesù Vecchio. Corpo de S. Chrysanta e de Santa Daria. A Vestal martyr. Piedade napolitana. Costumes publicos. Anecdota. . . . . 130
- 26 — Viagem a Mugnano. Cemeterio. Catacumbas. Igreja. Christo de Constantino. Instrumentos de Martyrio. Gruta de S. Felix. Forcas caudinas. Mugnano . . . . . 147
- 27 — Campo de batalha de Cannas. Marcha d'Anpibal. Nota. S. Paulino. Augusto. Os sinos. Volta a Napoles. . . . . 156
- 28 — Preambulo. Anecdota ácerca de Santo Affonso de Liguori. Nocera. Frei Philippe. Quarto de Santo Affonso de Liguori. Pormenores sobre a sua morte. Seu retrato. A Cava. A Biblioteca. Volta a Napoles. Pregadores nas ruas. 164
- 1.º de Março. Ischia. Procida. Vesperas Sicilianas. Gruta Azul. Capri. Re-

- cordaçoens de Tiberio; Monte Solaro. Recordaçoens dos Francezes. Salerno. Tumulo de S. Matheus, de S. Gregorio VII. Amalfi. Cathedral. Recordaçoens historicas. Atrani. Portas de S. Salvatore. Sorrento. O Tasso. Quisisana. Castellamare. Virgem de Pozzano. Barca mercante. Piedoso costume. . . . . 177
- 2 — Partida de Napoles. Observaçoens sobre o povo Napolitano. Capua. Anecdota. Calvi. Ponte-Storto. . . . . 188
- 3 — S. Germano. Ruinas. Monte-Cassino. Egreja. Bibliotheca. Recordação. Anecdota. Hospedaria dell'Amalfi. . . . . 193
- 4 — Arce. Arpino. Recordaçoens de Cicero e de Mario. Aquino. Recordaçoens de S. Thomaz. Rocca-Secca e o P. San Germano. Ceprano. Frosinone. Ferentino. Recordaçoens profanas. Prisão de Santo Ambrosio. *Ave Marias da tarde*. *A estalagem da Fonte*. . . . . 207
- 5 — Anagni. Villa de Cicero. Cathedral. Crypta. Tumulo de S. Magno e de Santa Oliva. Archivos capitulares. Manuscriptos. Carta de Bonifacio VIII. Recordaçoens. Valmontone. Campo de batalha do consul Fabio Ambusto. Lago Regillo. Volta a Roma. . . . . 214
- 6 — Ceremonia da Roza d'ouro. Caridade romana na ordem moral. Catecismo. Archiconfraria de Santa Maria del Pianto. Festa imperial. Exercicios de

*Março.*

*Paginas.*

- primeira commonhão. Santa Luzia *in Trastevere.* S. Vito no Esquilino. . . . . 219
- 7 — Visita a Owerbeck; particularidades ácerca deste artista. O que faz Roma para preparar para a Paschoa. Prê-gaçõens. Estaçoens. Catecismo. Ex-ercicios. Pompas religiosas. Observa-çoens d'um protestante. . . . . 226
- 8 — O que Roma faz todos os domingos para manter a vida moral. Instrucçoens parochiaes e particulares. Missão urba-na. Exercicios de S. Vito e de Santa Maria *in Capella.* Interpretação da Escripura. Via Sacra no Calisen. Sau-daçoens do SS. Sacramento. Todos os dias de semana, instrucçoens e praticas em honra de Nosso Senhor e da San-tissima Virgem. Boterro. . . . . 242



## TOMO VI.

### *Paginas*

9	<i>de Março.</i> Santa Francisca, Romana. Oratorios nocturnos. O Caravita. Escolhas de noite. . . . .	5
10	— Exposição e Adoração perpetua do SS. Sacramento. Culto perpetuo de Maria . . . . .	13
11	— Novena em S. José. Preparação para as festas. . O que Roma faz todos os dias da semana para manter a vida moral. Prègação aos judeus. . . . .	20
12	— Missa em S. Nicolau <i>in Carcere</i> . Associação de S. Luis de Gonzaga. Obra <i>delle Pericolanti</i> . Reflexoens. Estatistica moral. . . . .	26
13	— Missa em Santo Estanislau Kotska. Charidade romana para restituir a vida moral. Presos. Visita ao castello do Santo Anjo, ao Capitolio, e ás Thermas de Diocleciano. Archiconfraria de S. Jeronimo. Prisão da <i>Via Giulia</i> . . . . .	34
14	— S. Pedro <i>in Montorio</i> . Visita à penitenciaría dos moços presos. Associação da <i>Piedade dos Presos</i> . S. Miguel. Outras obras a favor dos presos. Os Irlandezes em Santa Agata <i>alla Suburra</i> . . . . .	41
15	— Visita á Egreja de Santo Agostinho.	

*Março.*

*Páginas.*

- Bibliotheca Angelica. Refugios da Cruz de Loreto, de Santa Maria in Trastevere e da Divina Clemencia. Reflexoens. 48
- 16 — Uma festa no palacio Massimo, O Apollinario. A Universidade. O Collegio romano. As Bibliothecas. . . 55
- 17 — As villas. Villa Albani. Instituto de M. Campa. Villa Ludovisi. Borghese. Pamphili . . . . . 65
- 18 — Pyramide de Cestio. Explicação archeologica deste monumento. Dictionario dos Siglos. Quanto, elle è util ao viajante na Italia. . . . . 72
- 19 — Porta Trigemina. Capella do Adeus. S. Paulo fora dos muros. S. Vicente e Santo Anastacio. S. Paulo *Tres Fontes*. 82
- 20 — Domingo de Ramos. Anecdota. Arco de Druso. Vias Romanas. Via Appia. Basilica de S. Sebastião. Recordações. Inscricção. Villa de Maxencio. Templo e Circó de Romulo. Tumulo de Cecilia Metalla. Igreja do *Domine, quo vadis?* Palavras de Santo Ambrozio e de Suares. . . . . 96
- 21 — Frascati. Villas. O cardeal Micara. Tusculum. Grotta Ferrata. . . 114
- 22 — Palestrina. Recordações de Pio VI. Subiaco. Tivoli. Recordações de Santa Symphorosa. Templo de Vesta, da Sibylla. Villa de Mecenas. As Castellas. Villa de Varro ou *Madonna del' Quintigliolo*. Gruta das Seréas. Villa d'Este. Villa d'Adriano. Tomu-



- lo da familia Plaucia. A Solfatarre. Ponte *Mammolo*. Volta a Roma. . . . . 122
- 23 — Egreja da Magdalena. S. Camillo de Lellis. Trevas na capella Sixtina. Dificuldade de assistir a ellas. Idêa geral do officio. Pinturas da capella. Canto dos Psalmos e das Lamentaçoens. *Miserere* de Bainsi, de Bai, d'Allegri. Juizo de Mons. Wiseman. . . . . 136
- 24 — Missa na capella de Sixtina. Offertorio de Palestrina. Procissão na capella Paulina. Lavagem dos pés. Messa da Ceia. Funcçoens do Penitenciario-mor. Trevas. Lavagem do altar em S. Pedro. Exposiçoens. Sermão da paixão em Santo André *della Valle*. . . . . 149
- 25 — Sexta feira Santa. Vista d'olhos sobre Roma. Veneração das reliquias em Santa Cruz em Jerusalem. Officio na capella Sixtina. Adoração da Cruz. Tributo real. Exposição da Vera Cruz. Trevas. Veneração das reliquias em S. Pedro. As tres horas d'agonia. A Via Sacra. A hora de Maria afflicta. Officio segundo o rito Grego. A academia dos Arcades. . . . . 158
- 26 — Capella Sixtina. Canto do *Exsultet*, das Prophecias e das Ladainhas solemnes. Missa do Papa Marcello. Biographia de Palestrina. Canto do *Gloria in Excelsis*. A *Alleluia*. Visita do tumulo de Palestrina. Aspecto de Roma. Missa armenia. Coroação da Santa Vir-

<i>Março.</i>	<i>Páginas</i>
gem. A Trindade dos Peregrinos. O O Caliseu; ao luar. . . . .	104
27 — Paschoa. Vista de Roma e de S. Pedro. Entrada do Papa. Missa. Vista de S. Pedro. Benção solemne. Festa nas familias. Illuminação do Vaticano.	178
28 — Adeus a Roma pagan. Fogo d'artificio do castello do Santo Anjo. Reflexoens sobre as solemnidades Romanas da Semana Santa e da Paschoa.	185
29 — Adeus a Roma christian e a Roma subterranea. Cadêa de S. Paulo, em S. Paulo <i>fôra dos muros</i> . Cadêa de S. Pedro, em <i>S. Pedro in Vincoli</i> . Palavras de S. Chrisostomo . . . . .	194
30 — Quarto de S. Luis de Gonzaga. Adeus a S. Pedro e S. Paulo. Retratos dos dois Apostolos. Adeus final. . . . .	202
31 — Partida de Roma. Cività-Castellana. Recordação de Maçdonald. Otricoli. Narni. Cathedral. Tumulo de S. Cassio. Recordação de Tacito. Combate do general Lemoine. Martyres. <i>Cascata delle Marmore</i> . La Somma. Spolletto. Recordaçoens pagans e christãs. Foligeo. Casa-Pia. Cathedral. O Santo martyr Feliciano. . . . .	213
1.º <i>d'Abril</i> . S. Francisco d'Assis. Spello. Santa Maria dos Anjos. Indulgencia da Porciuncula. Festa. Assis. Egreja e convento de S. Francisco d'Assis. Volta a Foligno. . . . .	220